

# Amores Marginais

## SUMÁRIO

### **Preliminares**

Sinopse

Capítulo Especial – Epígrafes Indispensáveis

*Amores Marginais* – 1ª Parte

### **Começo**

Capítulo 1 – A Decisão

Capítulo 2 – A Visita

Capítulo 3 – A Origem

Capítulo 4 – Jandira(s)

*Amores Marginais* – 2ª Parte

### **Meio**

Capítulo 5 – Lolitas – Nabokov Prêt-à-Porter

Capítulo 6 – A Metamorfose

Capítulo 7 – Surpresas

Capítulo 8 – Boneca

Capítulo 9 – Goldwater

Capítulo 10 – Fogo

Capítulo 11 – A Princesa

Capítulo 12 – O Susto

Capítulo 13 – Jandiras em Ação (A, B, C)

Capítulo 13-A – Linhas Paralelas e Assimétricas

Capítulo 13-B – Pouso de Emergência no Meio do Nada

Capítulo 13-C – Longe Demais (ou A Queda de Mikhail Gorbachov)

Capítulo 14 – Virgínia

Capítulo 15 – Varanda e Cobertura

Capítulo 15-A – O Príncipe Anfíbio

Capítulo 15-B – VC 2 – A Explosão

Capítulo 16 – Olhos Tristes – Dor, Prazer e Agonia

Capítulo 17 – A Bela Adormecida

Capítulo 18 – Lobo Mau, Urso Bom, Cavalo Doido  
Capítulo 18-A – Saudade, Encantamento e Coisas Extras  
Capítulo 18-B – Pânicos  
Capítulo 19 – Love  
Capítulo 19-A – A Estréia  
Capítulo 19-B – Olhos de Tempestade

*Amores Marginais* – 3ª Parte

## **Fim**

Capítulo 20 – O Julgamento  
Capítulo 21 – A Escolha  
Capítulo 22 – Divisão e Fuga  
Capítulo 23 – Perigo!  
Epílogo – Anjos do Purgatório / Tatuagens e Cicatrizes

## **SINOPSE**

O protagonista de *Amores Marginais ou O Gigante Imaginário* decide cometer um assassinato. Só falta escolher a vítima, que ele procura, ajudado por um personagem bizarro, entre mulheres adultas e adolescentes que conheceu no sentido bíblico.

Baseado numa inversão dos enredos policiais (neste caso, procura-se a vítima, não o assassino), este romance se fundamenta também numa relação dinâmica entre os planos temporais: o presente observa, revive e comenta o passado (e também a si próprio) com vistas a uma ação futura.

Além da força do parceiro de escolha, da temática contundente, sem concessões ao cor-de-rosa, e do argumento original, *Amores Marginais* apresenta um protagonista polêmico e ricos personagens (femininos, em sua grande maioria, mas também alguns masculinos), retratando, com sobriedade mas sem meias palavras, maneiras de pensar, viver e sentir capazes de atrair o interesse e a curiosidade de grande número de leitores.

Uma das principais características do livro é o forte erotismo de alguns trechos, essencial para a caracterização dos personagens e das relações entre eles, para a estruturação da obra e para a construção da trama e das subtramas que a compõem. Há passagens de grande tensão e conflito, trechos em que predomina o humor e partes em que ambos caminham juntos, inseparáveis.

*Amores Marginais* subverte, ainda, duas linhas clássicas da literatura e do cinema populares (as histórias de tribunal e as de serial killers), inova ao combinar capítulos e intervalos e inclui poemas cruciais para a narrativa, propondo formas de articulação entre a prosa e o verso, caminho explorado mais extensivamente nos dois trabalhos apresentados ao mesmo tempo que este (*Inimigos, Reencontros e Os*

*Vivos e Os Mortos no Caminho das Sombras*).

Sobre o trabalho literário do autor, sociólogo pela Escola de Economia e Ciência Política da Universidade de Londres (*London School of Economics and Political Science*), escreveu o jornalista e escritor Luiz Augusto Crispim, ex-presidente da Academia Paraibana de Letras:

"Certos autores surpreendem pelo estilo. Outros pelo vigor temático. Há os que impressionam pela conciliação das duas vertentes. **Gilson Gondim** consegue esse prodígio. Escreve forte por linhas singelas. Uma semântica aparentemente despojada faz da sua temática um enredamento de figurações humanas da mais profunda densidade.

Como consegue, só ele é capaz de explicar.

O importante, porém, é a maneira de chegar. **Gilson Gondim** chega diante do seu leitor com expressão definitiva. Sem hesitação. Um autor consumado e completo, a buscar com decisão o lugar que lhe é reservado na literatura brasileira contemporânea".

## CAPÍTULO ESPECIAL

### **EPÍGRAFES INDISPENSÁVEIS: RECADOS EM PROSA E VERSO**

“A poesia, a magia, a arte não podem habitar corações medrosos”;

“A arte, de um modo geral, só faz sentido como uma tribuna livre, onde se possam discutir até as últimas conseqüências os problemas do homem”;

“Para poder ver é preciso esquecer a religião, a educação e a ideologia”;

“Não se prenda a nada.”

(Plínio Marcos, *Na trilha*)

\* \* \*

“A verdade é um espelho que caiu das mãos de Deus e se quebrou. Cada um recollhe um pedaço e diz que toda a verdade está contida naquele caco de vidro.”

(Rômi, poeta místico persa)

\* \* \*

“Insisto na relatividade. Sem ela, sem o pluralismo, jamais alcançaremos a democracia. Acreditar que somos os únicos a deter a verdade é a primeira manifestação do fascismo.”

(Mohsen Makhmalbaf, cineasta iraniano. “Makhmalbaf e o admirável Irã das telas – República islâmica faz cinema original”, *Folha de S. Paulo*, 23 de maio de 1997).

\* \* \*

“Tenho por norma achar que a verdade é uma questão de opinião e não de informação. Pilatos perguntou a Cristo o que era a verdade – e olha que perguntava a quem se declarava a própria verdade. Não teve resposta. Mesmo assim, tomou as providências necessárias.”

(Carlos Heitor Cony, “Opinião x Informação”,  
*Folha de S. Paulo*, 4 de maio de 1997)

\* \* \*

“Sou um escritor. Todo escritor tem não apenas o direito de ofender mas a obrigação. Quando ouço que não posso ofender tal e tal grupo, tenho vontade de responder que tudo o que procuro são novos caminhos para ofender mais e mais gente.”

(John Irving, escritor americano, autor de *O Mundo Segundo Garp* e *O Filho de Deus Vai à Guerra*. “John Irving ataca o moralismo”, *Folha de S. Paulo*, 3 de maio de 1992)

\* \* \*

“Quando pensa a relação entre arte e cultura, Godard faz a distinção: a cultura é a regra; a arte é a exceção. É da natureza da regra querer matar a exceção.”

(Inácio Araújo, “Godard enfrenta o império das pipocas”,  
*Folha de S. Paulo*, 8 de agosto de 1997)

\* \* \*

“O importante é o ato físico do amor. Eu sei disso até como médico. O amor de Romeu e Julieta, platônico, é apenas uma preparação para o ato físico, que é o que há de melhor no amor. O ato mais decente que o homem faz na sua vida é o amor físico.”

“O ato erótico, o amor em si, é um ato de pesquisa. A pessoa procura decifrar o que o outro tem. Mudando o objeto dessa pesquisa, mudando a pessoa, esse ato tem muito mais prazer.”

“Não tenho preconceito moral, preconceito de espécie alguma. Depois que deixei a medicina, procurei me desprofissionalizar, me deseducar. Tentei tirar de dentro de mim cada coisa que a escola, a família, a educação me deram, para poder viver.”

(Pedro Nava, memorialista, autor, entre outros, de *Baú de Ossos* e *Beira-Mar*, citado em *Isto É*, 23 de maio de 1984)

\* \* \*

“O sexo é sempre virtual porque, apesar da presença do parceiro, cada um está fundamentalmente na sua própria fantasia e procura fazê-la funcionar com o outro que está um pouco na dele. O sexo é uma espécie de lugar em que existem duas ou mais pessoas numa cama e, evidentemente, a fantasia sobrevoando.

Quando falo de fantasia sexual, falo de fantasia que se realiza sexualmente. O

que fica no campo sexual não deve jamais ser considerado patológico. Estupro é sem dúvida um crime penal, mas não uma patologia sexual.”

(Contardo Calligaris, psicanalista. *Folha de S. Paulo*,  
28 de setembro de 1997)

\* \* \*

“Os mesmos afetos, no homem e na mulher, têm ritmos diferentes. É por isso que o homem e a mulher não cessam de se desentender.”

(Nietzsche)

\* \* \*

Enfiar a cabeça no solo  
é deitá-la no colo da inconsciência.  
Ó vidinhas arrumadas,  
eu choro sem lágrimas a dor sem igual  
(exibida em tantas calçadas)  
de vossa infinita paciência.

(Gilson Gondim, *Inimigos*, p. 21)

\* \* \*

“Nada do que foi será / de novo / do jeito que já foi um dia / tudo passa / tudo sempre passará.”

(Lulu Santos e Nelson Motta, *Como Uma Onda*)

\* \* \*

“Eu amo tudo o que foi,  
Tudo o que já não é,  
A dor que já me não dói,  
A antiga e errônea fé,  
O ontem que dor deixou,  
O que deixou alegria  
Só porque foi, e voou  
E hoje é já outro dia.”

(Fernando Pessoa, 1931)

\* \* \*

“A vida humana é uma luta sem fim do ego com o seu entorno.”

(Sigmund Freud)

\* \* \*

As emoções que compartilhei com o mundo não me fascinam tanto  
quanto as minhas lembranças que o mundo ignora;  
que nenhuma influência sobre ele tiveram,  
nenhuma emoção causaram aos povos

do pequeno planeta onde tenho vivido  
as mil emoções que o mundo ignora.

(Gilson Gondim, *Inimigos*, p. 60)

\* \* \*

“How can we sleep while our beds are burning?”

“Como podemos dormir enquanto nossas camas pegam fogo?”

(Midnight Oil, grupo australiano de rock, na música *Beds Are Burning*)

\* \* \*

“I did it my way.”

“Eu fiz à minha maneira.”

(Trecho de uma canção francesa consagrada em sua versão americana)

\* \* \*

“Desejo quando não se arrisca é provocação.  
Liberdade faz gato e sapato da proibição.”

(Hanoi Hanoi, grupo de rock dos anos 80, em *Fanzine*)

O grande sol recém-nascido  
destruiu a madrugada fria,  
sepultou os restos da noite  
e construiu o começo do dia.  
Aqueceu a manhã e a tarde  
e então se escondeu  
(temeroso, covarde),  
abrindo as portas da noite para a celebração...  
e a melancolia.

## CAPÍTULO 1

### A DECISÃO

Foi entre os corredores matinais do calçadão da praia que eu vi pela primeira vez o Anão Imaginário. Antes de vê-lo, porém, eu já deduzira sua existência, ao observar o homem que ele acompanhava.

O homem corria com um dos braços encostado no tronco, girando o antebraço com a mão aberta, como se estivesse, enquanto corria, alisando a cabeça de um anão. Eu imitava os trejeitos do corredor, ao descrever a variada fauna matinal.

Um belo dia eu vi o Anão, como sempre o imaginara, correndo ao lado do homem que alisava sua cabeça, incrivelmente ágil para quem era tão atarracado. Alguns dias depois o Anão me viu. E sorriu para mim.



\* \* \*

Assim começaria esta história se fosse um romance de realismo fantástico latino-americano chamado O Anão Imaginário. Mas não é. Vamos, então, começar outra vez.

Um deles morrerá! Muito pomposo. Mas é verdade, um deles morrerá mesmo. De tanto assistir a filmes de terror, acabei me convencendo de que somente dois atos, ou fatos, dão sentido à vida: matar e morrer. A explicação é fraca? Pode ser. Talvez eu não saiba ao certo por que tomei esta decisão. O importante é a decisão tomada. Os psicólogos que a expliquem, se puderem.

Um deles morrerá. Um deles quem? Um dos personagens deste livro, é claro. Foi para isso que resolvi escrevê-lo, é para isso que preciso escrevê-lo: para escolher a vítima. Nós vamos assistir a alguns filmes de metragens variadas. Em todos eles estará o assassino: eu. Num deles estará a vítima: quem?

E por quê?

\* \* \*

Eu gostaria de passar os filmes num jornal, pouco a pouco, passo a passo. Os leitores/espectadores me telefonariam: "é esta!". E depois mudariam de idéia: "eu acho que esta merece mais". Só não valeria decidir que ninguém deve morrer. São várias as opções que ofereço. Mas os limites estão postos antes da escolha.

Como em qualquer escolha.

---

## 1º INTERVALO

Tudo começou com um momento mágico,  
que superou até o meu sorriso cínico  
e passando por cima do meu vício clínico  
ignorou o meu sentir supostamente prático,  
abrindo os mil caminhos de um tempo cálido.

Mas tudo terminou num movimento gélido.

Eu não posso evitar um sentimento trágico  
sobre quem eu conheci no sentido bíblico.

## CAPÍTULO 2

### A VISITA

O Anão sorriu para mim. Sim, ele faz, afinal, parte da história. Que não é, no entanto, um romance de realismo fantástico latino-americano nem se chama O Anão Imaginário.

Mas o Anão é muito importante. E é fantástico. E falou comigo. Ele me disse:

— Qualquer dia desses vou lhe fazer uma visita. A gente precisa conversar.

Afastando-se rapidamente, ao lado de seu parceiro de corridas matinais, o Anão virou a cabeça e gritou:

— Onde eu disse "dia", leia-se "noite".

O Anão da Meia-Noite?



\* \* \*

Por várias semanas esperei vê-lo entre os fantasmas que invadem minha casa no espaço entre a vigília e o sono.

Eu nunca temi ser atacado pelos fantasmas. Meu único medo, em relação a eles, é que abram, enquanto durmo, as portas da minha casa, deixando tudo à vista, permitindo a entrada de qualquer um.

Por isso, quando os percebo mais ativos que o habitual, durmo segurando as chaves. Os fantasmas me podem ver. Mas não me podem mostrar.

\* \* \*

Os fantasmas perambulam no meu quarto.  
Os fantasmas me acoçam no meu sono.  
Os fantasmas se escondem,  
se transformam,  
se revelam  
nos desvãos da minha alma.  
Os fantasmas se divertem  
com as lembranças do meu corpo.

\* \* \*

O Anão demorou para vir. Numa noite em que os fantasmas estavam agitadíssimos, quando eu já recolhera as chaves da casa, ele finalmente apareceu.

Sua figura se formou aos poucos. Eu pensei, de início, que era uma criança. Só percebi que era o Anão quando ele, ao contrário dos fantasmas, falou comigo. Ele disse:

— Um deles deve morrer.

---

## 2º INTERVALO

No momento em que as trevas  
se encontram com a luz,  
aqueles que já acordaram observam com desprezo  
misturado com inveja  
os que ainda não dormiram.

Enquanto isso meu corpo desliza,  
veleja,  
flutua...

Viajando pra lugar nenhum.

## CAPÍTULO 3

### A ORIGEM

— Um deles quem?

— Um dos fantasmas.

— Como se pode matar um fantasma?

— Você não entendeu. Eles ainda pertencem ao mundo dos vivos. São fantasmas e são pessoas ao mesmo tempo. Uma dessas pessoas deve tornar-se apenas fantasma.

— Por quê?

— Elas merecem deixar o mundo das criaturas vivas.

— Se muitas merecem, por que somente uma morrerá?

— Escolher é uma arte. Nós vamos pôr em marcha a nobre arte da escolha. Nós dois, eu e você, parceiros no ofício da escolha.

O Anão balançou os braços curtos, com os punhos fechados e o rosto rubro de empolgação.

— Elejamos uma vítima! — bradou. — Escrevamos uma morte! Vamos mudar as nossas vidas construindo um segredo terrível. Os segredos terríveis são a alma das vidas que valem a pena.

Ele saiu pulando pelo quarto, excitadíssimo. "É completamente louco", pensei. "E sua loucura me fascina".



\* \* \*

Agora vocês conhecem a origem da decisão que tomei: O Anão, talvez

— Um veterano psicólogo disse na televisão que o ser humano tem três prazeres básicos: a comida, o sexo e a vingança.

— E nós não desprezamos nenhum dos três, não é? — animou-se o Anão.

— Não desprezamos nenhum dos três.

#### CAPÍTULO 4

#### JANDIRA(S)

O gênio gemeu na janela que jamais fora aberta pela bela Jandira.

Jandira abriu a janela.

O gênio jurou a Jandira que jamais amaria uma outra mulher.

Jandira jurou ao gênio que jamais abriria a janela outra vez.

Jandira fechou a janela.

Então o gênio, que se via gigante, se julgou um anão.

E o gênio invejou a girafa,

se trancou numa jaula,

se esqueceu de jantar.

O gênio destruiu a janela.

Mas Jandira sumira, não estava mais lá.

O gênio resolveu não morrer para encontrar a Jandira em alguma janela.

Nunca vai encontrar!

Por quê? Onde está a Jandira?

Jandira ajeita o jantar!

\* \* \*

— Vamos matar a Jandira! — proclamou o Anão.

— Jandira não existe — retruquei. — É apenas personagem de um poema.

— Existe sim. Existe tanto que é múltipla. As jandiras existem, deixaram as janelas, ajeitam os jantares... merecem morrer!

— Todas?

— Todas merecem, mas somente uma morrerá por nossas mãos. O gênio terá sua vingança.

— O gênio não existe. É apenas personagem de um poema.

— Ele existe. Com outros nomes, mas existe. E é vítima das janelas fechadas. Tem o direito de se vingar.

Estava decidido. Só nos restava fazer a escolha. A eleita poderia, contudo,



não ser uma jandira. Argumentei:

— Nem todas as candidatas que você vai conhecer podem ser classificadas como jandiras. A vítima escolhida pode ter outra descrição.

— Vamos ver. Mãos à obra! — conclamou o Anão.

---

#### 4º INTERVALO

Alguns fantasmas poderão ser condenados, outros absolvidos. Dentre os que forem condenados, será escolhida a vítima do homicídio que eu e o Anão decidimos cometer.

### CAPÍTULO 5

#### **LOLITAS – NABOKOV PRÊT-À-PORTER**

Lá estavam as três, no ponto: Sofia, Sandra, Cristiane. Sofia e Sandra eu já conhecia, saíra com ambas alguns dias antes, 30 reais para cada uma, serviço completo. Cristiane era novidade.

— Quer sair com as três? — perguntaram.

— Por quanto?

— Trinta pra cada, como da outra vez.

— Mas desta vez são três. Ficaria por 90 reais, é muito.

— Quanto você pode pagar?

— Sessenta é o máximo.

— Então vamos, vinte pra cada.

Era Sofia, a “durona”, quem negociava.

— Completo?

Ela confirmou com a cabeça.

— E ela? — perguntei.

Sofia voltou-se para Cristiane:

— Topa fazer completo?

— Como é completo?

— Boca, buceta e bunda — explicou Sofia, sem rodeios.

— Não.

— Então eu vou só com as outras duas.

— Sofia vai dar a bunda? — espantou-se Cristiane.

— Vou — respondeu secamente.

— Tá bem, eu vou — concedeu a outra.



Um ótimo negócio. Faria com três o mesmo que fizera com duas da outra vez. E pelo mesmo preço.

\* \* \*

— Eu sou a primeira — decretou Sofia, autoritária. As outras obedeceram, e eu resolvi aceitar, apesar de contrariado porque ela tomara uma decisão que deveria ser minha. Preferi evitar um conflito sobre algo secundário.

Adolescente esguia, morena clara, bonita. Cabelo castanho escuro, liso, amarrado num rabo-de-cavalo curto. Poucos sorrisos. Mãos bem cuidadas para uma menina de rua, unhas de tamanho médio, bem feitas, sem pintura. Uma figura elegante e altiva. Ela não era, na verdade, uma menina de rua: tinha família e endereço. Mas passava muito tempo nas ruas, de onde tirava seu sustento e grande parte da subsistência de sua família.

Eu já fizera algumas tentativas de sair com Sofia, entre um e dois anos antes do primeiro encontro, quando ela praticava uma prostituição mais limitada. “Eu só pego e chupo. Não transo nem dou a bunda”, dizia com arrogância. Dizia.

\* \* \*

Sofia deitou-se de bruços, com as pernas bem separadas, oferecendo-me o verso do seu corpo juvenil. Pedi que fechasse um pouco as pernas, para me acomodar sobre ela. Recusou-se. Fizemos um trato: ela se pôs sobre a borda da cama, de quatro, com os ombros abaixados, receptiva, sem barreiras.

Eu a penetrei fascinado. A menina altiva e arrogante deixava de ser um sonho, tornava-se inesquecivelmente real.

\* \* \*

Assim fora alguns dias atrás. Agora a confirmação, o primeiro ato de uma peça proibida.

\* \* \*

Depois de Sofia, veio Sandra. Não era bonita nem feia, não era arrogante ou carinhosa. Inexpressiva. Passou pela cama alugada sem provocar nenhum grande sentimento, nem mesmo de frustração, nenhuma emoção forte. Passou, simplesmente, no embalo da noite.

\* \* \*

Cristiane, doce criatura. Pele clara, cabelo curto, corpo longilíneo, rosto de anjo. Sorridente e carinhosa. Surpreendente.

Criou-se de imediato, entre nós, um clima descontraído. Conversamos sem pressa. Uma conversa fácil, a despeito de suas poucas palavras.

— Você mora com quem? — perguntei.

— Eu vivo com um rapaz.

— Que idade ele tem?

— 16.

— Trabalha?

— Estuda, à noite. A gente mora com a mãe dele. Ele faz uns biscates.

— Ele sabe?

— Não.

— E se descobrir?

— Iih!

— E a mãe dele?

— Ela sabe.

— E não se importa?

Ela sorriu:

— A gente precisa.

Havia drama no que dizia Cristiane, mas não em como ela dizia. Falava com uma tranqüilidade absoluta, relaxante. Não questionava, não lamentava. Limitava-se a constatar. “Limitava-se” não é bem o termo, pois não havia deliberação. Ela era assim. Ou, pelo menos, assim apresentou-se naquela noite.

\* \* \*

O toque de Cristiane era suave e intenso. Eu a toquei da mesma forma, avançamos devagar. Íamos começar a etapa final quando as outras duas entraram no quarto:

— Ainda?! — repreendeu Sofia.

Cristiane sorriu, eu fiz cara feia. A atenção de Sofia e Sandra foi atraída pelo filme pornô que passava no vídeo. Cristiane de bruços, eu sobre ela, penetração. Mas elas não estavam interessadas, o filme as atraía mais.

Não sei se incomodado por sua presença ou por sua indiferença, mandei que saíssem. Obedeceram sem protestos. Concentrei-me de novo na terna Cristiane. E assim terminou a aventura escandalosa.

\* \* \*

Eu estava com Sofia, no começo da noite. Na televisão, o presidente da República falava de programas sociais. Ela resmungou, irritada:

— Não adianta, não adianta...

E nada mais disse nem lhe foi perguntado.

\* \* \*

— Sofia é seu nome verdadeiro?

Sua resposta foi outra pergunta:

— Quer conhecer minha casa?

\* \* \*

O Anão ouvira atento o meu relato. Agora, caminhava nervoso e pensativo pela sala.

— Sofia! — exclamou.

Esperei o complemento:

— Merece morrer.

— Você acha?

— Claro. Ela é arrogante, autoritária...

— E daí?

— Deve ser punida por isso.

— Você está esquecendo algo muito importante.

— O quê?

— A arrogância e o autoritarismo de Sofia me causaram prazer, muito prazer.

O Anão sorriu grotescamente. Estava sentindo o que eu sentira.

— Sandra! — sugeriu.

— Por quê?

— Inexpressiva.

— A inexpressividade e a morte não combinam.

— Ser inexpressivo é uma forma de estar morto.

— Eu pensei na morte como tragédia, não como rotina. De qualquer modo, por que matar quem já não vive?

— Cristiane, então.

— Cristiane?! A doce e bela Cristiane?

— Não deve ser tão bela.

— Eu a vi bela naquela noite.

— Nunca mais a viu?

— Nunca mais a vi. Se nós a escolhermos, vamos ter que procurá-la.

— Quanto à doçura... Ela foi paga para ser doce.

Olhou para mim com um ar vitorioso e zombeteiro.

— Errado! — rebati. — Ela foi paga para transar comigo. As outras também o foram. E se comportaram de outras maneiras, bem diferentes.

— Mas isso não muda o fato de que você teve de pagar — insistiu o Anão.

— É claro! Se ela não fosse uma prostituta, eu nem a teria conhecido. Ela não estaria onde a encontrei.

Esperei a resposta do Anão, mas ele não falou. Prossegui:

— Motoristas de táxi não dão carona a estranhos. Todos cobram. Mas não são iguais. Uns são mais gentis do que outros.

— Cristiane o abandonou! — acusou o Anão.

— Abandonou-me? Isso não faz sentido.

— Deve ter-se transformado numa jandira.

Ele arregalou os olhos e apontou para um lugar indefinido:

— Uma jandira suburbana!

— Eu não quero matar Cristiane — resisti. — E não creio que ela tenha se transformado numa jandira.

— Mas vai se transformar.

— É provável, mais cedo ou mais tarde. Mas devemos agir sobre fatos, não sobre expectativas e previsões.

— Ainda não chegou a hora de decidir — encerrou o Anão.

---

## 5º INTERVALO

— Aldous Huxley meteu o pau em São Francisco de Assis — comentei com o Anão.

— No que fez muito bem.

— Você leu? Do What You Will. “Faça O Que Desejar”. Publicado no Brasil como Satânicos e Visionários. Tem um ensaio sobre a humildade...

— Faça o que desejar! — exaltou-se. — Claro que li. São Francisco queria que as pessoas aprendessem a dobrar, a domar e dominar sua humana natureza. Nada poderia ser mais arrogante e pretensioso do que isso. Concordo plenamente. Abaixo São Francisco!

— E viva Rasputin?

— Viva Rasputin, o homem que pregava, como líder de uma seita, a verdadeira humildade, a humilde aceitação dos nossos desejos humanos. Como não? Viva Rasputin! — empolgou-se o Anão aos pulos pela sala, como uma criança desvairada com um brinquedo colorido.

Percebi um movimento de recuo nas sombras dos cantos da sala. Eram os fantasmas, com certeza, temerosos do vibrante anão rasputiniano.

## CAPÍTULO 6

### A METAMORFOSE

Três mulheres pediam carona. Parei, entraram no carro. Duas eram muito feias, a outra tinha traços de beleza. Percebia-se que não tinha mais do que vinte e poucos anos. Mas já conhecera tempos melhores, era esta a impressão que passava.

Sentada no banco de trás, ela se inclinou para a frente e começou a conversar. Explicou que precisavam de dinheiro, iam “batalhar”, etc. Sua voz e seu rosto não eram desconhecidos. Indaguei para confirmar:

— Como é seu nome?

— Meu nome é Daline.

Daline! Então era ela mesmo. Minha mente mergulhou no passado, recuou sete anos.



\* \* \*

A garota bonita na calçada me chamou a atenção. Morena clara, cabelo curto, formas redondas, feições suaves. Parei o carro, sorri para ela:

— Oi.

— Oi, John Lennon.

— John Lennon?!

— É, parece.

— Vamos dar uma volta.  
— Hoje não posso.  
— Não pode por quê?  
— Hoje não dá. Passe amanhã.  
— Amanhã quem não pode sou eu.  
— Então passe aqui outro dia.  
— Tá certo — resignei-me. — Tchau.  
— Tchau, John Lennon.

Nunca soube por que ela não saiu comigo naquela noite. Eu a procurei duas vezes na semana seguinte, para finalmente encontrá-la após alguns dias.

Estacionei no acostamento de uma ladeira escura. Carros desciam em velocidade de vez em quando. Daline, totalmente concentrada em sua tarefa, exibia uma habilidade oral empolgante, enquanto eu lhe acariciava o cabelo e o rosto, o pescoço, as costas, as coxas, os seios, a bunda. Explodi em sua boca com um prazer imenso, no instante em que um caminhão corredor agitava o ar, sacudindo o carro.

\* \* \*

Daline não tinha a altivez de Sofia nem a apatia de Sandra, garotas que eu conheceria no mesmo lugar alguns anos depois. Era simpática e afável, sem, no entanto, a suavidade de Cristiane. Daline era... profissional. Era competente, às vezes brilhante em seu ofício. Mas não havia artificialismo em sua eficiência, que parecia fazer parte de sua personalidade.

Encontramo-nos algumas vezes durante cerca de um ano. Ela tinha o número do meu telefone, ligava para marcar os encontros. Sem nenhum aviso prévio, deixou de ligar e sumiu das ruas. Meses mais tarde, sua prima Flávia me diria que Daline se tornara exclusiva do proprietário de uma rede local de supermercados. A informação me deixou orgulhoso.

\* \* \*

Era ela! Esmacida, decaída, perdera o brilho, perdera o viço. O que acontecera com seu amante empresário? A prima Flávia teria mentido? Mas Flávia não gostava dela, tinha inveja, por que inventaria uma história favorável?

— Você tem filhos? — perguntei.  
— Tenho quatro.

Quatro! Em menos de seis anos. Senti pena e raiva de Daline ao mesmo tempo. Não me afetava o fato de que ela, aparentemente, não me reconhecera. Mas sua decadência precoce era deprimente e revoltante.

— Não quer dar uma saída? — convidou.  
— Não — respondi. — Hoje não posso.

\* \* \*

— Ela o abandonou — disse o Anão. — E o fez da maneira mais irreversível que pode haver. Ela simplesmente deixou de existir sem ter morrido.

— Não é culpa dela — contemporei. — A situação social...

— Nós não estamos aqui para falar de situação social — cortou o Anão, irritado.

— A noção de responsabilidade individual é imprescindível em qualquer julgamento. E nada a obrigava a ter quatro filhos em tão pouco tempo. Você sentiu raiva dela.

— E pena.

— É horrível ter pena de alguém. E quando se tem raiva e pena ao mesmo tempo... — Ele fez uma pausa dramática e arrematou:

— É uma sentença de morte.

— Não chegou a hora de decidir — finalizei.

---

## 6º INTERVALO

O telefone tocou, acendeu-se a esperança. Alguém atraente, quem sabe. Não, não era ninguém atraente. Era apenas um trote:

— Isto é uma gravação. A Telpa informa: seu telefone vai mudar para dois - dois - meia - cala a boca e não chateia.

Risos de adolescente boboca e fim da chamada. Vi o número do engraçadinho no identificador de chamadas, um aparelho que ainda era muito pouco conhecido, e liguei de volta:

— A Telpa informa: você é um babaca, filho da puta e imbecil.

Surpresa, silêncio, perplexidade. “Como ele sabe?” Tive o prazer de imaginar a impotência do adolescente ao deparar com um inimigo súbito, enigmático e aparentemente poderoso. Mas não fiquei satisfeito, liguei outra vez.

Atendeu uma moça. O passador de trotes devia, a essa altura, estar fugindo do telefone como um vampiro da claridade.

— Você tem um irmão mais novo, não tem?

— Tenho. Quem está falando?

— E seu irmão gosta de passar trotes, não gosta?

— Não... Por que você tá dizendo isso?

— Ele me passou um trote há poucos minutos.

— Como é que você sabe?

— Eu tenho meios de saber. O seu irmão pode acabar num reformatório por causa desse hábito. Quer saber como foi o trote que ele passou agora há pouco?

— Não precisa. Desculpe.

E desligou apressada, pensando, com certeza, que o trote fora muito pior do que na verdade tinha sido. Diverti-me ao imaginar a moça brigando com o irmão e a família inteira preocupada.

— Isso daria um bom argumento para um filme barato de suspense: ofendido por um trote inocente, um psicopata persegue a pobre família de um adolescente trapalhão metido a esperto. Que tal?

— Pode ser. Mas temos outras prioridades no momento.

— É verdade, é claro, temos outras prioridades — lembrou-se o Anão.

## CAPÍTULO 7

## SURPRESAS

— É empregada ou filha de alguém que mora aqui?

— Empregada.

Gabriela me cumprimentara timidamente ao passar. Usava tênis branco, blusa e short azuis. Pele marrom escura, cabelo cheio e liso, comprido, feições exóticas, meio orientais, e pernas quase perfeitas, impressionou o homem que conversava comigo.

— É bonita! — admirou-se.

— É — concordei. — É bonita, apesar de um pouco estrábica.



\* \* \*

Uma semana antes eu encontrara Gabriela e sua colega de trabalho sentadas na escadaria do edifício, à uma hora da manhã.

— Algum problema?

— O homem passou o ferrolho na porta, a gente tá sem poder entrar. — contou a outra. Gabriela, sisuda e tímida, mal olhou para mim.

— E vocês vão passar a noite aqui?

— É o jeito.

— Passar a madrugada sentada numa escada e ainda ter que trabalhar de manhã, não vai ser fácil.

— É, mas não tem outro jeito.

— Tem. Vocês podem dormir na minha casa.

— Na sua casa?!

— É. Eu vou dormir na rede da sala, vocês podem dormir no quarto, numa cama de casal.

Passada a perplexidade inicial, elas aceitaram o convite. Às cinco e meia, me chamaram para abrir a porta. Este pequeno ato de solidariedade noturna seria motivo de fofocas e especulações entre empregados e moradores.

\* \* \*

Interessado em Gabriela, eu me sentia desestimulado por seu jeito retraído, interpretava sua sisudez como falta de interesse. Foi uma grande surpresa, portanto, receber a sua carta, inserida por debaixo da porta cinco dias após o rumoroso episódio. Na carta, ela falava sobre o cheiro dos meus lençóis, da emoção de ter dormido em minha cama, de como gostava de me ver passar.

\* \* \*

Onze horas da noite, eu acabara de chegar e de escovar os dentes. Ainda no banheiro, tive a impressão de ouvir uma batida muito leve na porta principal. Olhei pelo olho mágico e vi Gabriela surpreender-me pela segunda vez no mesmo dia.

— Oi, Gabriela, que surpresa boa — cumprimentei sorridente.

Ela ensaiou um sorriso, olhou para baixo e tentou explicar:

— Eu vi você chegando...

— Não quer entrar?

\* \* \*

Ficamos uma meia hora na rede da sala, ouvindo música e namorando. Gabriela quase não falava, quase não sorria, mas era receptiva e calorosa. Esbanjava em iniciativas o que poupava em palavras e sorrisos. Ela era um contraste desconcertante, encantador. Segurei sua mão e a levei até o quarto.

\* \* \*

Gabriela tirou a blusa, mostrando os seios adolescentes. Recusou-se, contudo, a tirar o short. “Estou menstruada”, explicou num murmúrio. Beijou-me como uma mulher apaixonada e começou a descer o rosto, lentamente. Pescoço, peito, barriga... Temi que ela voltasse a subir, uma das piores coisas que uma mulher pode fazer a um homem. Vivi momentos de tensão, incerteza, expectativa, antes de me sentir e me ver sumindo no belo rosto marrom de Gabriela.

\* \* \*

— Você quer gozar? — ela perguntou sem me olhar nos olhos.

— Na sua boca? — indaguei surpreso.

— Se você quiser.

Eu quis. Uma parte do sêmen se derramou sobre minha pele, e Gabriela, em mais uma de suas surpresas, o recolheu suavemente, como quem passa a língua, com vagaroso prazer, no prato em que acabou de alimentar-se.

\* \* \*

Gabriela ainda não esgotara, entretanto, o seu estoque de surpresas. Três dias depois da grande noite, sem que tivéssemos sequer conversado outra vez, ela foi embora, aceitou o convite para morar com um homem que lhe dava dinheiro. Meses mais tarde, sua ex-colega de trabalho me diria que ela se arrependera da decisão, por causa do ciúme exagerado do protetor. Continuava com ele, porém. Fim.

\* \* \*

O Anão ficou animado:

— Quando ela o procurou, já sabia que iria embora logo depois.

— É provável.

— Ela sabia que só estaria com você uma vez. Foi premeditado.

— É muito provável.

— Ela só quis satisfazer uma curiosidade ou algo parecido.

— Pode ser.

— Então...

— Então o quê? — interrompi. Era a minha vez de zombar dele: — Você está parecendo uma mulher: seduzida e abandonada.

Surpreso e irritado, o Anão não respondeu de imediato. Continuei:

— É melhor ter acontecido uma vez do que nunca ter acontecido.

Ele tentou se recompor:

— Mas ela lhe negou algo importante.

— É verdade, mas o que me foi dado acabou sendo mais importante do que aquilo que me foi negado. Você deve ter percebido isso ao ouvir a história.

Confuso, o Anão jogou o assunto para a frente, lembrando que não era hora de decidir.

---

## 7º INTERVALO

A moça de cabelos curtos avermelhados, de olhos pequenos num branquíssimo rosto redondo, violinista profissional aos 22 anos, levantou o copo de caipirinha com um sorriso que misturava timidez e malícia:

— Pra te encarar, só tomando umas canas.

Três horas depois do brinde inusitado, a violinista me definiu:

— Você é um homem apaixonado por mulheres.

\* \* \*

— “Um homem apaixonado por mulheres” — repetiu o Anão com gestos e entonação shakespearianos.

— It’s a sweet way of putting it.

— It’s an elegant and very benevolent way of putting it. Very benevolent indeed.

Subiu no sofá com um pulo e proclamou:

— Long live the violin player!

Longa vida à violinista, decidira o Anão. Por sua elegância ao me definir. Por sua elegante benevolência.

Ponderei, no entanto:

— Eu não sei se você vai manter esse entusiasmo quando, algum dia, conhecer a história completa.

## CAPÍTULO 8

### BONECA

Para decepção de uns, alívio de outros e entusiasmo de alguns, Boneca não era um travesti, mas uma exuberante mulher em crescimento. Uma menina? Dificilmente a descreveria assim quem tivesse a chance de ver e tocar seus seios grandes e firmes, seus pêlos púbicos escuros e fartos, seu traseiro redondo e saliente. E quem tivesse a chance de ver e sentir sua habilidade na felação, sua receptividade à sodomia.



Talvez, pensando bem, Boneca fosse mesmo uma menina. Seu rosto dizia isso, o seu sorriso também, e mais ainda o seu hábito pitoresco, encantador e excitante de chupar o polegar direito ao ser sodomizada. Depois do sexo, ela assistia a desenhos animados na TV. Quando eu a via chupando o polegar ou fascinada pelo movimento de figuras desenhadas, não me parecia estranho seu apelido familiar, desprovido de qualquer conotação mundana mais recente, devolvido a seu significado original.

Como mulher e menina, e pelo contraste entre ambas, Boneca era muito atraente. Eu a conheci por acaso, num domingo à noite. Descia despretensiosamente uma grande avenida, a caminho de casa, quando a vi caminhando em sentido contrário, segurando pela mão um menino de uns 10 anos. Voltei, parei o carro e a chamei com um gesto. Aproximou-se:

Fui direto ao assunto:

— Quer ganhar uma grana?

— Como?

— Transando.

— Eu sou virgem.

— Tudo bem, você pode continuar assim. A gente faz outras coisas.

— A gente pode deixar o menino perto de casa? É aqui perto.

— Tá certo.

Entraram no carro.

\* \* \*

Boneca queria um emprego, uma fonte de renda constante.

— O que você sabe fazer?

— Sei arrumar, limpar, cozinhar...

— Sabe ler?

— Sei.

Resolvi contratá-la em dobro, duas funções numa só visita, uma vez por semana.

\* \* \*

Em sua primeira visita matinal após a estréia noturna, ela levou para casa

duas vezes e meia o valor normal de uma diária de faxina. Desconfiado, o pai dela me telefonou. Queria saber se eu dera mesmo aquele dinheiro todo à filha dele. Alarmado mas contido, inventei um empréstimo. Ele pareceu acreditar.

\* \* \*

O inesperado telefonema do pai de Boneca foi um sinal amarelo. Decidi cortar o perigo pela raiz: disse a ela para não aparecer mais. Não funcionou. Ela não entendeu ou se fez de desentendida e voltou na semana seguinte.

Decidi então dispensá-la da função de faxineira para evitar que levasse muito dinheiro para casa. Boneca continuou a alegrar minhas manhãs de terça-feira e a fazer das noites de segunda uma expectativa gostosa.

Até que recebi, um mês depois, o segundo telefonema paterno.

\* \* \*

— O senhor deu um cheque a Boneca?

— Não.

Não dera, realmente.

— Pois ela apareceu aqui com um cheque seu. Assinado.

— Um cheque de que valor?

— Quarenta reais.

— Eu não dei nenhum cheque a ela. Tem certeza de que é meu?

— Eu não sei, tá meio escuro aqui...

Talvez estivesse meio escuro na cabeça dele. Confuso, ele prosseguiu, entre afirmando e perguntando:

— Se o cheque não é do senhor, posso passar adiante...

— Pode — respondi sem pensar.

Desliguei e corri ao talão de cheques. Faltavam duas folhas. Então era isso! O pai de Boneca não suspeitava de que sua filha estivesse se prostituindo (ou não se importava). Sua preocupação era outra: Boneca era uma pequena ladra, e isto atemorizava seu pai. A situação era cômica: eu com medo dele, por estar penetrando sua filha adolescente, e ele com medo de mim, por desconfiar de que ela me roubara.

\* \* \*

Boneca não me causou nenhum prejuízo financeiro. Os cheques foram preenchidos com valores baixos e não fui obrigado a pagá-los, por não tê-los preenchido e assinado.

Como ladra, ela poderia ser facilmente neutralizada. Bastaria não recebê-la mais em casa, levá-la a motéis e deixar as coisas de valor trancadas no porta-luvas do carro. Todavia, na condição de amante juvenil com muitas informações sobre minha identidade, ela continuava muito perigosa, e não seria possível neutralizá-la neste aspecto.

Usei o roubo dos cheques como pretexto para afastá-la de mim de uma vez por todas.

\* \* \*

— Ela o roubou... — experimentou o Anão.

— E daí?

— Isso não é grave?

— Segundo um escritor americano, a diferença entre o cristão e o homem civilizado é que o primeiro diz “nunca mais farei isso”, enquanto o segundo afirma: “da próxima vez terei mais cuidado”. Como eu já disse, não tive prejuízo e seria fácil evitar que ela me roubasse de novo. Para o outro problema, porém, eu não vi solução. O rompimento era a única saída, infelizmente.

Prosegui:

— Boneca não foi afastada pelo superego, aquele que julga e condena, mas pelo ego, aquele que calcula os riscos, a relação custo-benefício, os perigos, os fins e os meios.

— Parece tudo muito racional — retrucou. — E talvez seja, até certo ponto. Mas este rompimento deixou algum buraco, eu percebo isso.

— Você tem razão — admiti. — Eu queria ajudá-la, vê-la crescer e ao mesmo tempo usufruir como homem de cada etapa do seu crescimento. Havia algo de fantasia incestuosa nessa história.

— Então o roubo não foi tão irrelevante como você pensa. Ele não pode ser totalmente reduzido a um mero pretexto para resolver outro problema.

— Por quê?

— Como Boneca poderia de alguma forma ser sua filha sem autorização para entrar em sua casa?

— Não sei, há casos assim, existem filhos que roubam os próprios pais. Deve haver maneiras de lidar com isso. O outro problema impediu esse processo.

Interrompemos a conversa, cientes de que o assunto não se esgotara.

---

## 8º INTERVALO

Isso mesmo: só há pessoas do sexo feminino entre as possíveis vítimas da nossa escolha.

Somente as mulheres, algumas mulheres, podem levar-nos, ao Anão e a mim, ao topo do Monte Everest ou ao fundo da mais profunda das fossas oceânicas. Para nós, os homens habitam a planície. Habitam, no máximo, o planalto ou a baixada.

Não vamos desperdiçar nosso caro segredo com habitantes de relevos tão prosaicos.

## CAPÍTULO 9

### GOLDWATER

Este capítulo não fala de Barry Goldwater, senador de extrema direita que foi o candidato (derrotado) do Partido Republicano à presidência dos Estados Unidos em 1964. Devo, contudo, ao senador Goldwater, célebre por seu entusiasmo com a bomba atômica, o nome do capítulo.



\* \* \*

— O senhor paga um coco pra gente?

— Um para as duas?

— Um pra cada.

— Tá certo.

O dono da barraca, um homem de barba e cabelo comprido ouvindo Raul Seixas num toca-fitas, olhou para as duas meninas tomando água de coco sentadas no meio-fio.

— A mais nova é muito bonitinha — disse ele, referindo-se a Aninha, pele clara, olhos e cabelos castanhos, uma garota que poderia ser o orgulho de qualquer papai de shopping center.

— É — concordei. — E ela parece inteligente.

— Tem jeito de menina esperta — endossou o vendedor neo-hippie.

\* \* \*

— O senhor podia levar a gente pra sua casa... — sugeriu Aninha.

— Pra fazer o quê?

— O que o senhor quiser.

— O que eu quiser?

— O que o senhor quiser — confirmou. Era sempre ela quem falava; a outra não abria a boca.

“O que o senhor quiser”. Não era bem assim, eu sabia. Garotas tão jovens costumam prometer mundos e fundos e descumprir suas promessas mirabolantes, numa atitude incosequente e irresponsável compatível com sua pouca idade. Uma tentativa de exigir à força o cumprimento das promessas pode ser desastrosa, como acontecera poucos dias antes com dois homens, a poucos quilômetros de onde eu conversava com Aninha: acabaram presos, depois do escândalo feito por uma das meninas com quem estavam num motel.

Fazer sexo com elas requer negociação. Disposto a negociar, eu as levei comigo, interessado somente na menina bonita e falante.

\* \* \*

Aninha perguntava muito, mexia em muitas coisas, tinha uma curiosidade transbordante, que precisava ser contida de vez em quando. Como amante, era bem

limitada: sabia usar razoavelmente as mãos e a boca, mas não admitia ser penetrada.

— Por que você não experimenta transar? Poderia ganhar muito mais.

Sua resposta foi surpreendente:

— Eu só vou transar quando encontrar um homem que me assuma.

\* \* \*

Eu não estava satisfeito. Queria transgredir, quebrar tabus, vencer barreiras, ultrapassar limites, fazer – com ela – algo que me parecesse importante. A pornografia me deu a saída.

\* \* \*

Aninha me acompanhou ao banheiro. Ajoelhada no box, com a face inclinada para cima, recebeu no rosto bonito e esperto o que as revistas pornográficas chamam de chuva dourada, tradução livre da expressão inglesa golden shower.

\* \* \*

Ela concordara com a chuva dourada. Sua expressão de perplexidade ao recebê-la no rosto, entretanto, foi um acontecimento inesquecível.

\* \* \*

— Aninha lhe impôs limites — constatou o Anão.

— Mas eu achei uma saída. Ela fechou duas portas, mas abriu uma janela.

— E o que é mais importante neste caso? As portas fechadas ou a janela aberta?

— Há um equilíbrio.

— Decisão nos pênaltis — concluiu.

---

## 9º INTERVALO

“Right if you win, wrong if you lose.”

Certo se você ganhar, errado se você perder.

(Supertramp, Famous Last Words, “Crazy”)

\* \* \*

“Time and time again  
I’ve said that I don’t care,  
that I’m immune to gloom,  
that I’m hard through and through...  
But every time it matters  
all my words desert me,  
so anyone can hurt me

and they do.  
So what happens now?  
Where am I going to?"

Muitas e muitas vezes  
eu disse que não me importo,  
que sou imune à melancolia,  
que sou duro até o fim.  
Mas quando algo tem importância  
minhas palavras me abandonam,  
qualquer um pode ferir-me.  
E me fere.  
E agora, o que vai acontecer?  
Para onde eu vou?

(Tim Rice, com música de Andrew Lloyd Webber, Evita, "Another Suitcase and Another Hall")

## CAPÍTULO 10

### FOGO

— Nome — sugeriu o Anão ao me ver calado e pensativo.

— Laura.

— Idade.

— 23 anos quando a vi pela primeira vez.

— Ocupação.

— Estudava Serviço Social quando a conheci. Último ano.

— Aparência.

— Pele muito branca, formas redondas, nariz fino, levemente arrebicado. Ruiva, vasta cabeleira rubra. E o mais importante...

— O quê? — animou-se o Anão.

— Pêlos púbicos vermelhos. Densos, abundantes.

Os olhos do Anão se iluminaram. Ele se conteve e prosseguiu:

— Comportamento.

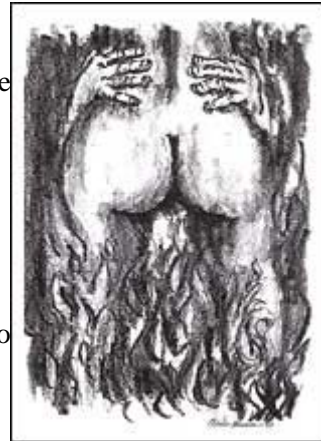
— Simpática, tímida, riso fácil. Ambígua, reprimida.

— Ambígua?

— Eu nunca temi ser totalmente rejeitado por Laura, mas nunca a senti inteiramente comigo, mesmo por algumas horas. Ela era capaz de beijos ardentes e eu a vi pingar de excitação, mas era sempre um pouco distante, meio arredia... aloof, detached. Havia uma espécie de neblina entre nós, uma barreira relativa, sem a solidez absoluta de um muro, mas ainda assim importante.

— Reprimida?

— Laura tinha medo de ser penetrada. Não era uma resistência moral, ideológica, adesão a um modelo de pureza ou virgindade. Era uma limitação emocional, um sintoma de pobreza afetiva, uma incapacidade de se integrar, de se entregar.



- A você ou aos homens em geral?  
— Não sei. Às vezes eu penso uma coisa, às vezes a outra.  
— E prefere a segunda hipótese.  
— É menos ofensiva.

\* \* \*

Quando conheci Laura, não morávamos na mesma cidade. Conversávamos por telefone e nos víamos esporadicamente, em suas visitas ao litoral. Depois de quase dois anos, ela mudou-se para fazer um mestrado, passou a morar a poucos quilômetros de mim. Alimentei esperanças, mas, irritado com suas ambigüidades e resistências, afastei-me logo, não fui além do terceiro encontro. Passamos mais de um ano sem nenhum contato.

Não tínhamos feito, até então, nada de memorável, a não ser como introdução ao que viria mais tarde.

\* \* \*

Passando de carro, eu a vi caminhando na calçada da praia. Parei, ela se aproximou sorridente. Desci do carro.

- Você sumiu — disse ela.  
— Você sabe por quê.  
— Por quê?  
— Por causa de suas reticências.  
Ela riu:  
— Minhas reticências?  
— Podem ser muito irritantes.  
— Eu sempre lhe disse que sou complicada.  
— Uma coisa é saber, outra é aceitar.

Seu sorriso não se desfez. Num impulso, eu a puxei para mim e a beijei nos lábios.

Combinamos um encontro.

\* \* \*

Aninhado sob a saia colorida de Laura, em posição vertical, baixei devagar sua calcinha até tirá-la por completo. Beijei suas coxas branquíssimas enquanto alisava e apertava seu traseiro redondo. Fiquei frente a frente com a grande floresta encarnada. Estávamos a sós, isolados do mundo pela saia colorida, separados visualmente da própria Laura. Acaricieei a fartura de pêlos rubros e mergulhei neles com sede. Ouvi, lá de cima, gemidos abafados.

\* \* \*

Agora na cama, nus, tive a esperança de que Laura retribuiria o meu mergulho espontaneamente (ou quase isso). Enganei-me. Tive que pedir, argumentar, insistir... Quando já estava perdendo a esperança e chegando ao desânimo, prelúdio da raiva, ela perguntou:

- Você não vai ejacular na minha boca?

Diante da resposta negativa, a grande cabeleira ruiva desceu sobre o pênis, que desapareceu no rosto branco de nariz afilado. Laura me surpreendeu ao mostrar-se hábil. Suave e firme ao mesmo tempo, ela se fazia sentir sem machucar, seus movimentos eram lentos e profundos. Ao observá-los e recebê-los, eu me senti, simultaneamente, espectador e protagonista de um filme pornográfico, sensação que me fascinava.

Vislumbrei, em rápidos flashbacks, cenas de minha trajetória com Laura. Tudo aquilo agora ganhava sentido.

\* \* \*

“Quebrado o encanto, não será mais tão difícil”, pensei ao avançar para o encontro seguinte. Enganei-me de novo. Mais uma vez fui obrigado a pedir, argumentar, insistir. Ela repetiu a pergunta, eu repeti a resposta, os movimentos se repetiram.

“Será que eu terei sempre que passar por isso?”

\* \* \*

Demonstrei a intenção de penetrá-la. Ela não aceitou:

— Eu ainda sou virgem — disse, aos 26 anos.

— E quer morrer assim?

— Não, mas não quero que aconteça assim, sem mais nem menos.

— Sem mais nem menos?! A gente se conhece há três anos.

Irritado, fui me deitar em outro quarto.

\* \* \*

Laura me acordou, queria ir para casa. Ela já pusera de volta o vestido preto, que contrastava muito bem com sua pele alva. Eu estava sem nenhuma roupa, ainda excitado e ereto após uma hora de sono. Começou tudo de novo: pedidos, argumentação, insistência, a mesma pergunta, a mesma resposta, os mesmos movimentos prazerosos.

Enquanto assistia à repetição do filme, agora com a atriz vestida de negro, eu tomava uma decisão: tentar seguir em frente, aos trancos e barrancos, ou terminar ali mesmo num final apoteótico, descumprindo a promessa repetida. Cansado de tantas dificuldades e barreiras, escolhi a apoteose.

\* \* \*

Surpreso e satisfeito, vi Laura receber todo o sêmen sem resistência e retirar-se polidamente para despejá-lo na pia do banheiro. Não reclamou nem fez cara feia, continuou com seu jeito alheio e desligado. Ela só disse uma palavra:

— Vamos?

Eu ainda estava deitado, quase flutuando, revendo os flashbacks cujo sentido se reforçara.

\* \* \*

— Pergunta nº 1 — anunciou o Anão. — A apoteose final foi uma vitória ou

um consolo?

Não respondi.

— Pergunta nº 2: Pedir, argumentar, insistir... Foi mais importante ter conseguido ou ter sido forçado a pedir?

Preferi mais uma vez adiar a resposta.

---

## 10º INTERVALO

Love. Palavra inglesa que significa amor. No jargão de algumas prostitutas brasileiras, love – incorporada ao falar cotidiano – significa algo mais específico: carícias trocadas antes, durante e depois do ato sexual, um clima romântico entre profissional e cliente.

Algumas delas gostam de love, outras acham que lhes rouba tempo (e dinheiro, por conseguinte), além de levar-lhes a uma intimidade que não desejam. Para outras tanto faz.

— Aquele seu amigo gosta de love — sorriu Poliana.

— E você?

— Tudo bem.

Poliana dançava tango ao ouvir um tango, rumba se tocavam rumba. Com a mesma facilidade.

\* \* \*

— Como vão as coisas?

— Tudo na mesma — respondeu Patrícia. — As mulheres esperando os homens, os homens procurando as mulheres.

— É a lei da oferta e da procura, já ouviu falar?

— Já. Uns querem vender, outros querem comprar...

— É isso mesmo. Ou uns precisam vender, outros precisam comprar. O preço final depende da necessidade ou da vontade de cada um.

— E da chance de fazer negócio com outra pessoa.

— Muito bem. Você deveria ser contratada pela universidade, como monitora de economia.

— O que é monitora?

— É uma pessoa que ajuda o professor.

Patrícia, mulata vistosa, abriu um largo sorriso. Ela na verdade se chamava Geruza, filha de um fabricante artesanal de bonecas. Era mais conhecida, entre o grupo de amigos, como a irmã de Poliana, que por sua vez se chamava Jussara. Bonita, simpática e competente, Poliana fora uma figura marcante no ano recentemente concluído.

— Este foi o ano Poliana — comentei numa confraternização.

— Foi o poliano — resumiu um dos outros.

Patrícia me puxou de minhas divagações, sempre sorrindo:

— E aí, não vai querer usar hoje a tal lei da oferta e da procura?

- Está em falta o que eu vim procurar hoje.  
— O quê?  
— Uma boa novidade.  
— Apareça quando estiver menos interessado em novidades.  
— Aparecerei.

## CAPÍTULO 11

### A PRINCESA

Estacionei o carro em frente ao bordel semi-rural. Havia uma vacaria ao lado, muito mato e alguns casebres por perto, luzes e edifícios ao longe, em direção ao mar. Cruzei o portão e no jardim encontrei a princesa. “Catarina”, disse-me ela, garantindo ser aquele seu nome verdadeiro.

Cabelos claros, olhos escuros, branca com feições que insinuavam uma remota ascendência negra. Esguia, mas de formas salientes. Os seios se destacavam sob a blusa, grandes, soltos e rijos.

Ela sorriu para mim com doçura, reclamou de estar ali. Marcamos um encontro para a manhã seguinte. Sem pagamento.



\* \* \*

Catarina não quis ir à praia. “Eu não gosto de praia”, afirmou, encerrando o assunto. Fomos para a minha casa.

— Eu não transo durante o dia — decretou. — Só à noite.

Ela estava com um jeito altivo, quase arrogante, sem a doçura da noite anterior. Ficamos na rede da sala, conversando até adormecer. Após duas horas de sono, eu a levei para casa, um quarto ao lado do bordel.

Sua mudança de atitude me desapontara. Eu estava decepcionado, também, com a falta de sexo: minha fantasia de um caso de amor com uma prostituta adolescente não excluía o prazer físico imediato. Resolvi não procurá-la mais.

\* \* \*

Passei uns dois meses sem ir ao bordel. Quando voltei, Catarina não estava lá. Passados mais quatro ou cinco meses, ela reapareceu. Aproximou-se, sorridente.

— Viajou? — perguntei.

— Estava no Sertão, com a minha família.

Apesar dos sorrisos e da simpatia restaurada, ela não tentou, desta vez, criar um clima romântico. Nem se queixou da vida de prostituta. Foi direto ao assunto:

— Quer fazer um programa?

— Completo?

Hesitou um pouco antes de concordar. Combinamos um preço 40% abaixo do valor padrão do programa. Fiquei lisonjeado por ter a princesa concordado em sair comigo, para tanto, por um preço tão baixo.

\* \* \*

Parei, a caminho de casa, num lugar ermo e indiquei com um gesto que desejava uma prévia. Ela não se negou. Eu senti, com meio ano de atraso, sua língua e seus lábios de princesa.

\* \* \*

Sorriu como uma criança apresentando um boletim cheio de notas altas:

— Gostou?

Dei-lhe um beijo na testa antes de responder, olhando seus olhos de perto e segurando seu rosto com as duas mãos:

— Adorei.

\* \* \*

Íamos iniciar a etapa final do programa. Até então descontraída, Catarina estava agora tensa, deitada de bruços. Quando comecei a penetrá-la, ela se virou bruscamente.

— Não dá — avisou.

— Mas foi o que nós combinamos.

— Não vai dar, eu não vou conseguir.

— Mas...

— Não adianta insistir!

Eu a segurei com força pelos braços, arranquei-a da cama e a joguei contra a parede. Por um instante, seu rosto se cobriu de pavor. Mas ela logo se recompôs, assumindo um ar imperial. Ainda estava com medo, não tenho dúvida. Mas preferia morrer a demonstrá-lo.

— Eu não vou fazer — confirmou.

— Eu já paguei — rebati.

— Eu devolvo o dinheiro.

— O dinheiro não está aqui. E eu não vou cair na armadilha de ir pegá-lo lá.

— O dinheiro está aqui.

— Eu não acredito.

Ela pegou o dinheiro em sua roupa e o jogou no chão.

— Eu não preciso disso — alegou.

— Se não precisasse, não estaria lá.

— Essa mixaria eu posso ganhar várias vezes. Eu sou Catarina!

Respondi com um sorriso irônico, enquanto ela me fitava com toda a insolência do mundo.

\* \* \*

Num silêncio nervoso, eu a levei de volta. Mandei que descesse na esquina, temeroso de que no portão do cabaré, em seu território, tentasse me causar problemas.

— Imbecil! — ela gritou, já um pouco distante do carro. — Eu vou fazer sua caveira aqui — ameaçou.

\* \* \*

Por três meses não fui ao bordel. Ao retornar, constatei com alívio que Catarina sumira de novo. Quando reapareceu pela segunda vez, quase dois anos após o início, estava mais bonita, mais feminina e sensual, mas ainda tinha um certo jeito de menina. Olhei desconfiado, mas ela se aproximou amistosa, parecendo desarmada.

— Você foi muito bruto comigo naquela noite — reclamou com voz manhosa.

— Eu fiz o que você mereceu.

— Não precisava aquilo tudo.

— Precisava, sim. Eu detesto quando não cumprem o combinado.

— Quer fazer um programa?

— Você está querendo confusão? — adverti. — Desta vez, se for o caso, a confusão vai ser maior.

— Eu vou fazer tudo, prometo.

— Veja lá...

— Pode confiar, você não vai se arrepender.

Acertamos o mesmo desconto da primeira saída. Eu finalmente teria a princesa por inteiro.

\* \* \*

Saí com Catarina algumas vezes. Ela sempre me dava um grande desconto e era simpática, às vezes até meiga, antes e depois. Certa vez me pediu para levá-la a um cinema, queria andar comigo por aí. Durante o ato, porém, ela era eficiente nos melhores dias, desligada nos demais. Mas havia uma etapa em que Catarina não conseguia ser indiferente: a penetração anal. Por razões anatômicas ou psíquicas, sua receptividade à sodomia era problemática: ela sentia cada milímetro que a penetrava como um soldado invasor, membro de um grande exército de ocupação.

Era meu momento de vitória e de glória, instalado confortavelmente no recanto mais íntimo e protegido do castelo da princesa.

\* \* \*

— A arrogância de Sofia — lembrou o Anão — foi uma fonte de prazer para você. E a de Catarina?

— Foi a fonte de um prazer ainda maior.

— Mas o prazer que lhe deu Sofia foi completo, não deixou nada pendente. Com Catarina, ao contrário...

— Ficou algo pendente — reconheci.

— Sua fantasia de um caso de amor com uma prostituta adolescente não foi realizada.

— Mais uma decisão nos pênaltis?

— Certamente. A propósito: que fim levou Catarina?

— Foi para a Espanha, prostituir-se por lá. Mas já voltou, contando aquelas histórias de escravas brancas. Foi o que me contou uma outra garota. Eu não a vi mais.

— E onde ela está agora?

— Ganhando a vida numa cidade próxima.

— Ela pode então ser encontrada, se for necessário — especulou o Anão.

— Pode.

\* \* \*

— Catarina fez uma visita à cidade.

— Vocês saíram?

— Saímos.

— E então?

— Elogiou meu modo de vestir-me, segundo ela um meio-termo entre o social e o esportivo. Quando tirei a roupa, olhou-me de cima a baixo e comentou: “Você está mais magro e mais forte. Gostei. Tá fazendo exercício com pesos? Continue, tá dando certo”.

— E o sexo?

— A mesma coisa, não mudou nada. Antes que eu me esqueça: ela me contou, finalmente. Seu nome verdadeiro é Cátia.

---

## 11º INTERVALO

— Vamos ao triângulo das bermudas — sugeri.

— Aquele lugar tá uma merda, só tem porcaria — discordou Belquior, o Camarada Stálin. — Depois que Poliana foi embora, só sobrou Catarina.

— E então?

— Ela é muito chata.

— Tire prazer da chatice dela.

— Eu não tenho esse temperamento.

— Ele gosta de love — ironizou Baltazar, o Camarada Lênin.

— Eu também gosto de love, depende do caso. No começo com Catarina, era esse o caminho que eu queria. Não foi possível, eu dancei conforme a música.

— Eu não consigo fazer isso.

A semelhança de Belquior com Stálin não ia além da superfície.

\* \* \*

— Eu fui à granja nova do Altiplano — informou-me Belquior.  
— E aí? Corresponde aos comentários favoráveis que a gente tem ouvido?  
— Não tinha porra nenhuma lá, nenhuma mulher. Só um veado de cabelo grande e um galo em cima da mesa.  
— A que horas você esteve lá?  
— Fim de tarde.  
— O galo cantou?  
— Cantou um pouco.  
— Você podia ter aproveitado o bucólico espetáculo: o sol se pondo atrás do Altiplano, o galo cantando nostalgicamente e a boneca do bordel penteando languidamente seus longos cabelos.  
— Eu tenho mais o que fazer — respondeu entre risos.

\* \* \*

— Olha só que mulher exorbitante — apontou Belquior, que às vezes trocava palavras.  
— Você quer dizer exuberante.  
— Sim, claro, exuberante.  
— Deve ser exorbitante também.

## CAPÍTULO 12

### O SUSTO

— Quer conhecer uma amiga minha? — propôs Bibi, seu rosto redondo angelical na janela do carro. Aos 21 anos, ela tinha sete de amizade comigo. Nossos encontros foram-se tornando raros, primeiro, em seguida raríssimos. Mas ainda nos dávamos bem.

— É aquela?

— É.

A moça tinha uns 20 anos, pele morena bem clara, feições estreitas, cabelo comprido discretamente clareado. Causou-me grande interesse.

— É legal?

— É muito legal.

— Pode chamar.

Feitas as apresentações, Bibi afastou-se.

— E aí, o que Bibi lhe falou a meu respeito?

— Disse que você é exigente, mas é legal.

— Ela me conhece bem

— Eu sei.



— Se ela resolveu me apresentar a você, é porque sabe que você não tem frescura. Certo?

— Certo — sorriu a menina. — Do jeito que você gosta.

\* \* \*

Tudo em Glória me empolgou: seu rosto, seu jeito, seu corpo. Eu a penetrava, saía, passeava sobre ela de várias maneiras e entrava outra vez, passando a ponta da língua na ponta do seu nariz.

— Eu tô ficando excitada! — assustou-se. Ficou de braços e decidiu:

— Vamos para a parte anal.

\* \* \*

Entregou-se à “parte anal” sem demonstrar prazer nem dor ou desconforto, sem apressar-me em nenhum momento.

\* \* \*

— Interessante — refletiu o Anão. — Parece que ela sentiu-se fraca ao se excitar com você.

— Há mais uma informação para os autos: ela tinha um namorado, era apaixonada por ele. Eu soube depois.

— Podia transar com outros homens por dinheiro, mas não podia cometer o pecado de sentir prazer com algum deles.

— Eu a fiz cometer este pecado.

— Mas não a fez esquecer-se do outro.

— Do namorado? Isso não é querer demais, consideradas as circunstâncias?

— Querer demais de você ou dela?

— De ambos.

— Vamos ver. A propósito: o que foi feito de Glória?

— Não a procurei mais. Resolvi congelar aquele momento. A picture may be worth more than a movie picture. Uma foto pode valer mais do que um filme, do que imagens em movimento. A decisão foi minha. O que eu lhe contei é o que temos para julgá-la.

— E sobre esta base ela será julgada.

---

## 12º INTERVALO

Gaspar, o tímido Camarada Trótski, ficava sem jeito ao desembarcar num bordel. Numa tentativa aflita de adaptar-se ao ambiente, puxava conversa, dizendo a primeira coisa que lhe vinha à cabeça. Os resultados...

— O que há atrás daquele muro? — perguntou a uma garota, obtendo como resposta gargalhas maldosas, minhas e dos Camaradas Lênin e Stálin.



— Atrás daquele muro, Camarada, existem coisas horríveis...

Mais gargalhadas.

— Vão se foder, seus veados.

As moças assistiam, sem entender nada.

— Fada tá lá dentro? — quis saber ele em outro desembarque, referindo-se à bicha do cabaré.

O mundo quase veio abaixo.

— Seu zíper está aberto — informei a uma menina.

— Feche para o passarinho não fugir — sugeri nosso amigo.

— Não é um travesti, Gaspar — disse eu.

As risadas o desconcertaram e irritaram a garota, que fechou a cara e se afastou.

— Viram o que vocês fizeram? — revoltou-se o Camarada Trótski.



\* \* \*

— Vocês chegam aqui dando risadas. É da gente que vocês riem? — indagou-me certa vez uma das moças.

— Não necessariamente.

— O que é “necessariamente”?

— Esqueça.

## CAPÍTULO 13

### JANDIRAS EM AÇÃO

(A, B, C)

## CAPÍTULO 13-A

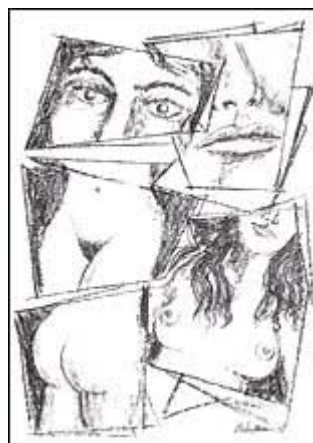
### LINHAS PARALELAS E ASSIMÉTRICAS

— “Vai bem gordinha, bunduda e fofinha.”

Assim falou Marcelo Rubens Paiva para uma enfermeira da UTI, onde ele estava por ter quebrado a quinta vértebra cervical, que quebrara por ter pulado de cabeça num lago de pouca água, no qual pulara porque estava bêbado e gostava muito de aventuras. A enfermeira lhe perguntara como ia o paciente, chamando-o por algum termo mais carinhoso.

— Bom dia gordinha, bunduda e fofinha.

É o que eu gostaria de ter dito a Clarice quando ela



apareceu de surpresa. Fazia quase cinco anos que não a via. Na verdade, ela se tornara mais que uma gordinha: casara-se, tivera um filho, engordara uns quinze quilos.

Quando a conheci, ela trabalhava na seção de discos de uma grande loja de departamentos. Procurando um disco, fui atendido por ela. Era uma garota simpática, de uns 20 anos. Branca, cabelo castanho (claro e liso), olhos castanhos claros, estatura média, sorriso fácil, feições redondas atraentes. Gordinha, bunduda e fofinha.

Oriunda de uma pequena cidade do interior, morava com a família de uma irmã mais velha num bairro distante de classe média baixa. Trabalhava durante o dia, estudava à noite e tinha um namorado oficial na sua cidade, com quem limitava-se aos beijos e abraços aprovados pela família. Nós nos encontrávamos uma vez por semana no início da noite, logo após o trabalho, sempre variando os dias, para evitar que ela perdesse as mesmas aulas.

Era uma fresta de liberdade numa vida controlada a cada passo.

\* \* \*

Com as mãos, com a língua, com lábios e dentes eu a toquei por inteiro. Recebi o toque raso e profundo de sua boca macia e viajei por cada centímetro de um corpo que me pareceu fantástico. Ela abriu para mim seu mais estreito caminho, separando com mãos decididas a carne suave que tornava tão belo o espelho do teto. Eu a penetrei lentamente, fiz alguns movimentos vagarosos ao apertar um pouco seus ombros e então parei tudo, como se empurrasse o botão de um vídeo para congelar uma imagem bonita.

— Você gosta? — perguntei ao beijar-lhe por trás a orelha e o rosto. — Você gosta de me sentir aí dentro?

— Gosto!

Fiquei imóvel outra vez, com os braços estirados e as mãos apoiadas na cama, apenas olhando e captando as vibrações que vinham de todos os lados.

— Vai, vai — cobrou-me de repente uma voz abafada.

E eu fui. Ao som de uma música que marcou aqueles dias: *If we'd go again / all the way from the start / I would try to change / the things that killed our love / pride has built a wall / so strong that I can't get through / is there really no chance / to start once again / I'm still loving you.*

\* \* \*

Clarice era virgem e assim permaneceu. Preservou seu precioso hímen, instrumento de troca para algo mais valorizado do que o prazer: o compromisso de um macho provedor.

\* \* \*

Eu adorava seu olhar sorridente ao descer sobre o pênis, passear sobre ele com a língua e botá-lo habilmente na boca. Era um olhar que exibia prazer, alguma malícia e nenhum deboche. Eram olhos alegres de brincadeira.

\* \* \*

Ela tinha um hábito estranho: chamar-me de “moço” (talvez um costume de

sua cidade).

— Moço, você tá mal-acostumado.

— Moço, tá ficando tarde.

Aquilo às vezes me divertia, outras vezes me irritava. Dependia do contexto e do meu humor. E também de quantas vezes ela me chamasse assim numa mesma noite.

\* \* \*

Eu a levava para casa ao redor das dez e meia. Meu caminho de volta era longo e saboroso: estrada vazia, belas músicas no som do carro e a sensação de estar vivendo a todo vapor. Só não gostava da idéia de que o meu trânsito por aquelas paragens poderia terminar a qualquer instante.

\* \* \*

Solidão veloz, deliciosa, festa de um após a festa de dois. Naquelas alucinantes viagens noturnas por uma estrada quase sempre vazia, os alto-falantes nunca deixavam de bradar: “Don’t leave me now / leave me out on this lonely road / feeling old and cold and grey / don’t leave me now”.

“Não me deixe agora / não me deixe fora nesta estrada solitária / sentindo-me velho e frio e cinzento / não me deixe agora.” As palavras eram seguidas por um solo de guitarra lamentoso e magnífico, uma trilha sonora insuperável.

\* \* \*

Ela passara o fim de semana no interior, com a família. Estava, talvez por isso, tensa e um tanto arredia.

— Toda vez que a gente sai é pra ir pro mesmo tipo de lugar. Eu acho isso esquisito, sei lá, eu não tô acostumada com isso.

— Eu não tenho culpa. Você é que não pode ficar mais tempo comigo.

— Mas a gente podia fazer outras coisas, ir a outros lugares.

Tentei manter a calma:

— Acontece, Clarice, que nós temos muito pouco tempo. A gente precisa aproveitá-lo da melhor maneira possível.

O humor dela estava péssimo:

— Não vai dar pra continuar desse jeito — disse ao sair do carro batendo a porta.

\* \* \*

Eu não considerava definitiva aquela atitude. Achava que não seria difícil persuadi-la a se manter nos padrões até então vigentes. Achava também, no entanto, que não valeria a pena fazer isso, pois o resultado seria paliativo, precário, provisório. Inseguro. Apreciador de relações que não exigissem muito do meu tempo, eu detestava, todavia, situações que estivessem sempre a ponto de se tornar passado.

Resolvi não procurá-la mais.

\* \* \*

Encontramo-nos por acaso, perto da loja onde ela trabalhava, duas semanas depois da discussão.

— Enricou?

Eu me fiz de desentendido:

— Por quê?

— Você sumiu.

— E não era pra ter sumido?

— Por quê?

— Você estava com raiva, saiu do carro batendo a porta, disse que não dava pra continuar.

— Eu disse que não dava pra continuar daquele jeito.

— Do jeito que você colocou as coisas, não dava pra continuar de nenhuma maneira.

— Por quê?

— Você me encostou na parede. O nosso tempo já era pouco, e você resolveu complicar ainda mais a situação.

— Você só quer tudo do seu jeito, não é? Não quer entender a situação dos outros.

— Eu entendi a sua posição. É que não dá pra aceitar certas coisas.

— Que coisas?

— Essas complicações todas que as pessoas inventam.

— Eu vou ter que ir agora, senão vou chegar atrasada.

— Depois eu passo lá na loja.

— Tchau.

\* \* \*

De vez em quando eu passava na seção de discos da grande loja de departamentos. Para olhar os discos e para vê-la, conversar um pouco. Pouco tempo depois, entretanto, ela fez o que muitas vezes “ameaçara” fazer: voltou para o pequeno lugar de onde viera.

\* \* \*

— Bom dia gordinha, bunduda e fofinha.

Em sua visita-surpresa, Clarice fez um resumo do que acontecera em sua vida naqueles cinco anos. O namorado e a família descobriram que ela tivera um affair clandestino, embora desconhecessem os “detalhes”. Afogando-se numa enxurrada de recriminações, voltou para a casa da irmã na capital, onde conheceu e se casou com um terceiro homem (conservador e ciumento, segundo ela). Teve um filho, engordou quinze quilos...

— Por que ela o procurou? — quis saber o Anão.

— Queria que eu a ajudasse a conseguir um emprego.

\* \* \*

Fotografia

Eu me olho em você

e em você eu me vejo.  
Eu me vejo como um dia fui,  
como um dia tu me fizeste...  
como agora não me fazes mais.

---

### 13º INTERVALO

— O machismo é um sistema de dominação burro, porque prejudica os próprios dominadores. Se ele funcionasse sem furos, ninguém comeria sua mulher, sua mãe, sua irmã e sua filha. Mas você também não comeria a mãe, a mulher, a irmã e a filha de ninguém. Grande coisa.

— Você tem cada idéia — espantou-se a mãe.

— Isso são horas de filosofia — ironizou o irmão para gargalhadas gerais.

## CAPÍTULO 13-B

### POUSO DE EMERGÊNCIA NO MEIO DO NADA

#### O Rato

Quando entrei no banheiro, o rato correu assustado para o corredor. Para seu azar, todas as outras portas estavam fechadas. Não havia como sair dali. Era o fim da linha, o corredor da morte, a etapa final de uma vida furtiva e apressada.

Acendi a luz fraca e meio fantasmagórica do corredor e fechei a porta do banheiro. O rato estava encolhido num canto de parede sem ter para onde ir. Do perigo ele tinha plena consciência, mas não sabia que qualquer esforço seria inútil, que a morte se tornara inevitável. Lutaria desesperadamente para escapar, correria de um lado para o outro. E morreria.



Fiquei imóvel por alguns instantes, observando o rato em seu canto de parede. Ficara sem jantar algumas noites antes porque vira um rato no forno apagado onde a comida estava guardada. Era preciso matar aquele rato, todos os ratos. Mas era preciso também puni-lo pelo que me fizera, por ter-me deixado sem jantar naquela noite. Talvez não fosse aquele rato o responsável por esse crime. Afinal, são todos iguais os ratos de uma mesma raça. Iria, então, punir um inocente? Ora, se eles são iguais, um poderia pagar pelo crime do outro. Pois teria cometido exatamente o mesmo crime se tivesse tido a chance de fazê-lo.

\* \* \*

Como o corredor não era grande, o rato poderia ter sido morto em poucos segundos. Mas uma morte rápida não teria sido uma punição suficientemente dura. Era preciso persegui-lo, aterrorizá-lo, exaurir suas forças antes de extinguir sua vida. E assim foi feito.

\* \* \*

### **O Pássaro**

Foi em Salvador que conheci aquele pássaro, numa viagem de fim de semana. Era uma espécie de periquito, maior do que um periquito comum e menor que um papagaio. Era um pássaro muito triste, de aparência melancólica, deprimida e deprimente. Também pudera: ele habitava uma gaiola minúscula, perdida num canto qualquer de uma cozinha do tamanho de nada.

— Por que vocês não soltam esse pássaro, ou pelo menos não o dão para alguém que tenha mais espaço pra ele?

— É que o Léo gosta muito dele — respondeu Vera, esposa de Celso e mãe de Léo.

O Léo gosta muito dele! E eles gostavam muito do Léo. Eles o amavam. Por isso torturavam aquele pobre pássaro. Para que o Léo ficasse feliz e contente.

O amor é comovente.

\* \* \*

Durante as quinze horas que passei dentro do ônibus, ao fazer a viagem de volta, pensei várias vezes no pássaro, desejando que ele morresse, já que não poderia, de outra maneira, livrar-se daquela tortura.

No dia seguinte, telefonei para Celso e Vera, para falar sobre a viagem e agradecer a acolhida. Ela não se esqueceu de me dar a notícia: o pássaro amanhecera morto, o que deixara Léo muito triste.

\* \* \*

### **A Mulher**

Eu gostava de pensar que contribuía para a morte do pássaro. Tal idéia me dava a sensação de ter feito uma coisa boa. Dava-me também, e sobretudo, uma inebriante sensação de poder, de não ser impotente diante das coisas, das pessoas e dos fatos.

Dois anos depois daquele episódio, aconteceu uma série de acidentes com pessoas que me haviam de algum modo contrariado. Foram cinco acidentes em dois ou três meses; três de carro – que só causaram prejuízos materiais – e dois de moto, com ferimentos de certa gravidade nas duas vítimas.

Aqueles acidentes (principalmente os mais graves) me deixaram meio confuso. Tinha vergonha de achar bom, mas às vezes achava. A fantasia de ter contribuído para que eles ocorressem aumentava a confusão: a sensação de poder se misturava com o sentimento de culpa e com o medo de estar ficando

megalomaniaco.

Um dos acidentados era uma morena alta de pernas longas e grossas, traseiro empinado, seios quase inexistentes, andar cheio de ondas e curvas, como cobra em areia quente, feições afiladas e compridas, atraentes e exóticas.

Além de aparecer ocasionalmente em anúncios de televisão, Teresa era estudante de psicologia, profissão que escolhera por ser a mais adequada àqueles que eram seus interesses quase exclusivos: ela mesma e seus relacionamentos íntimos. Ela seria capaz de conversar durante horas sobre crises existenciais e sessões de terapia, mas não sabia, ou não se lembrava, quem era Ronald Reagan, o presidente-cowboy dos Estados Unidos que ameaçava destruir o mundo com sua triunfal agressividade californiana. Encaixaria-se bem, portanto, na piada da conversa entre o sociólogo e o psicólogo:

— Será que Sarney vai assumir? — indagou o sociólogo, referindo-se à posse de José Sarney, vice-presidente de Tancredo Neves, que falecera antes de assumir a presidência da República Federativa do Brasil.

— Eu nem sabia que ele era gay — respondeu, surpreso, o psicólogo.

\* \* \*

Aos vinte e poucos anos de idade, Teresa tinha uma biografia interessante. Com 17 foi submetida a um teste de virgindade, por determinação de seu pai. Constatada a ausência da membrana preciosa, foi obrigada a se casar com o namorado, um homem dez anos mais velho com quem transara uma vez, a única de sua vida até então.

O casamento compulsório o fez perder a grande atração que demonstrava sentir por ela. Nunca mais fizeram sexo. Nem mesmo viveram juntos. Ela passou a morar numa pensão, paga pelo “marido”. Passou, em seguida, alguns meses no Rio de Janeiro, na casa de um tio. O pseudocasamento acabou anulado.

Seu segundo relacionamento, com um estudante de psicologia morador de uma república, começou dois anos após a anulação. O começo foi difícil, pelo menos para ela, que caía no choro em pleno ato sexual, o que não parecia perturbá-lo. Ficaram juntos mais de um ano. Ela acabou o namoro por tê-lo flagrado aos beijos e abraços com outra mulher.

Poucos meses depois, conheceu um arquiteto divorciado, pai de uma filha, com quem teve uma relação agitada e cheia de brigas, que durou um ano e quase resultou em casamento.

Fazia uma semana que estavam separados quando nos conhecemos.

\* \* \*

— Que coincidência você ter me ligado — disse ela. — Eu ia te ligar daqui a pouco.

— Mas você não tinha o número do meu telefone.

— Eu pedi a Rubens.

Rubens era um conhecido de ambos, um homossexual que gostava de brincar com Teresa, dizendo que ela fazia os homens “passarem mal”. Ele estava presente quando a conheci, poucos dias antes do telefonema.

— Delicious, isn't she? — ele descrevera.

— Indeed.

Certamente. Não havia como discordar daquela opinião.

\* \* \*

Teresa contou um episódio vivido por ela no Rio de Janeiro, no período logo após o casamento compulsório e fictício. Ela estava, pela primeira vez, freqüentando sessões de terapia. Na quinta ou sexta sessão, o terapeuta tentou seduzi-la. Depois de preparar o terreno usando alguns de seus conhecimentos profissionais, ele começou a acariciá-la. Passados alguns instantes de perplexidade, ela se levantou e saiu do consultório, onde nunca mais pôs os pés.

— Qual é a linha desse psicólogo? — alguém perguntou.

— Esse aí não tem uma linha — respondeu Rubens. — Ele tem uma corda.

\* \* \*

Combinamos que eu telefonaria de novo no início da noite de sexta-feira, para nos encontrarmos.

\* \* \*

Começo da noite de sexta-feira. Eu já deveria ter telefonado. Queria ficar em casa, na verdade. Já tivera movimento suficiente por um dia: dera carona a duas irmãs adolescentes, ao meio-dia, e passara a tarde com elas. Queria tomar um banho demorado, jantar sem pressa, ler um jornal, ver TV e dormir. Assim como um honrado pai de família após um dia de trabalho extenuante:

— Hoje não, querida, estou muito cansado.

(Isto se a “querida” tomasse alguma iniciativa.)

Mas eu tinha que ligar. Se não o fizesse, poderia perder a vez. Relações que estão começando costumam ser frágeis, precisam de cuidados especiais. A vontade de ficar em casa era forte, mas era preciso telefonar. Afinal, tudo indicava que valeria a pena.

— Pensei que você não ia mais ligar.

— É que eu acabei de chegar. Vamos ao cinema?

\* \* \*

O filme já começara.

— Eu sou como Woody Allen no filme Noivo Neurótico, Noiva Nervosa: odeio entrar no cinema com o filme já começado. Você assistiu esse filme?

— Não.

— Ele disse que tinha personalidade anal, gostava de tudo completo.

Ela riu:

— Não tem problema, a gente pode vir de novo amanhã.

Fomos para um bar estilo inglês. Na entrada do pub, ela cumprimentou dois rapazes que saíam. Eram primos meus em 2º grau.

— De onde você os conhece?

— São amigos de Milton, meu ex-noivo.

— Ex-noivo?

— É, a gente rompeu faz uns quinze dias.

— Pouco tempo.

— A gente ficou naquela de dar um tempo. Mas eu acho que terminou mesmo.

— Você “acha”? Não tem certeza?

— A coisa ainda tá muito recente. Sabe como é, foram dois anos, a gente quase se casou. Mas tudo indica que acabou mesmo.

Com todas as mesas pequenas ocupadas, ficamos numa mesa maior, rodeada por um banco acolchoado. Fomos cercados por um grupo celebrando um casamento. O buquê, jogado pela noiva, caiu nas mãos de Teresa.

— Quando sai o casório? — perguntou, bem-humorado, um dos membros do grupo.

— É a primeira vez que a gente sai — respondi, rindo.

— Um buquê de noiva logo assim, no primeiro encontro, deve ser bom sinal.

— Quem sabe?

\* \* \*

— Eu pretendia passar um tempo sozinha — disse ela, sorrindo, depois que nos beijamos.

— Ainda bem que não pretende mais.

— Foi você que me fez mudar de idéia.

Outro beijo.

— Então você é uma motoqueira...

— Adoro moto. Já levei não sei quantas quedas, mas não tô nem aí.

— E por que você cai tanto?

— É que eu sou meio distraída.

— Pelo jeito, é distraída e meio. E não desiste?

— Claro que não!

— Não tem medo?

— Eu não.

— Eu tenho horror a moto. Não há quem me faça montar numa.

— Eu vou fazer.

— Não vai não, de jeito nenhum. É melhor você ter outros objetivos.

Rimos outra vez.

\* \* \*

— A gente se vê amanhã?

— Claro, vamos ao cinema. Dessa vez eu vou chegar na hora.

\* \* \*

No meio da semana seguinte conversamos por telefone, e ela confessou que estava dividida entre mim e o ex-noivo, o que me deixou preocupado. Na sexta-feira saímos de novo. Ela já não estava dividida. Por que mudara tão depressa? Fomos a uma festa e dançamos até as quatro da manhã.

Quando cheguei ao portão de sua casa, no sábado à noite, seu pai se deu ao trabalho de sair da cadeira de balanço para fazer um pequeno sermão. Era um homem gordo e carrancudo, com uma barriga do tamanho do mundo.

— Vocês voltaram tarde demais, eu não gosto disso. Eu gosto de tudo certinho.

— Ora, meu senhor, o que se pode fazer às três da manhã pode ser feito a qualquer hora.

É claro que eu não disse isso. Aliás, não disse nada, simplesmente não respondi. Só fiquei olhando para o grande rosto redondo. Parecia um inspetor de internato dos romances de Charles Dickens:

— David Copperfield (ou Oliver Twist), já para a cama!

— Sim, Mr. So and So, eu irei para a cama, com todo prazer. Mas não irei sozinho. Irei com a sua filha.

\* \* \*

— Qual é o problema? Por que essa barreira?

— Eu acho que a gente precisa ter mais intimidade antes de... de transar.

— Mas quem falou em transar? Eu só estava...

— Tudo bem, mas a gente precisa de mais intimidade.

— Por quê?

— Pra não ficar uma coisa somente física.

— Você é meio grilada com isso, não é? Tem medo de ser um objeto sexual? Isso deve ser insegurança.

— Pode ser.

— Ou você é muito convencida e se acha lindíssima.

Ela sorriu:

— Quem sabe?

— Engraçado.

— O quê?

— O comportamento das mulheres, da grande maioria delas.

— Engraçado por quê?

— As mulheres costumam se preocupar muito mais com situações do que os homens. E há mulheres que se consideram feministas, ou pelo menos conscientes de seus direitos, que têm esse mesmo tipo de comportamento: só fazem sexo com um homem se houver algum tipo de compromisso. Quando você pergunta por que as mulheres se comportam diferente dos homens, elas dizem que é por causa da sociedade, da cultura dominante, da repressão, etc. Ou seja, se a mulher é mais “recatada” é porque ela é mais reprimida. Se é assim, por que elas não se livram disso, não tentam se libertar dessa repressão?

Fiz uma pausa, mas continuei sem esperar resposta.

— Há duas possibilidades: ou homens e mulheres agiriam da mesma forma se não fosse a repressão contra as mulheres ou a diferença de comportamento é determinada pela biologia.

— E se for?

— Se for, a argumentação feminista, mesmo a mais conciliatória, fica seriamente prejudicada.

— Por quê?

— Porque toda aquela conversa de que a mulher é por natureza mais romântica, mais familiar e recatada, menos isso, mais aquilo, ganha muito mais credibilidade.

— Mas isso não justificaria a discriminação.

— Talvez não, mas há certas implicações. Por exemplo: um empregador pode se achar no direito de considerar a maioria das mulheres inadequada para alguns tipos de trabalho, como um emprego que exija agressividade ou muito tempo longe da família.

— Mas o fato de homens e mulheres terem comportamentos sexuais diferentes não significa que eles sejam diferentes em outras coisas.

— Uma diferença como essa é grande demais para não ter ligações com outras coisas. E estaria comprovada a tese de que diferenças de atitude e visão de mundo podem ser causadas pela biologia.

— Visão de mundo?

— É isso aí, visão de mundo. O comportamento sexual depende da forma como se vê o sexo, que faz parte do modo como se vê o mundo. Se uma parte tão grande da visão de mundo de tantas pessoas pode ser determinada pela biologia, muitas outras coisas também podem, inclusive a disparidade entre o número de mulheres e o de homens em posições de destaque.

— Você tá querendo dizer que as mulheres são menos inteligentes do que os homens?

— Eu só estou dizendo que a argumentação feminista se enfraquece muito quando as mulheres tentam justificar suas frescuras.

Ela riu:

— Frescuras?

— Frescuras. Por falar nisso, é bom voltar ao começo da conversa. Veja só que absurdo: os namorados que você teve transaram com você; o namorado que você tem não pode fazer o mesmo. É o passado levando vantagem sobre o presente. Não faz sentido.

— Então é isso que está incomodando você.

— Isso também.

— Eu prefiro dar um tempo, tá certo? Eu nem tinha a intenção de encontrar alguém assim tão rápido.

— Então é isso? Você ainda está ligada ao passado.

— Não, não é nada disso, é só uma questão de ganhar mais intimidade.

— Tudo bem, se você quer assim, cumpra-se o cronograma.

\* \* \*

No dia seguinte, no fim da tarde, ela apareceu de surpresa no meu trabalho.

— Você está de moto?

— Não.

— Então vamos juntos.

Caminhamos até o carro, no pôr-do-sol da sexta-feira.

— Foi bom você ter aparecido por aqui. Eu não ia telefonar hoje, só ia ligar amanhã.

Ela não gostou:

— Se eu soubesse disso, não teria vindo.

— Eu tenho os meus motivos, você não tem o direito de ficar com raiva.

— Que motivos?

— Você sabe muito bem. Aquela história de você achar que nós não temos intimidade suficiente me chateou muito.

— Você não tem razão pra se sentir tão ofendido só porque eu disse que precisava de mais intimidade.

— Pois eu acho isso tudo muito chato.

Entramos no carro em silêncio e ficamos assim vários minutos, enquanto eu enfrentava o trânsito irritante do anoitecer.

— Vamos fazer o seguinte: — propus finalmente — Você esquece que teve raiva de mim e eu faço o mesmo com você.

Ela sorriu:

— Tá certo.

\* \* \*

Nos sete ou oito dias seguintes, administrei bem a frustração, a irritação e a ansiedade. Graças a este esforço, o clima estava bom quando nos encontramos à tarde para ir à praia. De volta a minha casa, tiramos o sal no chuveiro externo e estávamos no quarto, trocando de roupa.

Eu já trocara o calção de banho por um short, ela ainda estava nua. Comecei a tocá-la e o fiz de todas as formas. Apresentei-me com entusiasmo à pequena saliência entre os pêlos negros. Ela tomou a iniciativa de tirar-me o short, com mãos ansiosas que queriam me ver, me tocar, derrubar barreiras. Transamos pela primeira vez, ardorosamente, variando posições. Um grande momento.

— Eu nunca me senti tão mulher — disse ela ao se vestir.

Maravilhoso, apesar de incompleto e precário.

\* \* \*

O carro estava parado ao lado do mar, numa noite qualquer do remoto ano de 1985. Ela estava com as roupas que usava em suas aulas de dança, eu estava com o short que ela havia tirado dois dias antes. Dentro do carro se ouvia uma música: Bring it back / bring it back / don't take it away from me / you don't know / what it means to me.

— Isso é que é vida — disse ela. — Esta praia, esta música e você comigo.

\* \* \*

A grande faixa de terra molhada, as piscinas rasas e transparentes no meio das pedras, o sol batendo nas árvores, a falésia imponente olhando para o mar, o silêncio quase total, o som relaxante da água tranqüila roçando nas pedras. Um cenário tão magnífico não merecia uma notícia tão ruim.

— Minha menstruação ainda não veio — informou uma voz preocupada. — Eu acho que estou grávida.

Fiquei calado por alguns instantes, absorvendo o choque e tentando organizar os pensamentos.

— Naquele dia em que nós transamos, — respondi finalmente — além de eu ter ejaculado fora, você estaria normalmente no período estéril. Eu acho que você está se precipitando.

— Mas se eu estiver grávida, — retrucou uma voz constrangida, hesitante e demolidora — não é de você.

— O quê?! Que história é essa?

— Naquele semana, logo depois que a gente saiu pela primeira vez, eu tava confusa, meio dividida entre você e Milton...

— Aí você transou com ele pra tirar a dúvida — ataquei.

— Era um relacionamento de dois anos, eu queria ter certeza de que não dava mais. E naquela noite eu me convenci de que não dava mesmo.

Por isso ela mudara tão de repente naquela semana, entre o telefonema e a festa.

Da divisão à certeza em dois ou três dias, como eu gostara daquela mudança! E só agora sabia como se dera a transição.

— E você não poderia ter tirado a dúvida transando comigo?

— Será que não dá pra você entender?

— E se você realmente estiver grávida?

— Eu não sei o que vou fazer.

— Não sabe o que vai fazer? Que absurdo!

— Eu sempre quis ter um filho.

— Nestas condições? Além de ser uma loucura, é uma falta de consideração.

Ela estava muito angustiada e totalmente confusa:

— Eu sempre quis ter um filho, mas não assim, de um cara com quem eu não tenho mais nada.

— E então? Só há um caminho.

— Mas eu não sei se vou ter coragem de tirar.

Calei-me de novo e assim fiquei alguns minutos.

— Sua dúvida é totalmente inaceitável — disparei afinal.

\* \* \*

— Minha psicóloga fez uma dramatização pra me ajudar a decidir sobre a gravidez.

— Uma dramatização? Como é isso?

— Eu tentei pensar, sentir e falar como se estivesse em cada situação: tendo feito o aborto e tido a criança. Ela usou um boneco pra representar a criança.

— Um boneco?!

— Essa alternativa me tocou mais — disse ela com ar pensativo.

— É claro! Isso é uma manipulação. Essa psicóloga é imbecil e desonesta. Que absurdo! E que história é essa de alternativa? Se você realmente gostasse de mim, como diz, não hesitaria nem por um segundo.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

— É claro que tem!

\* \* \*

Ela me telefonou no dia seguinte, aliviada:

— Minha menstruação chegou.

— Ótimo — respondi sem entusiasmo.

\* \* \*

— Eu sou muito oral — dissera ela, sorrindo, uns dias depois da primeira relação.

— Eu ainda não tive o prazer de ver isso — eu respondera, ao mesmo tempo excitado e frustrado.

Durante a crise da suposta gravidez, temi que ela se afastasse de mim sem me demonstrar sua autoproclamada habilidade oral. Além disso, como ela já conhecera minha capacidade nessa área, eu me sentia em desvantagem. Não me agradava a idéia de lhe ter dado algo que eu não recebera e talvez não viesse a receber.

Foi sobretudo com alívio, portanto, que senti pela primeira vez o membro em sua boca. Ela agora estava mais solta, com mais iniciativa, bem mais próxima da autodescrição que me excitara. Devia ser a tal intimidade. Quanto a mim, lutava para superar o episódio da falsa gravidez. Tivemos, assim mesmo, outros grandes momentos: no sábado à noite, na praia, entre o mar e os coqueiros; na terça-feira à tarde, em minha casa; e na quarta-feira à noite (dia dos namorados), numa cama de motel. Na noite de sexta-feira, porém, não consegui uma ereção. Na televisão do quarto, um compositor famoso (que queria ser célebre) cantava uma de suas canções mais conhecidas: “Nosso amor não deu certo, gargalhadas e lágrimas...”

— Eu odeio essa música — disse ela.

— Eu acho que aquela história da gravidez está tendo um efeito retardado — justifiquei, taciturno.

\* \* \*

— Eu não tô conseguindo me sentir bem quando estou só. Só me sinto bem quando estou com você. Eu preciso aprender a ficar bem sozinha.

— E isto significa o quê?

— Que talvez fosse melhor a gente dar um tempo. Eu saí de um relacionamento pra outro depressa demais.

— Primeiro foi aquela história da intimidade, depois aquele episódio da gravidez; agora você vem com essa conversa, e logo depois que deu errado o que vinha dando certo. É uma perseguição!

Ela recuou, parecendo sinceramente arrependida de ter dito aquilo. Mas a minha raiva não recuou; como também, presumivelmente, não recuaram as origens do que ela dissera.

\* \* \*

Era como se eu tivesse acumulado – desde o momento em que a conhecera – reservas de atração que se esgotaram rapidamente sem terse renovado, por causa do ressentimento e da repulsa que me envolviam desde a “gravidez”. Ou quem sabe eu fizera um esforço tão grande para enfrentar as emoções que me afastavam dela que minhas forças se acabaram de repente, deixando-me desprotegido.

Qualquer que fosse o motivo, não havia como escapar àquele fato: meu desejo por Teresa não desaparecera, mas se tornara rarefeito. Mesmo assim eu não

queria perdê-la. Queria ficar e ter uma chance de recuperar as sensações perdidas, o paraíso perdido. Infelizmente, no entanto, eu a sentia cada vez mais como um pedaço de sabão molhado que ameaça cair das mãos de um homem que se banha na borda de um penhasco.

Talvez fosse melhor terminar logo aquele banho.

\* \* \*

### **O Fim?**

— Eu gosto muito de você, mas tá muito difícil. Eu acho que você realmente não está em condições de se relacionar direito com ninguém.

Ela concordou. Dois meses tinham passado desde o primeiro encontro. Parecia muito mais tempo.

\* \* \*

— Eu saí com uma prostituta — disse eu naquele encontro. — Uma mulher muito inferior a você em aparência e importância na minha vida.

— Por quê?

— Eu queria saber se está tudo bem comigo.

— E está?

— Está.

— É estranho, não é?

\* \* \*

— Eu posso passar na sua casa depois da academia, pra pegar a minha fita e a gente conversar um pouco?

Eu queria vê-la. Mas, como já tinha um compromisso para aquela noite, aproveitei a oportunidade para mostrar indiferença:

— A fita eu entreguei a Roberto, da academia. E não dá para a gente conversar hoje, porque eu tenho um compromisso.

Pouco mais de uma semana depois, fui à casa dela, num sábado à tarde.

— Teresa não está — informou sua mãe. — Ela foi para a fazenda.

Fazenda? O pai do seu ex-noivo tinha uma fazenda.

— A fazenda do pai de Milton?

— Sim.

Então era assim que ela queria aprender a ficar bem sozinha?

\* \* \*

Encontramo-nos, por acaso, quase um ano mais tarde.

— Você ainda está com Milton?

— Não, a gente acabou se separando de vez. Ele é complicado demais. Eu já sou meio complicada...

Eu ri:

— Complicada e meio.  
Ela riu também.  
— Com quem você está agora? — perguntei.  
— Com um cara chamado Arnaldo.

\* \* \*

Passados quatro ou cinco meses, eu soube do acidente e fui visitá-la. Ela sofrera uma cirurgia no braço esquerdo e poderia precisar de outra operação no mesmo lugar.

— Como aconteceu isso?  
— Eu fui olhar a hora, num relógio que eu tinha acabado de comprar. Aí a moto derrapou e caiu. Eu caí por cima do braço.  
— Dos males o menor. Ainda bem que foi o braço esquerdo.  
— É, podia ter sido pior.

\* \* \*

Ela não estava mais com o tal Arnaldo, mas com um sujeito chamado Rômulo.

\* \* \*

## **O Fim**

Quando nos encontramos de novo, novamente por acaso, o braço estava bom, ela se casara com o tal Rômulo e estava grávida.

— Quantos meses?  
— Quatro.  
Toquei sua barriga com a ponta do indicador.  
— Está muito grande a barriga.  
Ela riu:  
— O médico acha que podem ser gêmeos. Estou só imaginando o trabalho que vão dar.

\* \* \*

Era como se ela houvesse mudado de órbita, saído do circuito, viajado para outra dimensão.

Não fora com aquela Teresa – esposa e mãe – que eu vivera grandes momentos. Não fora daquela Teresa – esposa e mãe – que eu sentira tanta raiva. Ela finalmente deixava de ser um fantasma do presente para tornar-se algo menos nítido e ao mesmo tempo mais terrível: um fantasma do passado.

\* \* \*

— De que você mais sente falta quando se lembra dela?  
Era o Anão quem queria saber.

— Do prestígio que me era dado por sua beleza e sensualidade; de me sentir, pela primeira vez, desejado sem ressalvas por uma mulher especial.

---

#### 14º INTERVALO

Fico atento aos ruídos  
que ouço lá fora.  
Alguém quer entrar,  
invadir o meu mundo;  
ocupar minha casa  
e até minha vida;  
prender-me no quarto,  
amarrar-me na cama;  
afastar-me da lã...  
me fazer a comida.  
Alguém quer entrar,  
apagar minha chama;  
decorar minha sala  
e até minha vida;  
arrumar minha mala  
com as mãos de uma dama;  
vigiar minha fala...  
e fechar a saída.

#### CAPÍTULO 13-C

#### LONGE DEMAIS

(ou A QUEDA DE MIKHAIL GORBATCHOV)

Inaugurado em 1919, ampliado em 1925, o velho hotel foi, até os primeiros anos da década de 40, o lugar mais chique da cidade. Construído numa colina da cidade antiga, ele proporciona uma belíssima vista panorâmica do rio em cujas verdes margens a cidade nasceu, nos últimos anos do século 16.

À medida que a cidade crescia em direção ao mar, o velho hotel foi decaindo até se tornar, na década de 60, uma espécie de motel. Com o advento, nos anos 70, dos motéis propriamente ditos, aqueles que ficam à margem de uma estrada e oferecem privacidade a seus usuários, a decadência se acentuou.

No início dos anos 80, foi descoberto por alternativos, neo-hippies, bichos-grilos, ocupantes exóticos



da noite. O apogeu dessa fase foi em 1985, o ano das melhores festas no velho hotel.

Aquela festa, contudo, não estava grande coisa: pouca gente, pouca animação e o rock brasileiro daqueles anos anteriores a Bichos Escrotos: pouco peso, pouca força. Nada que se comparasse à grande festa de duas semanas antes, embalada pela coleção de rocks pesados e meio-pesados de um cidadão esqualido e esdrúxulo conhecido como Ed Mala, uma espécie de pioneiro dos darks, vestidos de preto dos pés à cabeça, que se tornariam moda no ano seguinte (por pouco tempo: não sobreviveriam à década de 80). Naquela festa, dentre os muitos tipos exóticos, chamou-me a atenção uma mulata baixinha de cabelo curtíssimo, feições ambíguas e nádegas protuberantes, que passou a noite e a madrugada se exibindo num biquíni mais curto que o seu cabelo.

A nova festa, embora insossa em quase tudo, revelou-me alguém que me entrou pelos olhos com o brilho de um tesouro: a moça judia. Depois do rosto eslavóide de Clarice, com seu ar de bem-alimentada e atraente ucraniana, e das feições morenas e ensolaradas de Teresa, uma mistura de Atlântico e Mediterrâneo com um toque de Pacífico Sul, eu estava diante do rosto judaico de Luiza (tudo isso no mesmo ano, em poucos meses, numa seqüência inesquecível).

Pele branquíssima, corpo graúdo, cabelo castanho misturado com louro, cheio e comprido, e feições judaicas: rosto ovalado, olhos pequenos e próximos, nariz grande (mas não adunco). Seu rosto me lembrou figuras históricas de Israel: Golda Meir, Menahem Begin, Ytzhak Rabin, Shimon Peres. Ela tinha, também, um certo ar de Woody Allen (de quem era fã), sem parecer, como ele, uma caricatura.

Ao pensar em Woody Allen e feições hebraicas, lembrei-me do Dr. Anthony D. Smith, renomado sociólogo:

— O grande movimento migratório de brasileiros do Nordeste para as grandes cidades do Sudeste nos anos 60 e 70 — disse ele numa aula — reforçou o preconceito antinordestino nessa região. É uma forma de preconceito racial.

— Mas os brasileiros do Nordeste, assim como os brasileiros em geral, não têm um padrão racial definido — argumentei.

— O racismo não precisa de padrões raciais definidos — retrucou o Dr. A. D. Smith. — Vejam o caso dos judeus: não têm um padrão racial distinto e são vítimas de racismo.

Dr. Smith era a cara de Woody Allen.

\* \* \*

Eu a vi no pequeno pátio em frente e ao lado do velho hotel, conversando e olhando a escuridão que ocultava a planície e o rio lá embaixo. Havia um rapaz a seu lado, entre outras pessoas.

— Gostou da maquiagem dela? — perguntou-me o rapaz quando me aproximei.

— Gostei.

— Fui eu que fiz — disse ele com orgulho, referindo-se à maquiagem de teatro que ambos usavam.

— Parabéns.

Ela apenas riu durante esse diálogo (eram freqüentes seus risos e sorrisos).

Percebi tudo num relance: o rapaz, amalucado, tinha uma paixão platônica por Luiza. Faltava-lhe coragem para tentar realizar a fantasia, por timidez, insegurança, sentimento de inferioridade ou valorização excessiva do objeto da

paixão.

— Tá meio fraca esta festa — comentei, puxando conversa.

— Você acha? — perguntou Luiza, respondendo a minha iniciativa.

— Acho. Esses rocks são fraquinhos. Você veio à festa de duas semanas atrás?

— Vim.

— Aquela foi uma grande festa.

— Eu não vi você.

— Eu também não a vi. Você gosta de jazz?

— Gosto. Por quê?

— Eu ganhei cinco discos de jazz ao comprar uma coleção de livros. Quero vender os discos.

— Você não gosta de jazz?

— Não, acho muito repetitivo. Aquela música que não sai do lugar, fica dando voltas.

Com o motivo/pretexto da venda dos discos, anotei seu número de telefone e lhe dei o meu. Quando voltei a conversar com Luiza (rapidamente), minha acompanhante na festa ironizou:

— Desse jeito você vai vender todos os seus discos.

Sáí do velho hotel convicto de que Marília e Eduardo – os acompanhantes – seriam vítimas daquela noite.

\* \* \*

— Há duas semanas, na madrugada daquela outra festa, a minha mãe reclamou de eu ter chegado muito tarde em casa — disse Marília ainda no carro, parado em frente a sua casa. — Eu disse a ela que a gente tinha brigado porque você deu em cima de alguém durante a festa.

Parou um pouco e prosseguiu com amargura:

— Eu pensei que era uma mentira. Estou vendo agora que era uma premonição.

Baixinha, meio gordinha, Marília era insegura, não gostava muito de si mesma. Naquele momento eu ainda não sabia que ela já perdera um namorado para Luiza, um restaurador de monumentos históricos, de Salvador, que passara alguns meses na cidade um ano antes. Desenhava-se agora mais uma perda na vida sofrida da jovem Marília, envolvendo a mesma rival.

\* \* \*

Marília me fizera uma declaração de amor de aparência estranha alguns dias antes. Acabáramos de transar na areia da praia, com a ajuda da noite. Ela rompeu o silêncio:

— I love you sometimes.

“Eu te amo às vezes.”

\* \* \*

Dia seguinte à festa, pôr-do-sol de domingo, conversa fiada com amigos. Eu

começava a lhes falar sobre a mulher interessante que conhecera na noite anterior. Telefone. Era Luiza, convidando-me para ir ao cinema, assistir a um filme de Hitchcock, *Janela Indiscreta*. Ou teria sido *Um Corpo que Cai*?

\* \* \*

Noite de domingo depois do cinema. Barzinho tranqüilo à beira-mar, longe dos lugares mais agitados. Com três caipiroskas circulando no sangue, ela estava ainda mais risonha. E muito falante.

— Você já fez com homem? — perguntou sorridente.

Eu me fiz de desentendido, também sorrindo:

— Já fiz o quê?

— Você sabe...

— Não, não fiz. E você já fez com mulher?

Ela riu ainda mais ao responder, meio encabulada mas divertindo-se muito:

— Já.

— Com muitas?

— Somente com uma.

— Muitas vezes?

— A gente teve um caso — informou, sempre rindo.

— Por quanto tempo?

— Seis meses.

— Por que terminou?

— Ela foi ficando ciumenta e possessiva, não aceitava que eu quisesse ficar só às vezes e tinha raiva de homem, o que eu não tenho.

— Eu já percebi que você não tem.

— Ela às vezes me chamava de princesinha — afirmou de repente, entre muitos risos.

\* \* \*

Fomos para a casa que ela dividia com a irmã, um pouco mais nova. Havia um carro na garagem e outro estacionado em frente. Ela explicou:

— A minha irmã está com o namorado.

— E o outro carro?

— São Ferdinando e Juliana — respondeu, referindo-se a um conhecido diretor de teatro da cidade e sua namorada.

— É uma casa ou um motel?

\* \* \*

A atração que eu sentira por ela na festa, no cinema e no bar não se confirmou no quarto. Broxei miseravelmente.

Dormi lá e a levei ao trabalho na manhã seguinte. Por alguma razão misteriosa, eu não sentia vontade de vê-la outra vez.

\* \* \*

Mesmo sem vontade de vê-la novamente, voltei a procurá-la. Queria me recuperar do fracasso da primeira noite.

Fui bem recebido, saímos de novo e após alguns dias consegui superar a falta de tesão que me surpreendera.

Ficamos juntos quatro anos.

\* \* \*

— Por que você está chorando? — perguntei alarmado.

Estávamos em sua cama, de madrugada, abraçados nus na escuridão. O rádio tocava baixinho uma música suave. Havíamos transado com entusiasmo; empolgava-nos agora a sensação de aconchego. Dois meses depois da festa, faltavam poucos dias para terminar o ano de 1985.

— Eu nunca tinha sentido tanto tesão — murmurou.

Eu já tinha visto choro pelos mais variados motivos. Mas nunca vira ninguém chorar de tesão.

\* \* \*

Luiza tinha uma imaginação forte, uma capacidade impressionante de visualizar e enriquecer o que lhe era dito. Estávamos num restaurante com amigos, numa noite em que os garçons eram aves raras. Um só garçom, apressado e aflito, tinha que atender a várias mesas.

— O garçom entrou no banheiro — constatou alguém.

— Ela vai se suicidar — brincou outro.

Todos riram, mas ela riu muito mais (provocando nos outros novos risos), porque “viu” o garçom chorando e puxando os cabelos em frente ao espelho, tirando uma faca de cozinha do bolso do paletó e cortando o pescoço, desesperado.

Ela fazia confusões verbais engraçadíssimas, trocando, por exemplo, mico-leão dourado por macaco-ouro. E era capaz de afirmações surrealistas totalmente espontâneas. Certa vez, quando tentei acordá-la, reagiu, entre dormindo e acordada:

— Espera aí que eu tô sonhando.

\* \* \*

Era notável sua força física. Eu a desafiei várias vezes para uma queda-de-braço, mas ela nunca aceitou. Tinha medo, certamente.

De ganhar.

\* \* \*

Nunca realizei a fantasia de dividir a cama com Luiza e outra mulher. Todas as lésbicas que conhecíamos eram homossexuais exclusivas (e eu não me sentia atraído por elas, com uma exceção). Sua bissexualidade, entretanto, era motivo freqüente de brincadeiras que ajudavam a compor nossa cumplicidade.

— Princesinha — provocava eu.

— Seu bobão — respondia com bom humor.

Passavam duas garotas atraentes. Provoquei:

— Veja aquelas duas, que beleza. Eu fico com uma e você com a outra.

— Eu fico com a mais alta — respondeu entre risos. E arrematou:

— Seu bobão!

Ela tinha fixação pela cantora e atriz americana Cher. Assistíamos a um filme em que aparecia Anjelica Huston. Luiza comentou:

— Ela é esquisita, não é?

Eu já a ouvira descrever seu ídolo Cher da mesma forma. Percebi então quais eram suas preferências femininas: mulheres altas de rosto comprido e traços fortes.

— Conheceu alguma mulher esquisita ultimamente?

— Seu bobão!

\* \* \*

Luiza mudou rapidamente em nossos primeiros meses de convivência e já nas primeiras semanas: deixou de fumar maconha, de usar sandálias de dedo e roupas meio hippies, parou de sentir gosto de sangue ao fazer exercícios, passou a valorizar mais o seu corpo e a cuidar mais da aparência, sem cair na futilidade, e deixou de ser freqüentadora assídua de barzinhos alternativos. A mudança mais básica foi sua destribalização: sem romper com seus amigos ou afastar-se deles por completo, ela deixou de andar em bando, como adolescentes, andorinhas ou turistas japoneses.

Dois dos membros mais radicais do gueto deixaram de me cumprimentar, ofendidos pelas mudanças no comportamento de Luiza, pelas quais eles certamente me responsabilizavam. Eu era o lobo careta que arrastara a ovelha para longe do rebanho alternativo.

\* \* \*

— “Hoje o samba saiu, laraiaí, procurando você / quem te viu, quem te vê / quem não a conhece não pode mais ver pra crer / quem jamais esquece não pode reconhecer.”

— Seu bobão!

\* \* \*

Foram quatro anos com Luiza, quatro anos de muitas conversas e brincadeiras, de infidelidade minha e de uma gangorra sexual: alternei inúmeras vezes o desejo dos três primeiros momentos (festa, cinema e bar) com a apatia da cena seguinte àqueles instantes. Até que um dia ela cansou.

\* \* \*

— Infidelidade sua... — era o Anão pensando alto. — E dela?

— Que eu saiba, houve um episódio. Uma retaliação. Ela descobriu uma de minhas aventuras e saiu com um garotão intelectual que estudava em São Paulo. Ela própria me contou e disse que não houve penetração, mas eu prefiro não acreditar.

— Para não parecer ingênuo.

— Para não me sentir ingênuo.

— Qual foi sua reação?

— Fiquei furioso e a pus de castigo, na geladeira. Ela me procurou, depois eu

a procurei. Fizemos as pazes no meio da noite, dentro do carro no centro da cidade, de maneira apaixonada. Tivemos uma de nossas melhores fases depois disso.

O Anão sorriu com malícia antes de fazer outra pergunta.

— Ela descobriu algum outro caso?

— Se descobriu, não disse nada. Deve ter desconfiado, mas acho que só teve certeza uma vez. Ela nunca foi de expressar desconfianças. Quando teve certeza, agiu primeiro e falou depois.

\* \* \*

Luiza esfriou em duas ou três semanas. No meio desse período, na véspera da angustiante eleição presidencial brasileira de 89, 2º turno, tivemos uma noite especial, a visita da saúde. Surpresa com o meu calor temporão, ela reagiu muito bem às iniciativas que tomei. Mas o processo não se deteve, somente se desacelerou. Desconcertado por sua guerra fria, eu mesmo propus o desfecho, recebido por ela com alívio, discreto mas indisfarçável.

\* \* \*

Fato consumado, comecei a me sentir desprotegido, a sentir falta do porto seguro, da referência, da base confiável em torno da qual eu me movimentava. Foram sensações tardias: Luiza já estava com outro, um homem quinze anos mais velho, casado, colega recente de trabalho, pai de filhos adolescentes.

Ele deixou a família para ficar com ela, passaram a viver juntos, tiveram uma filha. Era uma vez a moça do velho hotel, admiradora de Cher e Anjelica Huston.

\* \* \*

— Eu passei por Luiza na rua — disse-me um de seus melhores amigos. — Ela mal falou comigo. Eu soube depois que o marido dela é muito ciumento.

\* \* \*

O velho hotel, restaurado, tornou-se palco para insossos coquetéis e enfadonhas solenidades.

\* \* \*

— Eu vi Luiza numa festa infantil de colégio — contou um amigo meu. — Ela está parecendo uma madame.

\* \* \*

— Ela começou a sair com o futuro marido quando ainda estava com você?

— Eu não sei, mas desconfio que sim. Uma coisa me parece certa: aquele esfriamento súbito não foi causado só pelos nossos problemas, que eram antigos. Houve também uma motivação externa. Mas isso não tem nenhuma importância.

— Tem alguma importância — definiu o Anão. — Mas não é, de fato, o mais importante.

\* \* \*

— As jandiras merecem morrer.

Era o Anão pensando alto.

— Lembre-se — interrompi — de que somente uma será escolhida. E não necessariamente uma das três.

— Luiza é uma superjandira — descreveu, para em seguida comparar: — Veja Clarice. O objetivo, o destino dela sempre foi este: fechar a janela e ajeitar o jantar. Ela abriu parênteses para viver uma aventura com você. Vocês criaram um igarapé, no máximo um afluente, fora do fluxo principal da vida dela. Clarice era uma jandira anunciada. Não poderia ser outra coisa, apenas cumpriu o seu destino.

— E Teresa?

— Meio lá, meio cá. Não era uma típica futura jandira. Mas antes de conhecê-lo já fizera planos de casamento. Quanto a Luiza, que transformação!

— Ela mudou muito ao conviver comigo. Mas, como se diz, passou direto. Extrapolou. Eu me sinto, em relação a Luiza, como Gorbatchov perante a União Soviética. Ele queria transformá-la, não destruí-la. Mas o cavalo o derrubou e se deixou montar por Boris Ieltsin.

— Então, das três...

— Não tire conclusões apressadas. A analogia tem limites. Meu tempo com Luiza cumpriu seu potencial, foi às últimas conseqüências, esgotou suas possibilidades.

— O que não aconteceu com as outras duas.

— Não. Com uma diferença importante entre elas: os caminhos que Teresa abriu para mim mas logo fechou (ou me levou a fechar) eram mais amplos e mais ricos.

— Foi maior, portanto, o desperdício.

---

## 15° INTERVALO

— Eu vi um retrato de Madonna quando era pequena. Era a cara de Dudu — debochou benignamente o bailarino e coreógrafo, referindo-se a Dudu Nicolau, baixinho de rosto engraçado, emérito dublador de Madonna.

— Por falar nisso, Dudu, — interrompi — eu me lembro de você dublando Nina Hagen.

— Meu Deus, nem eu mesmo me lembrava mais disso. Não é que eu imitei Nina Hagen! Quando foi que você me viu dublando Nina Hagen? Estou perplexo com a sua lembrança.

— Eu digo quando e digo onde: Hotel Globo, outubro de 1985. Há mais de onze anos. Numa festa organizada por Ed Mala.

— Foi mesmo... Vou fazer uma dublagem de Nina Hagen em homenagem a você.

— Você ainda tem algum disco dela?

— Não.

— Neste caso, não vai conseguir fazer a homenagem, por falta de trilha sonora.

— É mesmo, né? Nina Hagen é uma raridade hoje em dia. Tô impressionado com a sua memória.

— Eu tenho boa memória. E tenho motivos para não esquecer aquele tempo.  
— Huum!

\* \* \*

O diretor de teatro Irineu Filho (mais conhecido entre seus inimigos como “Irineu Filho da Puta”), amiguinho de longa data do colunista social mal-disfarçado Francislildo Vironha (mais conhecido nos bastidores como “Francislilda Piranha”), tentava convencer um ator das vantagens e delícias da heterossexualidade. Dudu Nicolau ia passando, ouviu um trecho da conversa, interveio e fulminou, para desespero do candidato a cristão-novo Irineu:

— Há dois tipos de ex que não existem: ex-anão e ex-gay.

## CAPÍTULO 14

### VIRGÍNIA

A menina se aproximou do carro e foi logo anunciando:

— Eu transo e chupo.

Olhei para ela espantado:

— Há quanto tempo você transa?

— Dois anos.

Seu rosto tinha uma estranha aparência de maturidade.

— Quer sair com as duas?

Era Sofia a autora da pergunta (lembra-se dela?).

— Eu faço tudo, ela chupa e transa.

— Quanto?

— Sessenta pras duas.

— Quarenta.

— Cinqüenta.

— Fechado.

— Vamos lá, Virgínia.



\* \* \*

— O que foi? — perguntou Virgínia, desconfiada, quando olhei para ela curioso. Ela estava sentada no banco traseiro do carro.

— Relaxe, Virgínia — ordenou Sofia, sentada a meu lado na frente. — Ele é legal. Se você andar certo com ele, ele anda certo com você — assegurou em sua linguagem peculiar.

— É você quem dá as instruções a ela?

— É que eu tenho mais conhecimento — esclareceu, com sua experiência de ninfeta veterana. — Tem uns caras que são agressivos com a gente. Aí eu mando ela ser agressiva também.

\* \* \*

Sofia estava mais simpática e afável, mudara em menos de um ano.

Continuava uma pessoa de poucos sorrisos, mantinha a altivez e a elegância no porte, mas perdera o ar arrogante.

A prostituição endurece umas, amolece outras. E racionaliza algumas, tornando-as mais propensas a atitudes que favoreçam os negócios. Talvez fosse este o caso de Sofia.

\* \* \*

Virgínia. Branca, cabelo curto alourado. Os seios incipientes e os ralos (e raros) pêlos pubianos contrastavam com um rosto quase de mulher. O contraste provocava estranheza, produzia fascínio.

\* \* \*

— Vamos fazer o seguinte — propôs Sofia. — Você dá setenta pras duas e ela também faz tudo.

— Você concorda? — perguntei a Virgínia.

— Concordo.

\* \* \*

A sexualidade de Virgínia era híbrida. Ela tinha a desinibição e a desenvoltura de uma mulher liberada, misturada com infantil curiosidade, num coquetel peculiar, arrebatador.

Ela quis me ver nu logo que entramos no quarto, teve pressa em me tocar, brincou com variações orais (e quis saber o efeito de cada brincadeira), observou com interesse cada detalhe dos meus contatos com Sofia e fez poses para o espelho do teto.

Foi penetrada, em duas etapas, com surpreendente facilidade. E depois de tudo perguntou se eu gostara.

\* \* \*

Corpo incipiente e rosto estranhamente maduro. Inquietude de criança, desembaraço de mulher. Penetrar Virgínia foi um prazer inebriante, acentuado pelas massagens e carícias simultâneas de Sofia, cada vez mais distante da arrogância original.

\* \* \*

— Até a próxima — despediu-se Virgínia.

\* \* \*

— Onde está Virgínia? — indaguei a Sofia semanas mais tarde.

— Ela inventou de fazer ponto na Rodoviária. Eu fui contra, mas ela é

teimosa.

Deu tudo errado pra ela lá. Primeiro, uns pivetes seguraram o dinheiro dela. Interrompeu para explicar:

— Segurar quer dizer tomar.

E retomou a narração:

— Depois o juizado de menores pegou ela e recolheu.

— Quer dizer que ela não vai mais aparecer por aqui.

— Vai. O juizado recolhe, segura um tempo e depois entrega à família.. Daqui a pouco ela tá aqui de novo.

— Há muitas meninas na Rodoviária?

— Tem algumas, mas são sujas, desarrumadas. O ambiente lá é muito baixo. É por isso que eu não queria que Virgínia fosse pra lá.

\* \* \*

— Eu vou passar uns dias em Recife — continuou Sofia. — Lá tem muitas meninas novinhas. Eu tô pensando em trazer umas pra cá, os coroaos gostam.

Elas dividiam os clientes em boys e coroaos. Quem não fosse boy era coroa, termos compatíveis com o perfil da grande maioria de seus clientes, rapazes muito jovens ou quarentões e cinqüentões casados. (“Pense num boy metido a merda. Eu já não gosto de boy. Aquele, então, nem pintado.” Feminino de boy: boyzinha. “Aquele inaugurou o ponto mas só quer ser boyzinha, diga aí.”)

— E onde as meninas ficariam aqui na cidade?

— Na minha casa. Mas eu tenho medo, podem pensar que eu tô agüentando o dinheiro delas.

— Agüentando o dinheiro?

— É, quer dizer, tomando conta do dinheiro e ficando com uma parte. Eu sou mais velha, podem achar que eu tô explorando.

— E o que você vai ganhar se trazer as meninas?

— Eu vou fazer programa junto com elas. Vai ter mais movimentação, sabe como é.

\* \* \*

Virgínia passou pouco tempo sob a guarda do Estado, como Sofia previra. Foi entregue à família e logo voltou às ruas. Mas não cheguei a vê-la de novo: ela migrou para a cidade maior, levada por uma das garotas que Sofia trouxera.

\* \* \*

— Virgínia ainda é uma criatura híbrida?

— Ainda. É uma história nova.

— Ela não deve crescer.

— Que bobagem, ela vai crescer... Espere aí, por que você quer matá-la?

— O contraste que o encantou vai desaparecer, já está desaparecendo.

— Mas isto não é motivo para eliminá-la.

— Você não deve encontrar-se novamente com ela, não deve permitir que se quebre o encanto.

— Mas para isso não é preciso assassiná-la. Ela até mudou de cidade.

— Ela vai aparecer por aqui de vez em quando, é um bom mercado.  
— Mas eu não terei que sair com ela.  
— Você não resistirá à tentação. Algo tão encantador quanto o que Virgínia lhe deu deve ser preservado, mas só pode ser conservado na memória.  
— Não me agrada a idéia de destruir alguém de quem não tenho queixas.  
— Decidiremos no tempo certo.

\* \* \*

— Você conhece Rosana e Emília?  
Sofia fez uma careta:  
— Elas transam uma com a outra. Deus me livre.  
— É verdade, eu saí com as duas um dia desses, fiquei surpreso.  
Elas não têm jeito de sapatão. A menor é um azougue, nunca vi ninguém tão tarada. E ela é assim nas duas direções.  
Rosana, a mais nova e franzina, mostrara entusiasmo pela parceira:  
— Eu gosto de mulher assim, boazuda.  
— Você também é muito gostosinha — devolveu a outra.  
— Não vá perder esse relógio, eu lhe dei com amor.  
— Pode deixar, fofinha, vou cuidar bem do relógio que você me deu.  
A dupla incomum me excitara, fizera-me rir. Agora, porém, meu pensamento corria de novo para Virgínia.  
— Continua em Recife — informou Sofia.

\* \* \*

Rosana chamava o ponto, muito apropriadamente, de “mercado”:  
— Quando você vai passar de novo no mercado?  
— Qualquer dia.  
Virgínia emigrara para outro mercado.

---

## 16º INTERVALO

— Eu tenho uma teoria sobre perversão sexual — anunciei aos amigos durante um jantar. — O verdadeiro tarado não é o que corre atrás das gatinhas de 15 anos. É fácil ter tesão por elas. Difícil é sentir desejo pela mesma mulher depois de vinte anos de casamento. Quem consegue isso é o verdadeiro tarado.  
— Vinte anos? É muito. Pode baixar isso um bocado — corrigiu Gaspar, com a experiência de seus nove ou dez anos de casamento.  
— O maior tarado da História da humanidade é o sogro de Ademir — illustrei, para deleite geral.  
Velho forte da roça, 80 anos, Seu Antenor “procurava” Dona Maria dos Anjos, de setenta e poucos, todas as manhãs, apesar das bodas de ouro e dos doze filhos. D. Maria não gostava, mas cumpria suas obrigações de esposa, resignada.

Queixava-se com a filha:

— Eu não gostava dessas coisas nem quando era moça. Imagine agora.

— Não gostava e teve doze filhos. Imagine se gostasse — divertia-se a filha, mãe de dois meninos.

— Seu pai é que sempre foi muito danado. Eu tinha que cumprir minha obrigação.

Tentei explicar:

— O tesão desse velho é quase todo endógeno, vem muito mais de dentro do que de fora. Qualquer uma serve para aplacá-lo.

— Seu Antenor, o verdadeiro tarado! — definiu Gaspar solenemente.

## CAPÍTULO 15

### VARANDA E COBERTURA

#### CAPÍTULO 15-A

#### O PRÍNCIPE ANFÍBIO

— Imagine o que é ser idolatrado por uma mulher de 17 a 20 anos, grandes olhos acinzentados contrastando com o castanho escuro dos cabelos curtos, maçãs do rosto destacadas, pele de porcelana sobre um corpo longilíneo. Formas pouco salientes, mas conjunto sedutor.

— Imagino — respondeu o Anão.

— Ela me pedia para cantarolar, porque adorava o som da minha voz. E queria me ver fazendo a barba, queria fazê-la comigo, como uma menininha fascinada pelo pai. Chamava-me de “meu lindo”, com olhar embevecido.

Ele sorriu de maneira indefinível:

— Imagino.

— Eu poderia ser o pai dela, cronologicamente, considerada uma paternidade precoce, adolescente. A diferença teria diminuído relativamente com o passar dos anos. Mas naquele momento era grande.

O olhar do Anão estava perdido, distante, viajando à deriva. Continuei:

— O pai, apenas doze ou treze anos mais velho do que eu, foi embora quando ela tinha 4 anos. Ela cresceu muito apegada à mãe e ressentida com o pai. Não teve adolescência.

— Por quê?

— A adolescência implica num afastamento em relação aos pais. Do pai ela se afastou muito antes da hora, ou melhor, sentiu-se abandonada por ele. Da mãe nunca se afastou. Sem adolescência, — prossegui, bancando o psicólogo — ela se tornou um adulto anacrônico.



— A adoração era o lado bom — definiu o Anão.

— Inseparável do lado ruim — completei. — Cara e coroa da mesma moeda.

— O outro lado da idolatria... — estimulou o Anão.

— Eram a exigência, a possessividade, o ímpeto de destruir o meu mundo e me arrastar completamente para o seu. Ela tinha ciúmes de tudo que era meu, não sendo dela também: família, amigos, minhas horas de solidão... Queria de mim toda a atenção que sempre recebeu da mãe e toda a paparicação que nunca teve do pai. Em resumo: queria demais.

— Dois lados inseparáveis... — divagou o Anão, fazendo-me falar, servindo voluntariamente como escada para o meu desabafo.

— Inseparáveis, sim. Mas não perfeitamente paralelos. No começo prevaleceu o lado principesco da história. Depois, à medida que eu destoava do ideal sonhado, o príncipe se tornou meio sapo, sem deixar totalmente de ser príncipe. Diante dos atritos e cobranças, eu deixei de me sentir à vontade, comecei a pisar em ovos. Mas isso não era o pior.

— O que era o pior?

— A triangulação, sua incapacidade de viver uma relação a dois, sua necessidade de levar a mãe nas costas, emocionalmente.

— A mãe.

— Uma pessoa amargurada, hipocondríaca, cheia de medos que transmitiu à filha. Teve muitas perdas e não assimilou nenhuma delas. Perdeu os pais, por morte, o casamento, por infelicidade conjugal, a única irmã, por rivalidades e desavenças. Perdeu status e condição econômica. Ainda casada perdera uma filha, vinte dias após o nascimento. Passou a investir tudo na filha que nasceu depois, do mesmo casamento falido, jogando sobre ela um peso descomunal.

— Como ela o tratava? A mãe, quero dizer.

— Sempre me tratou bem. Ela gostava da minha atitude protetora em relação a Diana (e a ela também, em decorrência). Ambas se sentiam mais seguras comigo. Sua forma de agredir era outra, a chamada passividade agressiva, a pessoa que agride pelo sofrimento que cultiva e expressa. Filha de um homem severo e cheio de caprichos, por quem tinha um amor obsessivo e submisso, ela se tornou um “mãe judia”.

— Mãe judia?

— Alguém, não me lembro quem, talvez Woody Allen, distinguiu as mães italiana e judia, duas figuras de grande importância em Nova Iorque. Diz a italiana: “se fizeres isso, eu te mato”. Afirma a judia: “se fizeres isso, eu me mato”.

\* \* \*

Diana e a mãe não podiam separar-se por mais que umas poucas horas, e ela parecia sentir-se culpada ao se divertir sem a mãe. Fomos duas vezes ao velho hotel, em noites de sábado, para os lançamentos de um livro e de um vídeo (saudade das festas...). Ela depois me recriminou, porque eu não convidara sua mãe para ir conosco.

— Eu não aceito essa história de você marginalizar minha mãe. Teria sido um programa bom pra ela.

— E ela poderia ter ido. Com outras pessoas.

\* \* \*

Ela pediu desculpas à mãe por eu não tê-la convidado para uma festa do meu aniversário.

— Não se preocupe, minha filha, eu já estou acostumada.

\* \* \*

Diana falava da morte do avô e, sobretudo, da morte da irmã recém-nascida, sua predecessora, como se tivesse vivido tudo aquilo. Era a herdeira dos sofrimentos da mãe, transmissora eficiente.

\* \* \*

Aos 17 anos, quase 18, era minúscula sua experiência com relações afetivas fora da família. Tivera, ainda criança, uma paixão por um adulto. Platônica, naturalmente. Sua inexperiência e ar angelical, somados a seu ambiente familiar como cenário principal de nossa convivência, inibiram-me com força. Nosso relacionamento físico avançou lentamente, mais por iniciativa dela do que minha. Ela já completara 19 anos quando aconteceu nosso primeiro contato mais ousado.

\* \* \*

— Quer dar uma olhada na cobertura? — convidou Diana.

— Vamos.

Havia um apartamento de cobertura, ainda não ocupado, no edifício para onde elas tinham-se mudado um mês antes. As chaves estavam com Diana naquela manhã.

Subimos à cobertura.

\* \* \*

— Vamos descer? — sugeri, depois que olhamos a cobertura.

— Vamos ficar mais um pouco — decidi.

E logo depois me abraçou e beijou com entusiasmo. Ficou de costas para mim e pressionou a bunda contra a minha pélvis. “Ela quer ser penetrada!”

Tirei a parte de baixo das nossas roupas e a penetrei, com uma forte sensação de incredulidade, preservando-lhe a virgindade principal.

\* \* \*

Quando terminamos, ela me pediu para vestir a roupa:

— Eu ainda não me acostumei a vê-lo assim.

\* \* \*

Ao nos despedirmos, naquela manhã, Diana me deu um sorriso de anjo e definiu a seu modo o que acabara de acontecer:

— Fizemos uma travessura.

\* \* \*

Quinze dias depois, à noite, estávamos deitados numa rede armada na varanda do pequeno apartamento que ela dividia com a mãe. Ela repetiu o gesto: ficou de costas para mim, de lado, e pressionou seu corpo contra o meu, em silêncio, concentrada. O resultado foi o mesmo e a sensação de incredulidade quase tão forte.

\* \* \*

Termináramos havia poucos minutos quando a mãe apareceu, preocupada:  
— Diana, minha filha, não adormeça na varanda, pra não se resfriar.

\* \* \*

Na semana seguinte, levei um filme de ficção científica para assistir com as duas. Fiz um comentário, ainda à mesa do jantar:

— Eu espero que os extraterrestres desse filme apareçam. Filme de ET, pra mim, é como filme pornográfico: tem que ser explícito.

— Ah, ótimo — respondeu Diana com irônica arrogância. — Isso é coisa que se diga na frente da namorada?

Levantei-me da mesa, discutimos, não fiquei para o filme. Quis deixar a fita, ela não aceitou. Este foi o motivo, ou o pretexto, para uma das nossas cinco ou seis separações.

\* \* \*

Outra noite, meses mais tarde. A mesma rede na varanda. Diana abriu minha calça, manipulou o pênis. De repente, desceu sobre ele e o pôs na boca. “She came down on me”, diriam os ingleses. Praticou uma discreta felação que me levou às nuvens. Não pelo desempenho físico, modesto, mas por causa do ineditismo e da espontaneidade do ato, totalmente inesperado.

Ela completou o quadro ao olhar para mim com cara de travessura e dizer:

— Eu nunca tinha visto assim, tão de perto. Achei tão bonitinho... não resisti.

\* \* \*

Aquela deveria ter sido a grande noite, poucos dias depois da surpreendente iniciativa oral de Diana. Desde que ganháramos mais intimidade física, ela se mostrava veladamente relutante em ficar a sós comigo fora de seu território. Sempre que combinávamos passar algumas horas em minha casa, algum impedimento se levantava (sua mãe tinha uma crise de hipertensão, por exemplo). Meus convites eram raros, devido ao meu desconforto com sua relutância. Quando uma tentativa se frustrava, eu demorava para tentar outra vez.

Mas naquela noite eu consegui trazê-la, finalmente, e tive a chance de retribuir, com muito prazer, suas ousadas carícias de poucos dias antes. Ela passou a mão em meu rosto e agradeceu:

— Obrigada pelo carinho.

\* \* \*

O agradecimento – delicado, comovente – seria o ponto alto da noite. Para minha surpresa, desta vez invertida, ela não repetiu a ousadia, mesmo em

condições objetivamente mais favoráveis: privacidade, conforto, segurança.

Diana reagiu quando tentei usar um preservativo para ejacular dentro dela pela primeira vez:

— Você tá certo, mas é estranho, eu não tô acostumada, ainda não faz parte da minha vida.

À uma hora em ponto o telefone tocou. É preciso dizer quem era? (ela dissera à mãe que estaria de volta à uma hora). Ouvi a pergunta fatal:

— Vocês vão demorar?

Fim de noite, fim de festa.

\* \* \*

Percebi, com toda clareza, que a sexualidade de Diana era territorial e furtiva como um beijo roubado. Só podia ser exercida no ambiente materno (ou numa extensão dele, como a cobertura). Só podia manifestar-se nas brechas, furtivamente, não sendo plenamente assumida, com um ar meio clandestino, de travessura que não se conta à mãe.

Era a sua maneira de ser adulta sem deixar a infância, sem ter sido adolescente.

\* \* \*

— Ao fazer aquele comentário sobre filmes, — analisou o Anão — você lhe mandou uma mensagem a favor da sexualidade inteira, assumida, explícita.

— E sua reação violenta acusou o golpe — concordei.

\* \* \*

— Há poucas coisas tão lamentáveis quanto uma relação que se desgastou sem ter sido vivida totalmente — disse o Anão, taciturno.

\* \* \*

— De certa forma, você é um privilegiado — afirmou Diana logo após a separação definitiva, decidida por ela no meio de mais uma crise.

— Há coisas que você teve e ninguém mais terá, em todos os aspectos.

\* \* \*

— Você teria sido um pai substituto com muito prazer — acrescentou o Anão, agora risonho. — Mas no seu script não havia lugar para uma mãe como protagonista.

— Não havia, com certeza.

— Papai, mamãe, filhinha?

— No way. De jeito nenhum.

— Para desempenhar bem o seu papel no script de Diana, você não poderia fazer o que o pai fez: rejeitar a mãe dela.

O Anão passou, de repente, da seriedade ao escracho:

— Você nunca pensou em transar também com a sogra? Quem sabe...

— Deus me livre! Antes uma boa morte.

Parei de rir e admoestei:

— Você não deveria brincar desse jeito. É um assunto muito sério.

\* \* \*

— Momentos, momentos — ponderei. — Tudo isso são impressões, impressões momentâneas, que vão e voltam. Não são necessariamente a verdade. “A verdade mora num poço”, aponta o ditado.

— Todo julgamento se baseia na idéia de se chegar à verdade, mesmo que seja a daquele júri ou juiz específico. E o mundo pode acabar-se num instante. Ou num instante escapar de um desastre.

---

## 17º INTERVALO

“Mãe é mãe, ainda mais quando é judia. Que o diga uma senhora cujo nome está sendo mantido em sigilo pelas autoridades de Israel. Não é para menos: ela se infiltrou numa base militar para vigiar de perto a sua filha. Ficou quatro dias clandestina, agachada atrás de uma moita, até que foi descoberta. Em Israel, as mulheres, assim que fazem 18 anos, servem obrigatoriamente as Forças Armadas por 21 meses. Por causa dessa supermãe, as visitas de parentes às recrutas estão proibidas.”

(IstoÉ, nº 1430)

## CAPÍTULO 15-B

### VC 2 - A EXPLOSÃO

O fantasma delgado de Diana me assombrou intensamente ao longo de um ano inteiro. Reví a cena inúmeras vezes. Revivi a cena inúmeras vezes. Quase sempre com um frio na espinha.

Diana me pediu para parar o carro. Depois me pediu para beijá-la. E me beijou com mãos e boca de uma mulher enamorada. Para então dizer-me:

— Este beijo foi a nossa despedida.

Explodi em fragmentos, como uma vidraça que recebe uma pedrada.



\* \* \*

Manhã de sábado. Exatamente um ano depois eu estava de volta à sala do

pequeno apartamento. Atormentado pelo peso das coisas incompletas, sobretudo pela lembrança atroz da grande noite frustrada, não conseguira manter-me distante. Nossa reaproximação ia bem, mais alguns dias e estaríamos totalmente de volta aos velhos problemas.

A “velha” (na verdade uma mulher de 50 anos) estava muito agitada naquela manhã. Brigara com a filha mais velha (sim, contrariando as aparências, Diana não era filha única). Brigara porque a moça resolvera passar uns dias, com seu filho de um ano, na casa da avó paterna do menino. Por esta razão as duas decidiram não comparecer à festa do primeiro aniversário do neto de uma, sobrinho da outra.

— Paulinho fez aniversário há dois dias. E Regina não trouxe o menino aqui.

— Por que vocês não foram lá?

— Deus me livre. Eu não quero conversa com aquele povo. Não sei por que Regina inventou de se casar com Mário. E se casou às pressas, como se estivesse grávida. Nem estava, ela só engravidou dois anos depois. Parece que tava ansiosa pra sair de casa. Não gostava que eu controlasse os horários, eu acho.

— Talvez ela se sentisse meio marginalizada dentro de casa, por causa da relação muito forte entre a senhora e Diana.

— Diana apegou-se muito a mim porque ninguém mais gostava dela, todo mundo preferia Regina. O pai, a tia, minha mãe...

“Meu Deus!” Eu nunca tivera uma visão tão nítida da loucura opressiva daquela mulher. “Pobre Diana”.

A velha foi em frente com olhos histéricos:

— Aquela prima de Mário esteve aqui um dia desses. Ela agora é evangélica, vê o demônio em quase tudo. Disse que a imagem de Buda é coisa do demônio. Coisa do demônio é o que ela faz. Não consegue nem sentar direito no dia seguinte.

Estarrecido, vi a mulher, enquanto falava, desfilar pela sala com o traseiro projetado para cima e para trás. Parou no meio do cômodo e, com olhar furioso, começou um discurso contra a sodomia:

— O sexo anal é uma aberração, É uma coisa que só tem a participação de um, e o sexo tem que ter a participação de dois.

Sentada ao meu lado, olhos baixos, Diana era a própria imagem do constrangimento. A velha retirou-se, eu mudei de assunto:

— Vocês podem ter mil queixas contra Mário, mas de uma coisa não podem reclamar: ele abriu mão de transmitir ao filho seu próprio sobrenome, permitiu que o menino tivesse apenas o nome e o sobrenome do avô materno.

\* \* \*

Sáímos naquela noite. Fomos a um restaurante chique e a um bar “cabeça”. Faltava somente o beijo na boca, que marcaria o reatamento oficial, o retorno formal aos velhos problemas.

\* \* \*

Domingo à tarde. Eu e Diana conversávamos na cozinha minúscula quando a velha apareceu, falando:

— Sobre aquele incidente de ontem, eu queria esclarecer...

— Que incidente? Houve algum incidente ontem?

— Aquela história sobre o nome do filho de Regina. Eu quero deixar uma

coisa bem clara: quando Diana abrir as pernas pra parir, a criança vai ter o sobrenome dela, eu não admito que seja diferente.

— Nem eu. Eu acho que o filho deve ter os dois sobrenomes, o do pai e o da mãe.

— Mário não tem o sobrenome do pai, é filho de mãe solteira.

— Deve ser por isso que ele não fez questão.

A velha continuou resmungando, balbuciando coisas sobre os direitos da mulher e contra os homens, que ela chamava desdenhosamente de “machos”.

— Eu já disse qual é a minha posição sobre este assunto.

Retirei-me para a varanda. Diana me seguiu, uns cinco minutos depois.

— Eu não gostei da atitude agressiva da sua mãe.

— Atitude agressiva?

— Muito agressiva.

— Você tá exagerando.

— Não estou.

— Ela pensou que você queria dizer que o filho deveria ter só o sobrenome do pai.

— Pensou porque quis. Eu não disse isso. Você sabe, ou pelo menos deveria saber.

— Se você ficou tão ofendido, é melhor eu chamar Mãinha para esclarecer tudo.

— Eu não acho uma boa idéia.

Diana chamou “Mãinha”, que já chegou falando:

— Você se ofendeu? Eu só quis dizer que não acho justo o homem ter privilégios...

— Se a senhora não quer que eu me aproxime de Diana, basta dizer e eu me afastarei.

Os olhos da velha se abrasaram:

— Deixe de ser estúpido, eu nunca fui contra você. Até já servi de mediadora entre vocês. Você é que sempre foi contra mim. Lembra aquela vez em que fomos os três ao cinema? Depois do filme, você quase saiu correndo na frente. Eu quis pegar um táxi, Diana pediu pra eu não fazer isso.

Lembrava-me muito bem do episódio. Estávamos de mãos dadas, Diana e eu, quando ela segurou também a mão materna, ficando entre o homem e a mulher, feliz como uma criança cujos pais estão unidos. Constrangido e assustado, afastei-me delas e apressei o passo. Meses mais tarde, Diana criticou minha atitude, sem dizer, todavia, que sua mãe reclamara.

— Aah, quer dizer que a senhora fez isso, ameaçou pegar um táxi, fazendo-se de vítima. Diana reclamou dessa história, mas nunca me falou da sua reação. Muito interessante. Esclarece muitas coisas.

— Vocês foram duas vezes ao Hotel Globo. Eu disse a Diana: “Minha filha, eu queria ir, gosto muito desse tipo de evento. Mas ele não me convidou”.

— Aah, certo, Muito interessante.

— Você pensa que Diana não tem opinião própria. Acha que ela é teleguiada por mim.

— Acho. A senhora tem seus recursos, tem os seus meios indiretos e maquiavélicos. É uma manipuladora. Apóia, aparentemente, mas fica se fazendo de

vítima. Como sabotagem, não pode haver nada mais eficaz.

A velha passou a referir-se a mim na terceira pessoa, como se eu não estivesse presente:

— Ele pensa...

— Pode falar comigo na segunda pessoa. Eu ainda estou aqui.

— Eu já lhe disse que não faço por trás. Só faço pela frente.

Saiu da sala após mais esta referência à sodomia.

— Por que sua mãe disse aquilo?

— Ela só estava se defendendo.

— Não se faça de boba. Ela fez, pela segunda vez em dois dias, referência a uma determinada prática sexual.

— Eu sei, eu sei — cortou Diana, com a cara no chão.

Poderia lhe ter perguntado se ela contara à sua mãe sobre a cobertura e a varanda. Mas não o fiz. Só anunciei:

— Vou embora, não tenho mais nada a fazer aqui.

— Tchau — ouvi ao passar pela porta sem dar nenhuma resposta.

Saí de lá inteiro, finalmente recomposto.

\* \* \*

— Você está falando como se eu fosse uma criança. Eu quero ser tratada como adulta — protestara Diana durante a discussão.

— Comporte-se como uma adulta se quer ser tratada como tal. E não se deixe mais manipular por sua mãe. Viva por sua própria cabeça.

— A minha mãe não me manipula.

— O pior cego... Vocês me acham muito ruim, mas ainda vão ver que eu tive muito mais paciência do que a grande maioria dos homens teria. A não ser algum fraco, babaca, sem nada na cabeça. Você vai querer alguém assim?

\* \* \*

— Você foi, algum dia, apaixonado por Diana?

— Fui apaixonado pelo que recebia, e pelo que poderia receber, de uma mulher tão bem situada no ranking das aparências. É a única certeza que eu tenho. Mas talvez a mágoa me esteja turvando a visão.

\* \* \*

— Eu contei essa parte da história aos camaradas.

— O que eles acharam?

— Riram, riram muito, riram tanto que quase caíram das cadeiras. Mas também houve indignação. “A velha estragou a menina”, revoltou-se Gaspar. “Uma moça tão bonita. Essa bruxa merecia ser presa!”.

— Presa é pouco — rebateu o Anão.

— Não vale matá-la, é contra as regras do nosso jogo. Por mais diabólica que seja, ou nos pareça, a velha é uma coadjuvante.

— De qualquer modo, matá-la não seria a forma mais terrível de puni-la.

— Não seria, com certeza.

O Anão começou a desfilar pela sala com o traseiro projetado para trás e para cima, conseguindo ser quase tão grotesco quanto a velha. Das sombrias margens de minha sala, tive a impressão de ouvir risos.

Divertiam-se os fantasmas. Todos eles, menos um.

\* \* \*

Seis meses depois da explosão, recebi um telefonema de Diana, totalmente inesperado. Alegou que precisava de umas informações sobre um assunto qualquer. Conversamos por quase uma hora, com intimidade, fluência e cumplicidade.

— Você é um fantasma que ataca por telefone.

— Para nós nos livrarmos um do outro, só se eu matar você.

— Por que não o contrário, eu matá-la?

— Você teria coragem de matar uma coisinha bonitinha como eu?

— Acho que não.

A porta estava de novo entreaberta. Respirei fundo e resolvi não tentar outra vez reabri-la. O que eu encontraria na sala seria em grande parte inaceitável.

\* \* \*

Lembrei-me do diálogo com o Anão sobre momentos, impressões momentâneas, a verdade dentro de um poço. A lógica de ferro do julgamento, no entanto, era um freio à relatividade. Era preciso absolver ou condenar, realçando os momentos – sobretudo os mais dolorosos – e as sensações que os instantes provocaram.

---

## 18º INTERVALO

— E Diana? — perguntou-me Gaspar.

— Acabou. Agora acabou mesmo.

— Mulher bonita põe o pé no bucho do sujeito. É muito complicado.

— Conversa — discordou Baltazar. — Mulher, bonita ou feia, quer é rola. ROLA, RROOLA...

E foi em frente, reforçando e alongando cada som da primeira sílaba.

— Quanta empolgação! — constatei, antevendo as conseqüências.

O estouro de risos nos obrigou a parar o carro para evitar um acidente. O Camarada Lênin, constrangido, tentaria sem sucesso o contra-ataque:

— Gostaram, né? Não param de falar nisso.

De vez em quando um de nós, geralmente Belquior, trazia o assunto à pauta de um jantar, banho de mar ou caminhada.

— Eu nunca vi uma mulher se separar por excesso de rola. Me mostrem um caso — desafiou a vítima.

— Eu mostro — contestou Gaspar. — A cunhada de Alberto.

Lúcia, moça bonita de trinta e poucos anos e vistosos olhos verdes, sem filhos, irmã da esposa do nosso amigo Alberto, deixara um incansável marido por

um homem quarenta anos mais velho, patrão do infeliz abandonado.

— É mesmo. Mas é uma exceção.

— É como eu disse — gabou-se Gaspar. — Mulher gosta mesmo é de conforto, de segurança, de uma boa situação. Dão mais valor a isso do que a qualquer outra coisa neste mundo.

## CAPÍTULO 16

### OLHOS TRISTES –

#### DOR, PRAZER E AGONIA

— Só pensa em outra coisa, menino, que horror, não é não?

Camila. Baixinha, alvíssima, cabelos e olhos negros. Rosto fino, testa alta, nariz afilado, ligeiramente comprido. Seus olhos escuros eram grandes, bonitos. E tristes. Expressavam às vezes uma melancolia profunda. E mostravam sempre um pouco de tristeza, mesmo quando estavam alegres.

Tímida e insegura, ruborizava-se facilmente. Ao ser observada por alguém, sorria e baixava os olhos. Apesar da timidez, falava, ria e gesticulava muito quando se sentia à vontade. Sentindo-se contrariada, insatisfeita ou perturbada, fazia um bico, franzia a testa logo acima do nariz e falava com os olhos. Tinha grande capacidade de expressar na face qualquer sofrimento, inclusive alheio. “Estou com dor de barriga”, eu lhe disse certa vez, passando a mão no abdômen. Ela de imediato fez o bico, franziu a testa e exibiu minha dor em seus olhos.

Dócil, submissa, de aparência frágil, Camila tinha pouca auto-estima. Ao receber um elogio, olhava com desconfiança ou ria como se tivesse ouvido uma piada. Ou irritava-se, por atribuir falsidade ao autor do elogio. Reprimida, cheia de culpa, considerava prova de desamor, despreço ou desrespeito qualquer manifestação de interesse sexual por ela.

Dizia-se extremamente vulnerável à dor. “Eu não gosto de dor”, repetia, como se quisesse convencer-se. Falava da dor física com empolgação disfarçada de repulsa:

— Quando sinto dor, eu sinto um frio aqui dentro, como se fosse um choque.

Gostava de contar, com animação indisfarçável, o que sentira e como reagira ao tomar injeções, levada pelo pai ou pela mãe.

— Eu gritei alto: “ai, ai meu Deus, ai meu Jesus, ai, ai, ai”. Minha mãe ficou morta de vergonha.

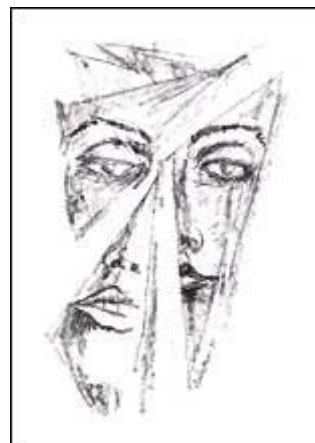
— Que idade você tinha?

— Vinte e poucos.

Camila se espantava com o mundo. Eram freqüentes suas expressões de espanto e estranheza, ditas por uma voz muito fina e suave, quase infantil, um pouco arrastada, meio musical:

— Que doídice, né?

— Ave Maria, que coisa mais sem jeito.



— Que coisa impressionante, não é não?

Ela detestava ser o centro das atenções ou até mesmo ser notada:

— Ave Maria, tá todo mundo olhando pra mim. Que coisa horrorosa.

Alguém elogiou seu novo corte de cabelo. Ao me contar o elogio, reclamou:

— O povo tem mania de falar da gente, né? Que coisa chata, não é não?

Eu adorava o jeito de Camila falar. Lendo uma reportagem sobre um velejador olímpico, comentou:

— Esse homem sofre de enjôo, já pensou?

Perguntei se houvera algo importante em suas aulas daquele dia:

— Hoje não, só besteirinha.

Morrera seu cachorro, um dinamarquês imenso:

— Meu pai jogou o bichinho num lixão. Eu fiquei com desgosto.

E começou a chorar. Eu a abracei, ela chorou no meu ombro.

Depois de me ter contado um sonho narrado a ela por sua irmã mais nova, admirou-se:

— O povo sonha cada besteira, né?

Eu ria com suas onomatopéias:

— Eu peguei o carro e, vuum, fui até lá.

— Ele foi pra lá de bicicleta, vum-vum-vum.

— O vigia passa por aqui toda noite apitando, fiuu.

Ela tentava entender o meu riso:

— Ele fica mangando de mim. Eu sou matuta, não sou?

Eu contestava:

— Eu acho bonito seu jeito de falar.

Ela respondia com um olhar de descrença. Parecia achar inconcebível que eu gostasse dela e de seus modos ingênuos.

\* \* \*

Minha figura perturbava Camila e a fascinava:

— Ave Maria, olha só como ele é, repara em tudo.

— Ave Maria, que homem cheio de razão.

— Ai meu Deus, tem juízo não. Eu fico besta de ver.

— Menino, o povo vai chegar aí.

— Vai pra lá, com essa doidiça.

— Menino, pára de olhar pra mim. Eu fico doidinha com você olhando pra mim.

— Ave Maria, que homem perigoso.

— Ele parece normal no meio do povo. Mas é doidinho.

Ela gostava de me chamar por aumentativos. “Lindão!”, dizia às vezes. E me chamava de “perigoso” em tom de elogio, sorrindo e arregalando os olhos:

— Perigoso!

\* \* \*

A palavra “povo” era parte freqüente de seu vocabulário. Fazia bico e franzia a testa ao dizer, com olhar desconfiado:

— Só quer mandar no povo.

O “povo” podia ser ela própria, como neste caso e em muitos outros.

— Eu tenho essa mania de me chamar de “povo”. É engraçado, não é?

\* \* \*

Família de classe média, uma pequena piscina em casa, dois carros novos na garagem, um pequeno e um médio. Católicos mais ou menos praticantes. Camila era, dentre eles, a freqüentadora mais assídua da Igreja.

Miúda, delicada e meiga, fora o xodó dos avós maternos, que moraram muitos anos, até a morte, num apartamento anexo. Sua avó a advertia:

— Cuidado com os homens. Homem só quer conhecer mulher.

\* \* \*

Aos 29 anos, não era longo seu currículo afetivo. Tivera dois namorados, de quem não gostava, e duas paixões platônicas, uma delas correspondida (por um violinista que não teve forças para vencer a timidez de ambos). Passara quatro anos num chove-não-molha com outro músico, um flautista. Ele queria sexo, ela queria um namoro oficial. Nenhum deles obteve o que procurava no outro.

O flautista tinha seus métodos de tortura. Reclamava constantemente. Quando ela o abraçava com o cabelo molhado, por exemplo. Queixava-se dos lábios dela, que dizia serem muito secos. E não perdia chance de alfinetá-la.

— Para ter a fidelidade de um homem, — afirmou certa vez o flautista — uma mulher tem que ser muito boa. Em todos os sentidos.

Com 29 anos, ela jamais vencera o limite dos abraços e beijos. Nunca permitira que lhe tocassem sequer os seios, mesmo por cima da roupa. E, obviamente, nunca tocara um homem com intimidade. A nudez masculina era inédita aos olhos de Camila.

Ela era a própria imagem da virgindade, física, afetiva, ideológica.

\* \* \*

Comigo, Camila tomou rumos inesperados. Dois meses depois do primeiro beijo, estava nua diante de um homem. Com olhos de pânico, tentou recuar.

— Se você vestir a roupa, eu termino tudo — ameacei.

Funcionou.

\* \* \*

Eu me divertia com a perplexidade de Camila. Ao ver, tocar e sentir pela primeira vez um pênis ereto, espantou-se:

— Ave Maria, que coisa grande e dura. Parece um pau.

— Este é um dos nomes que dão a isto.

Como se fosse uma criança, perguntou a sua mãe:

— Mamãe, a pinta de Papai é grande?

— O que é isso, menina! Tá ficando safada?

Fez a mesma pergunta a sua irmã casada, a respeito do marido dela.

— Eu não sei, nunca vi outra — respondeu a irmã.

\* \* \*

Segurei sua cabeça com força, com as duas mãos, e a beijei vigorosamente na testa, na face, na boca.

— Gostou disso? — perguntei, percebendo seu prazer.

— Gostei.

Fiz a pergunta que pareceu chegar de repente:

— Você gosta de apanhar?

— Eu não, tenho medo de apanhar — disse Camila, juntando os lábios e projetando-os à frente, com olhar pensativo.

Havia na sua voz, e em sua expressão, fragilidade, entrega, fatalismo, fascínio. Senti uma grande vontade de protegê-la e, ao mesmo tempo, de dominá-la. Começava a emergir, dos dois lados, o que até então estivera latente.

\* \* \*

— Estou ligando para fazer uma reclamação — anunciou Camila.

— Que reclamação?

— Você quebrou minha orelha.

— O quê?!

— A minha orelha tá doendo. Dói até quando o vento bate. E se formou uma bolinha bem dura. Eu acho que quebrou.

— Besteira. Inchou um pouco, só isso.

Eu mordera a orelha de Camila num momento de empolgação, entre apertos e beijos. Recebi seu protesto como um jogo inconsciente: percebi prazer em sua exibição de marcas e descrição de dores. Isso aconteceria muitas outras vezes.

— Eu acho que você gosta quando acontecem essas coisas — afirmei certa vez.

Sua resposta foi um ato falho:

— Que doidice, eu quero que você faça, quer dizer, que você deixe de fazer.

\* \* \*

Apesar de seu jeito inseguro, Camila era boa motorista e tinha grande capacidade de resolver problemas práticos do dia-a-dia, sendo muito solicitada para isso por sua família. Ela tinha seu modo de ser dura com os homens, negando-lhes acesso aos seus sentimentos (não sabiam ler seus olhos!). Apaixonara-se três vezes antes de me conhecer, mas nunca demonstrara estar apaixonada.

Somente ao se sentir fisicamente dominada, por mim, Camila revelaria uma paixão a seu objeto.

\* \* \*

Estávamos nus, abraçados em pé. Excitadíssimo, eu queria me sentir dentro dela de alguma forma.

— Tem que acontecer alguma coisa, Camila. Eu não estou mais agüentando.

Ela resistia:

— Eu não posso, é demais pra mim.

Repeti o método que usara em outra noite:

— Se é pra ficar assim, é melhor a gente terminar.

Não deu certo:

— Vamos fazer isso então. Se não tem outro jeito, eu prefiro assim.

Olhos de melancolia profunda, cenho verticalmente franzido um pouco acima do nariz, lábios unidos projetados à frente. Aquela expressão de Camila mexia comigo. Minha cabeça ferveu, numa mistura de excitação, raiva e paixão.

Eu a segurei pelos ombros e a joguei contra a parede, como fizera com Catarina. Depois a pus no chão com força. Ela bateu com a cabeça e gritou. Sacudi seu rosto, ordenando:

— Não grite!

Sua resposta foi sintomática:

— Eu não consigo deixar de gritar.

Encerrando o ataque, tirei-a do chão e a lancei na cama, que respondeu com estalos e rangidos altos, como se fosse quebrar-se. Andei pelo quarto chutando sapatos e bradando:

— Que merda!

— Ave Maria, por que você fez isso?

Senti de repente um carinho enorme por Camila. Ela estava sentada na borda da cama, com olhos intensos que queriam entender. Sentei-me a seu lado e a abracei.

— É muito difícil pra mim — choramingou.

— Se é difícil pra você fazer, é difícil pra mim não fazer.

Eu a beijei mansamente na testa e no rosto. Ela procurou minha boca.

— A gente não precisa fazer tudo hoje, nem mesmo a maior parte. Só precisa fazer alguma coisa — propus.

Ela se deixou penetrar oralmente. Não fez sexo oral, no sentido em que se costuma entender o termo. Sua boca não sugava, somente acolhia.

\* \* \*

Após alguns dias, tentei avançar. Camila pediu mais uma semana, prometeu que no sábado seguinte aceitaria ser penetrada por trás.

Na mesma noite em que fez a promessa, bati no seu rosto com o pênis ereto.

— Cuidado pra não deixar marcas — pedi.

\* \* \*

Chegara a noite marcada para o cumprimento da promessa. Eu me preparava para sair em busca de Camila. O telefone tocou. “É ela”, pensei. “Vai inventar desculpas para não vir”.

Era ela.

— Eu posso não ir hoje? — perguntou com seu jeito cândido.

— Não — cortei.

— Ave Maria, olha só como ele é. Por quê?

— Eu sabia que você ia tentar descumprir o que prometeu.

— Não é isso não. É que eu não tô me sentindo bem.

Começou a desfiar um rosário de dores: dor de cabeça, dor de barriga...

— Nada disso, deixe de história. Eu já tô indo pra aí.

Ela me diria meses depois que rezara muito naquele dia, pedindo à Virgem Maria que me fizesse esquecer ou desistir de cobrar o cumprimento da promessa.

Sua reza foi inútil.

\* \* \*

— Eu vou terminar de assistir a um filme, falta uma meia hora. Depois vou devolver essas fitas — avisei.

Ela ficou deitada ao meu lado enquanto eu assistia ao filme. De vez em quando queixava-se de suas dores, em campanha contra o cumprimento do compromisso que assumira.

O filme terminara:

— Vou devolver as fitas. Volto já.

— Deixe eu ir com você.

— Não, você fica me esperando aqui, eu não demoro.

Enquanto eu ia à locadora, ela rezou novamente, com a mesma intenção.

E a mesma falta de resultado.

\* \* \*

Foi excitante a ida à locadora. Excitava-me saber que Camila estava à minha espera, à minha mercê. Lembrei-me do filme O Colecionador, em que um excêntrico caçador de borboletas rapta uma bela jovem e a mantém em cárcere privado.

Fui e voltei sem pressa, tentando prolongar um pouco a minha efêmera condição de colecionador.

\* \* \*

— Vamos deixar pra outro dia — apelou Camila. — Eu não tô me sentindo bem.

— Nada disso. Você vai sempre querer deixar pra depois.

Ela insistiu. Exasperado, dei-lhe um tapa no rosto.

— Por que você fez isso? — espantou-se. — Eu te amo.

Quebrara-se o tabu. Camila, pela primeira vez, declarava amor a um homem.

\* \* \*

Depois da pancada, carinho recíproco. Após o carinho, a penetração. Esta seqüência se tornaria recorrente.

Os gemidos de Camila foram de dor e de prazer, semelhantes aos que ela emitia ao receber um dos abraços fortes de que tanto gostava. Mais intensos, porém.

\* \* \*

— Como foi o clima entre vocês no encontro seguinte? — indagou o Anão.

— De namoro apaixonado. Fomos a um restaurante, comer pizza de chocolate — respondi, sem me dar conta de um dos significados da palavra pizza no português do Brasil.

— Acabou em pizza — descreveu com sarcasmo.

\* \* \*

Eu provocava Camila:

— Eu tenho tesão por você.

— Olha a besteira.

Suas respostas às vezes eram inacreditáveis:

— Eu quero que você tenha um orgasmo — provoquei.

— Lá vem ele com essa besteira de orgasmo. Orgasmo é coisa de gente besta.

\* \* \*

Ela também me provocava:

— Eu não vou fazer mais.

Eu às vezes reagia fisicamente, com apertos e beliscões. Pouco depois ela repetia o “anúncio”, com as mesmas palavras ou com outras; eu repetia a reação. O limite do jogo era o cansaço dos jogadores.

Ela não fazia cumprir as “decisões” anunciadas.

\* \* \*

— Você fica comigo porque ninguém quer fazer aquilo com você, não é? — atacou Camila com seu ar infantil.

— Que besteira!

Enraivecido, bati em suas costelas duas vezes com força contida, usando os punhos fechados. Estávamos em frente ao portão de sua casa, no início da madrugada. Chorando, ela especulou:

— O vizinho viu. Vai contar a Papai.

Olhei para trás e para os lados. Não havia ninguém.

\* \* \*

Imaginei que ela tinha chorado por causa da raiva que vira em meu rosto, e não em conseqüência das pancadas. O telefone tocou, confirmando a minha tese:

— Ainda está com raiva?

— Já passou.

— Ave Maria, ele se transformou. Que coisa horrorosa.

\* \* \*

Ter uma vida sexual era um fato que a perturbava muito.

— Eu queria me casar sem ter andado com homem. Homem não gosta de mulher que foi muito cutucada.

— Você ainda é virgem.

— Sou não. Eu olhei no dicionário. Virgem é a mulher que nunca teve conjunção carnal com homem. Eu já tive, infelizmente.

— Só os homens imbecis fazem questão de virgindade pra casar.

— Que conversa, todo homem é cheio de razão.

— Se você não se considera mais virgem, pode transar na frente. Não vai fazer diferença.

— Eu não tenho coragem.

— Então você se acha virgem.

— Acho não, sei lá. Isso tudo é errado, é erradíssimo. Eu fico com desgosto quando olho pros meus pais e me lembro. Eles pensam que eu sou uma coisa e eu sou outra. Você me faz passar por cada coisa. Ave Maria, não sei como é que eu fui me meter com você.

Camila reforçava o meu sentimento de vitória sobre a sua família certinha, repressiva, conservadora.

\* \* \*

Sentada no meu colo dentro do carro, em frente à sua casa, Camila me surpreendeu:

— Eu te amo — disse ao me abraçar.

Pensei que ela finalmente declarava amor sem fazer a rima com dor. Mas suas lágrimas fizeram a rima.

— Por que saiu tudo errado do que eu pensei? — lamentou.

— Tudo diferente do que você pensou — corrigi.

— Diferente e errado.

\* \* \*

— Eu não devia dizer essas coisas, não é? — arrependeu-se. — Esqueça tudo que eu disse agora.

— Esquecer?

— Você não esquece nada, não é? Eu devia pensar bem antes de falar besteira.

\* \* \*

Por mais que tivesse resistido, Camila sempre tomava a iniciativa de me abraçar e beijar após ser penetrada. Ela era mais receptiva à sodomia quando havia uma segunda penetração no mesmo encontro. Em duas ocasiões, deixou escapar o que era visível.

— Eu ainda estou sentindo — admitiu, com expressão de êxtase.

— Sentindo o quê?

— Sua cobra dentro de mim.

— E está gostando?

— Não vou dizer não — respondeu, fazendo bico.  
— Nem precisa dizer. Já disse.  
— Olha a besteira.

\* \* \*

— Ele passa a mão nas bolas, elas endurecem — constatou Camila com um sorriso, referindo-se a mim na terceira pessoa, como costumava fazer.  
As “bolas” eram seus mamilos.

\* \* \*

Ela tinha crises de culpa no dia seguinte, o sexo a estressava muito. Às vezes me telefonava de manhã, para aliviar-se um pouco.

— Ouça esta passagem da Bíblia — ordenou certa vez. — Eclesiástico 8 - Vigilância nas Relações Sociais. Número 22:

“Não abras teu coração a qualquer homem, para não acontecer que recebas uma falsa amizade, e, além disso, ultrajes”.

Eu quis ver o Eclesiástico 8. Chamou-me a atenção o número 20. Mostrei a Camila:

“Não deliberes com loucos, pois só amam o que lhes agrada”.

— Ave Maria. E veja o que tem aqui embaixo.

Estava escrito numa nota de rodapé: “No grego: Não deliberes com loucos, porque eles não sabem calar sobre nada”.

\* \* \*

— Eu também tenho minhas citações bíblicas. Leia:

“Não penseis que eu vim trazer a paz sobre a Terra. Eu não vim trazer a paz, mas a espada.”

“Eu vim lançar o fogo sobre a Terra, e o que desejo senão que ele se acenda?”

“Credes que eu vim trazer a paz sobre a Terra? Não, eu vos asseguro, mas, ao contrário, a divisão.”

(Jesus Cristo, citado por São Lucas e São Mateus no Novo Testamento, capítulos X e XII, versículos 34 a 36 e 49 a 53)

— Ave Maria, olha só como ele é. Só anota essas coisas agressivas.

— Foi Jesus Cristo quem disse isso.

— Ave Maria.

\* \* \*

Camila rebolava muito ao caminhar. Seu próprio rebolado a incomodava:

— Eu me vi andando um dia desses, vi a minha imagem numa porta de vidro, fiquei impressionada. É muito errado isso, não é, andar rebolando. Mas eu não consigo andar de outro jeito.

Provoquei:

— São quentes as mulheres que rebolam.

— Foi por isso que você veio atrás de mim naquele dia, não foi? Você pensou isso de mim. Eu devia andar de outro jeito, mas não consigo.

\* \* \*

— Você fala com os olhos, Camila. Eles me mostram o que você está pensando e sentindo.

— Isso é errado, não é? Eu vou mudar isso, vou usar óculos escuros.

Respondi com uma gargalhada.

\* \* \*

Minha primeira tentativa de fazer sexo oral em Camila teve resultado cômico. Ela ficou estarrecida:

— Menino, o que é isso, pára com isso. Ai meu Jesus, que agonia.

Repeti a frase alguns dias mais tarde, imitando-a. Recebi uma das incríveis respostas camilianas:

— Também, uma safadeza daquela.

\* \* \*

Na segunda vez eu fui em frente, contra os protestos de Camila. Os pedidos para que eu parasse se revezaram com gemidos de prazer e manifestações de agonia.

\* \* \*

— “Ai meu Jesus, que agonia.” Você realmente sentiu agonia?

— Era pra ter sentido o quê?

— Prazer.

— Prazer... Só pensa em prazer.

— Eu deveria pensar em quê? Em dor?

— Eu não gosto de dor. Eu tenho medo de dor.

\* \* \*

— Você acha que eu gosto desses apertos porque às vezes eu rio quando você faz isso, não é? Mas eu não gosto não.

— E por que ri às vezes?

— Por que eu acho engraçado o seu jeito.

\* \* \*

— Você acha que eu sou masoquista, não é?

— Acho.

— Eu tenho certeza de que não sou.

\* \* \*

— Lá vem ele com essa cobra. Só quer botar essa pinta na boca do povo.  
— Camila, — respondi às gargalhadas — você é um personagem fantástico.  
— Lá vem ele com essa história de personagem. Eu não quero ser personagem.

\* \* \*

— “Orgasmo é coisa de gente besta.” Você tem consciência de que esta é uma afirmação exótica?  
— Olha só. Eu digo as coisas e ele dá os nomes.

\* \* \*

— Eles se beijam? — perguntou Camila sobre um par homossexual.  
— Beijam.  
Ela se benzeu:  
— Ave Maria.  
— Por que você se benzeu?  
— Pra uma coisa dessas não acontecer comigo.  
— Ah é? Você acha que pode acontecer?  
— Acho não, mas eu também não pensava que pudessem acontecer essas coisas que estão acontecendo.

\* \* \*

— A gente nunca sabe o que se passa na vida do povo, não é? Eu, por exemplo, nunca pensei que fossem acontecer essas coisas comigo. E vivo normalmente no meio do povo.

\* \* \*

Provoquei Camila abrindo a boca e fazendo movimentos com a língua. Ela fechou os olhos.  
— Por que você fechou os olhos?  
— Só quer mostrar safadeza.

\* \* \*

— Camila, eu nunca imaginei que ia conhecer uma pessoa tão engraçada como você.  
— Engraçado é tu. E pensa que sou eu.

\* \* \*

— Se eu a tivesse inventado, Camila, todo mundo diria que você é inverossímil.  
— O que é “inverossímil”?  
— Alguma coisa ou alguém cuja existência é impossível.  
— Ave Maria, eu sou tão diferente assim?

— É.

— Eu não. Você é que é.

\* \* \*

Meu poder sobre Camila me fascinava.

— Fique de bruços — determinei ao deitar o banco do carro.

— Pra quê?

— Eu vou lhe dar umas palmadas na bunda.

— Que doídice!

— Faça o que eu estou dizendo.

Ela fez. Levantei-lhe a saia, baixei a calcinha e lhe dei doze palmadas fortes.

\* \* \*

Vendi os olhos de Camila e ejaculei em seu rosto. Ela disse, ao voltar do banheiro:

— Ai meu Jesus, que safadeza, que seboseira. É uma coisa salgada, não é? Um negócio quente, pegajoso, que horror! Eu não sei por que eu deixo você fazer essas safadezas comigo.

\* \* \*

— Eu devia comprar umas algemas, pra você não me apertar mais.

Era a segunda vez que ela falava em algemas. Não seriam usadas em mim, é claro. Interpretei como uma sugestão.

\* \* \*

Olhos vendados, amordaçada. Algemei as mãos de Camila sobre a barriga. Segurei suas pernas e as afastei. Ela se debateu, mas não era possível resistir.

Eu decidira roubar-lhe a virgindade, dar o tiro de misericórdia em sua ideologia virginal. Resolvi, entretanto, olhar os seus olhos antes do grande momento. Retirei a venda e vi a imagem da angústia e do pânico.

Os olhos tristes falaram comigo e me disseram que o golpe seria grande demais, os danos seriam imensos. Recuei. Desisti de destruir o último cômodo da casa quase toda demolida. A sobrevivência daquele quarto, como último reduto, era fundamental para Camila. Talvez uma parte de sua mente quisesse aquele sofrimento ou o considerasse, na verdade, uma libertação. Mas não tive coragem de atender ao lado obscuro de Camila, agredindo com tamanha contundência sua face mais visível.

Disse-lhe que estava apenas brincando.

\* \* \*

— Se Camila fosse uma índia americana, — comentou o Anão — chamaria-se Olhos Tristes, a despeito do sorriso fácil e do riso solto.

Ele andou inquieto pelo quarto e disparou:

— Os olhos tristes o derrotaram.

\* \* \*

Fiz uma pequena pesquisa sobre masoquismo. Aprendi que a mulher masoquista é reprimida, mesmo quando aparenta o contrário, quando transpira promiscuidade e libertinagem. Só aceita o prazer sexual acompanhado de punição.

Eu queria que Camila “evoluisse” para uma postura masoquista clássica, de aceitação do prazer misturado com a dor. Ela se apegou, contudo, à ilusão de que não gostava de nada daquilo, de que fazia tudo porque era forçada (mesmo não sendo obrigada a encontrar-se comigo), de que aceitava tudo por amor a mim. Como na maioria dos filmes de terror, eu era o agente externo que perturbava e subvertia uma ordem perfeita, sem suas próprias fissuras e inconsistências, seus conflitos e contradições.

Aos poucos fui me cansando da resistência de Camila ao sexo e de sua propensão a interpretar desejo como desamor.

— Isso mostra que você não gosta de mim — dizia ela às vezes depois de uma relação.

Cansei-me até mesmo de minhas reações violentas às esquisitices puritanas de Camila.

Cerca de um ano após o começo, afastei-me dela.

\* \* \*

— Camila merece morrer — concluiu o Anão. — Pelas razões que o fizeram afastar-se dela. E por dois motivos ainda mais graves.

— Quais?

— No momento mais importante, você se deixou vencer pelos olhos tristes.

— E o outro?

— Seu poder sobre Camila foi ilusório. Manifestou-se em fragmentos, mas não conseguiu levá-la para onde você queria.

— O julgamento está próximo. Voltaremos em breve a falar sobre isso.

---

## 19º INTERVALO

— Você está me arranhando. Tenha cuidado com os dentes.

Ao ouvir a reclamação, a mulher não hesitou: tirou a dentadura postiça e a botou sobre o quadro do carro. Olhei horrorizado para aqueles dentes sem cabeça e seu sinistro sorriso independente.

— Ponha isso de volta, vamos embora. Rápido!

## A BELA ADORMECIDA

A mulata baixinha de cabelo curto, risonha e roliça, aproximou-se do carro. Eu e Tatiana já nos conhecíamos.

— Tudo bem? — cumprimentou com seu jeito extrovertido e simpático. — Vamos fazer um programa? Eu e a minha colega, que você ainda não conhece.

Olhamos para a garota que se aproximava. Era uma mulata comprida, de feições afiladas. Parecia uma etíope, somáli ou sudanesa.

— Eu chupo e dou a bunda — informou a recém-chegada, sisuda e desinibida.

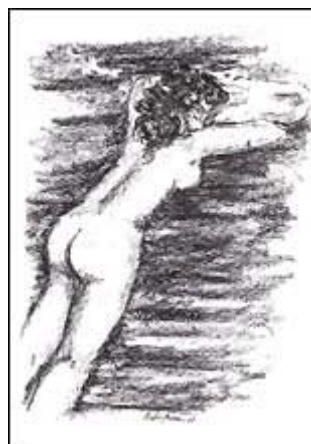
— Não transo.

Mais uma prostituta virgem, algo não incomum naquela faixa etária.

— Como é seu nome?

— Denilma.

Os seios da bela Denilma despontavam, livres sob a blusa meio transparente. Saímos os três.



\* \* \*

Depois da felação – feita por ambas, alternada ou simultaneamente – elas se deitaram de bruços, lado a lado. Dentro de Tatiana, que empinava e girava o traseiro suavemente, eu fazia carícias em Denilma e a bolinava.

Saí de Tatiana, troquei os preservativos e lubrifiquei Denilma. Percebi que ela dormia. Coloquei-me sobre ela e a penetrei. Não acordou. Fiquei mais de vinte minutos dentro dela, movimentando-me devagar, beijando-lhe com cuidado o pescoço e o rosto, massageando sem força seus braços e ombros. Ela continuou adormecida.

— Eu nunca vi uma coisa dessas — admirou-se a outra. — Dar a bunda dormindo.

O sono de Denilma me excitou. Num contraste com os delicados movimentos giratórios de Tatiana, compôs uma noite especial.

Denilma dormiu o sono dos justos até eu chamá-la para o café, às oito horas da manhã.

\* \* \*

Na manhã luminosa, derramei sobre as faces juvenis de Denilma e Tatiana a chuva dourada que despejara sobre o rosto esperto de Aninha, o líquido transgressor que elas chamavam candidamente de “chuveirinho”.

\* \* \*

— Onde está Denilma? — indaguei a Tatiana na primeira oportunidade.

— Ela está num projeto do governo. Trabalha, come, aprende umas besteiras e recebe uma ajuda de 20 reais por mês. Me chamaram pra ficar lá, mas não vale a pena. É muito pouco. Aqui a gente ganha muito mais, nem se compara.

— Será que ela volta?

— Acho que sim.

\* \* \*

— Onde está Denilma? — quis saber o Anão.

— Continua lá, no tal projeto. Faz mais de um ano.

— Fomos abandonados por ela! — atacou, indignado. — Está treinando para ser uma jandira. Precisamos impedir isso.

---

## 20º INTERVALO

Nosso amigo Alberto, o Camarada Marx, também conhecido como Irmão Buda (Brother Buda), membro efetivo do grupo mas um pouco afastado por estar morando em outra cidade, queixou-se de que ele e sua mulher não conseguiam produzir uma gravidez.

— Pois é, Alberto, — gozou Belquior — você gastou toda a matéria-prima com as revistas... não sobrou nada.

\* \* \*



— Minha mulher começou um tratamento com Dr. Afrânio, uma semana depois estava grávida — anunciou Alberto, exultante.

— Iih, rapaz — gracejou Gaspar. — Que tratamento foi este?

\* \* \*

— Alberto, você ainda bate punheta?

— Às vezes.

— E cobra quanto? — fulminou o Camarada Trótski.

Gargalhadas, mais uma vez.

## CAPÍTULO 18

### LOBO MAU, URSO BOM, CAVALO DOIDO

#### CAPÍTULO 18-A

#### SAUDADE, ENCANTAMENTO

#### E COISAS EXTRAS

— Eu quero lhe apresentar uma pessoa. Você vai gostar, você vai gostar.

Alfredo, ex-colega de universidade. Nove anos mais velho do que eu, estava

com 46. Rosto oval, cabelo bem curto, nariz avantajado e óculos de lentes espessas esverdeadas, Alfredo era engraçado e excêntrico, sem fazer nenhum esforço para ser um ou outro.. Apesar da aparência distante dos estereótipos da sedução, Alfredo era um sedutor e exercia sua arte, dirigida às mulheres, com paciência de Jó. Era capaz de passar anos rodeando uma mulher, dando presentes, fazendo gentilezas, ganhando confiança. Às vezes não conseguia nada, geralmente obtinha algo, raramente conseguia tudo. Empolgava-se com feitos que a mim não tirariam de casa. Sempre muito centrado na idéia do gol, na sensação de ver a bola cruzar a linha e balançar a rede, vencendo todas as resistências, eu me divertia com o entusiasmo de Alfredo com o passe, o drible, o olé, a dança e o próprio jogo, sem obsessão com o gol.

— Quando uma mulher desfila pra mim de calcinha e sutiã, eu me sinto realizado

— deleitava-se.

Por tudo isso, recebi com reservas a sua oferta.

— Não é uma daquelas que só fazem desfilar e pouco mais do que isso?

— Não, não. Essa é quase completa, quase completa. Só não gosta de sexo anal. Tem 22 anos e é casada, sem filhos. Adriana.

— Casada?

— Eu cruzei na rua com o marido dela um dia desses. Meu coração disparou.

— Vocês se conhecem?

— De vista. Quer dizer, bom dia, boa tarde, essas coisas. Ele me cumprimentou, eu respondi, mas fiquei com taquicardia.

— Você a conheceu casada ou solteira?

— Solteira. Recebi convite pro casamento, mas não fui.

— Já saía com ela antes do casamento?

— Já. A gente se encontra há três anos, ela tá casada há dois. Até um ano atrás, mais ou menos, a gente se via umas duas vezes por mês. Agora, só de vez em quando. Eu tô me resguardando mais, sabe como é, tô ficando velho, o coração não é mais o mesmo. Preciso economizar, também.

A hipocondria de Alfredo me fez rir. Ao retomar a conversa, concentrei-me no último ponto:

— Quanto você lhe dá?

— Trinta. É pouco, mas pra mim é muito. Não inflacione, por favor. A não ser que ela lhe ofereça mais. Aí tudo bem.

Professor de 2º grau, Alfredo fazia milagres com seu dinheiro.

— Pode marcar o encontro.

— Você vai gostar. Se não gostar, pra mim vai ser surpresa, vai ser surpresa.

Alfredo gostava de repetir palavras



\* \* \*

Quando tinha vinte e poucos anos e fazia uma das três ou quatro graduações que concluiu, ele perdeu uma prova, pegou um táxi e foi para casa ver a cantora Gretchen, a rainha do rebolado, no Globo de Ouro, com o objetivo assumido de lhe fazer uma homenagem manual. Ao chegar, encontrou a repetidora local da Rede Globo fora do ar.

\* \* \*

Cheguei ao local marcado com dez minutos de atraso. Alfredo e Adriana, sentados num banco de cimento sem encosto, levantaram-se aflitos.

— Você está atrasado, companheiro. Adriana já queria ir embora. Ela tem medo de que passe alguém conhecido por aqui.

— Olá, Adriana.

Era uma moça alta, morena clara, bem vestida. Rosto redondo risonho de maçãs salientes, cabelo preto, liso e comprido. Alfredo tinha razão ao dizer, e repetir, que ficaria surpreso se eu não gostasse.

\* \* \*

— Eu tenho pesadelos — contou Adriana. — Sonho com uma espécie de lobisomem me perseguindo. Às vezes tenho outros sonhos assustadores. O do cavalo, por exemplo. Só tive uma vez, mas foi inesquecível.

— Como foi?

— Eu estava numa igreja lotada. Um cavalo – grande, bonito, de pêlo brilhoso – entrou na igreja e começou a atacar as pessoas com coices. O cavalo olhava pra mim o tempo todo, enquanto agredia as outras pessoas. A multidão correu pra fora da igreja e começou a descer uma escada, perseguida pelo cavalo, que continuava olhando pra mim. A escada não acabava nunca. Acordei desesperada.

— É um sonho fantástico!

Fiquei de pé sobre a cama, sem roupas, falando com os gestos de um italiano do sul.

— É um sonho cinematográfico. E com a possibilidade de muitas versões. Poderia ser uma igreja romana ou ortodoxa, um templo budista ou luterano, um templo xintoísta no Japão medieval ou politeísta na Grécia antiga, poderia ser uma mesquita, uma sinagoga... países diferentes em épocas diversas. E o cavalo poderia ser branco, preto, marrom, dourado, malhado...

— A cor do cavalo...

— Não diga! Eu quero ter a liberdade de imaginar tudo, inclusive a cor do cavalo.

Sentada na cama, também nua, com as duas pernas cruzadas, Adriana ria como uma criança diante de um palhaço.

Aproximei-me do seu rosto, e ela não me negou sua boca. Alfredo estava certo ao dizer, e repetir, que ficaria surpreso se eu não gostasse.

\* \* \*

Secretária de um escritório de contabilidade, Adriana era casada com um pequeno comerciante, um rapaz de 27 anos. Contou-me que gostava dele quando se casaram, mas a relação vinha esfriando desde então.

— Eu só não me separo por causa da minha família.

Se isso era verdade, eu nunca tive a chance de saber. O próprio Alfredo não sabia. What difference would it make, anyway? Que diferença poderia fazer?

\* \* \*

Adriana tinha uma certa fixação por animais:

— Se você fosse um animal, que bicho gostaria de ser?

— Um caçador solitário. Um tigre ou um urso.

— Eu gosto de urso — afirmou sem nenhuma malícia. — Tenho um urso de pelúcia bem grande, quase do tamanho de uma pessoa. Gosto muito dele, mas às vezes sonho que ele ganha vida e me ataca. Eu corro, ele corre atrás.

— Pode ser que ele não queira agredi-la. Somente abraçá-la.

— Mas abraço de urso é perigoso. Mesmo de um urso bom.

\* \* \*

— Vai ver o show de Leandro e Leonardo?

— Não gosto.

— Eu também não — concordou Adriana.

— Eu só gosto de um trecho de uma das músicas.

— Qual?

— “Não aprendi dizer adeus / mas tenho que aceitar / amores vêm e vão / são chuvas de verão...”

— “São aves de verão” — corrigiu.

\* \* \*

— Eu quero conhecer a mulher casada — pediu Belquior, o Camarada Stálin.

— Eu vou falar com ela. Vou ver também se ela me dá o número do telefone. Já saímos umas quatro vezes, não tem sentido continuar marcando encontros com a intermediação de Alfredo. Ela é muito cautelosa, por ser casada. Mas vamos ver.

\* \* \*

Adriana chegou aflita, quase em pânico:

— Eu não vou poder sair hoje. Eu queria desmarcar e combinar pra outro dia, mas Alfredo não deixou. Ficou nervoso, disse que você é muito ocupado, só vai poder de novo daqui a não sei quantos dias, que você ia ficar muito chateado... Mas eu não posso perder minha aula de computação hoje, já perdi duas na semana passada e só são três aulas por semana.

— Calma, calma. A que horas é a sua aula?

— Sete e meia.

— São seis e dez. A gente poderia conversar, fazer um lanche. Depois eu lhe deixarei onde você quiser.

— Tá certo — respondeu, aliviada e ainda ofegante.

\* \* \*

— Eu falei a uma amiga minha sobre você.

— Contou?!

— Não, é claro que não. Só disse que tinha conhecido uma pessoa muito interessante, engraçada, de alto astral.

— Este é o lado meu que você conhece. É o único que você vai conhecer.

\* \* \*

— Eu tenho três assuntos importantes pra conversar com você, Adriana. O primeiro deles é a possibilidade de um contato direto entre a gente pra marcar os encontros. Você viu hoje que pode ser complicado depender de Alfredo. Haveria algum problema em você me dar o número do seu telefone de trabalho?

Não havia.

— O segundo assunto é mais delicado: há um amigo meu que quer muito conhecê-la.

— É pessoa de sua confiança?

— Absoluta.

— Eu tenho muito cuidado. Só aceitei sair com você depois que Alfredo lhe fez um monte de elogios.

— Pode confiar, Belquior é um amigo meu de infância. Infância de ambos.

— Como assim?

— Eu conheço um maluco que me apresentou uma pessoa vinte anos mais nova do que ele como uma “amiga de infância”. “Como ela pode ser uma amiga de infância se você é muito mais velho?”, eu perguntei. A resposta foi inesquecível: “A infância dela. Quando nós ficamos amigos, ela era criança”.

Adriana soltou o seu riso fácil.

— Esse rapaz que quer sair com você é meu amigo há mais de trinta anos. E você vai estar mais segura com ele do que comigo.

— Ah é? Por quê?

— Ele é muito mais calmo do que eu.

— E você é esquentado?

— Muito. Em algumas situações, é claro.

— Comigo nunca foi.

— Nunca houve motivo.

— Eu espero que não haja nunca.

— Eu também.

— E o terceiro assunto?

— Este é o mais delicado de todos. Falta algo entre nós — afirmei, disfarçando o constrangimento com a solenidade jocosa da última frase.

— Aquele tipo de sexo?

— É, o terceiro tipo, o único que ainda não fizemos.

— Você faz questão, não é?

— Faço.

— Por quê?

— Não sei. Mas faço.

— Eu tenho muito medo, não sei por quê. Me parece uma coisa tão estranha... Meu marido tentou uma vez, mas eu não consegui. Se é importante pra você, eu vou tentar. Mas não prometo conseguir.

— Muitas mulheres têm tabus. E o que é tabu pra uma pode ser rotina pra outra e vice-versa.

— O meu tabu é este. E eu não sei se vou conseguir superá-lo.

— Vamos tentar.

\* \* \*

— Ela não vem — afligiui-se Belquior.

— Tenha calma, ela marcou para as seis e dez. São seis e doze. Você tá torcendo pra ela não vir?

— Eu estou ansioso.

— Novidade...

Às seis e quinze, Adriana chegou. Feitas as apresentações, o Camarada Stálin, na ânsia de se mostrar confiável, desandou a falar bobagens. Quando ela perguntou o que eu dissera a seu respeito, ele respondeu, querendo dizer que eu não falara muito:

— Ele não disse grande coisa.

— Eu só disse que você é bonita e simpática — emendei.

— Nós somos amigos de infância — tentou reforçar o ansioso. — Até hoje brincamos juntos.

— Ah é? E brincam de quê?

— Ele tá falando besteira. Vocês já estão apresentados, boa sorte, boa noite, até a próxima.

\* \* \*

— Eu tô ligando, Adriana, pra marcar dois encontros. Um com o meu amigo e outro comigo. Já faz uns dois meses que a gente não se vê, não é? Por culpa minha. Eu estou com saudade. E o meu amigo ficou encantado com você.

— Você tá mexendo com minha cabeça com essas histórias de saudade, encantamento e coisas extras.

\* \* \*

— E aí, como é que foi?

— Dessa vez a gente não fez quase nada — informou Belquior. — Ficou conversando, conversando... o tempo acabou. Ela tem que chegar cedo em casa.

— Aja primeiro, deixe a conversa mais longa pra depois. Se faltar tempo, não vai ser para o sexo.

— Ela começou a contar umas coisas...

— Ela gosta de se queixar. Um dia foi assaltada, outro dia há uma doença na família. Sempre tem alguma coisa. Vá na onda, mas não muito.

\* \* \*

— Gaspar, você não quer conhecer Adriana?

— Deus me livre — apavorou-se. — Depois o chifrudo resolve dar umas cabeçadas...

— Baltazar está dispensado. Ele não comete o pecado da luxúria por causa do pecado da avareza (que aliás é dupla: ele economiza dinheiro e poupa emoções). Mas você não vai escapar.

— Tá louco! Eu não quero conversa com corno.

— O corno tá quieto, lá no lugar dele.

— Eu sei lá se o desgraçado tá quieto. Pode estar investigando.

— Deixa de ser frouxo, rapaz.

— De corno eu quero distância.

\* \* \*

— Eu pedi o telefone de Adriana — contou Belquior.

— Ela deu?

— Deu o número do celular do marido.

— Deu o telefone do corno?! — sobressaltou-se o Camarada Trótski, enrubescido.

— Ele ficou vermelho! — gargalhou Stálin. — Vá ter medo de corno assim...

Estava pronto o alicerce do que viria a seguir.

---

## 21° INTERVALO

O Camarada Stálin envolvia-se facilmente com garotas de programa, para diversão dos amigos. Um pouco de beleza, um pouco de carinho, um jeito desprotegido... pronto: lá estava ele dando conselhos e fazendo love (“Você é um rapaz enlovecido”, divertia-se o Camarada Lênin).

Com Léo, por exemplo, Leonilda, morena magrinha e jeitosa que conhecera ao assistir conosco a um strip-tease para comemorar o impeachment de F. Collor. Estivera às voltas com “Valquíria, meu amor”, uma profissional de pele e cabelo claros, formas privilegiadas, jeito tímido e ar do interior, com quem passeava de mãos dadas por praias desertas, precaução compreensível para um homem casado. Mas “Valquíria, meu amor” emigrara para o Rio, deixando atrás de si um coração saudoso.

Belquior abriu um sorriso de orelha a orelha:

— Adivinhem quem eu encontrei na granja do Mineiro.

— Margarida.

— Valquíria!

— “Valquíria, meu amor”?

— Ela mesma.

— Voltou à terra e está trabalhando na granja, naturalmente.

— Não, ela deixou a vida.

— E estava fazendo o quê num cabaré? — provocou Baltazar.

— Visitando as amigas.

— E ele acreditou! — zombou o outro.

— Ela está morando com a mãe no interior. Me deu um número de telefone. Lembram-se do ursinho de pelúcia que eu dei a ela?

— Claro, como é que a gente ia esquecer uma coisa dessas? O que é que tem o ursinho?

— A mãe dela ri porque ela só dorme com ele. E quis saber por que o nome do urso é “Ursinho Belquior”.

Em meio às gargalhadas gerais, Belquior apenas sorriu, com olhar pensativo. Gaspar interveio:

— Eu li num pára-choque de caminhão: “amor, só de mãe; paixão, só de puta”.

O Ursinho Belquior tornou-se um importante personagem de jantares, banhos de mar e caminhadas.

\* \* \*

Na primeira vez em que pulou a cerca, depois de cinco ou seis anos de casamento, Belquior entrou em três farmácias e só na terceira conseguiu comprar uma caixa de camisinhas. Nas duas primeiras, abordado pelo balconista, pediu:

— Um sorrisal, por favor.

\* \* \*

— Você disse um dia desses que Baltazar não comete o pecado da luxúria por causa do pecado da avareza. Ele não sai com as meninas, mas tira uma casquinha na hora da conversa. Pegou nos peitos de Valquíria, inclusive. Na noite em que eu a conheci.

— Antes de vocês começarem o love — fez questão de informar o Camarada Lênin.

— Eu vou reformular: devido ao pecado da avareza, ele não comete o pecado da luxúria até as últimas conseqüências.

— Mas comete. Vai para o inferno do mesmo jeito, o crente.

— Vai fazer uma dupla jornada para as chamadas. Em conseqüência da luxúria e devido à avareza.

— E não terá aproveitado plenamente a vida na Terra — acrescentou o Camarada Stálin.

— Além disso, — arrematou o Camarada Trótski — peca-se por pensamentos, palavras e obras.

## CAPÍTULO 18-B

### PÂNICOS

Adriana estava tensa, calada, sem sorrisos, com os olhos demonstrando temor. Quando me deitei ao seu lado, ela me olhou como se estivesse vendo um dos seus bichos de pesadelo.

E estava:

— Eu estou vendo você como se fosse um monstro.

Chocado com a revelação, fiquei deitado em silêncio, fitando o espelho do teto.

— Por favor me desculpe — preocupou-se. — Eu não quis dizer isso.

— Mas disse.

“Aquele tipo de sexo”, como ela dissera, “o terceiro tipo, o único que nós ainda não fizemos”, como eu definira naquele diálogo de eufemismos, apavorava Adriana muito mais do que eu fora capaz de imaginar.

— Você sabe que a minha opinião sobre você é totalmente diferente disso que eu acabei de dizer. Mas o meu medo é tão grande que distorceu minha visão por uns instantes. Por favor me desculpe.

— Eu posso até desculpar, mas o clima já está comprometido.

— A gente pode recuperá-lo. Quer que eu lhe dê umas massagens?

Ela era excelente massagista.

— Quero.

\* \* \*

— E aí, como é que foi?

Desta vez era Belquior quem estava curioso.

— Não foi.

— Ela desistiu?

— Não, até que se dispôs a tentar. Mas estava com muito medo, que neste caso não foi afrodisíaco. Broxei.

— Miseravelmente?

— Não, não chegou a tanto. Ficou meio lá, meio cá. Compatível com outras vias mas insuficiente para o objetivo específico, que requer mais consistência.

— O clima ficou ruim?

— Não. Ela ficou preocupada, eu fiquei tranquilo. Não houve hostilidade.

— Ainda vai sair com ela?

— Não sei. Vou dar um tempo antes de decidir. Se depender do que estou sentindo agora, não sairei mais. Perdi o tesão.

\* \* \*

Acordei acompanhado e resolvi transformar minha companhia daquela manhã num instrumento de humor negro. Dei instruções à garota:

— Eu vou discar um número e passar o telefone pra você. Pergunte pelo Dr. Belquior. Quando ele atender, enrole um pouco, para criar um suspense, e depois diga que é prima de Adriana. Diga que o marido dela descobriu tudo e que ela está apavorada com o que ele poderá fazer.



A atriz cumpriu com desembaraço as instruções do diretor. Pouco depois, o telefone tocou.

— É ele! — exultei. — Deve estar em pânico.

Estava.

— Ligou uma mulher dizendo que é prima de Adriana e que o marido dela descobriu tudo. E agora?

— E agora o quê?

— Você tem que fazer alguma coisa.

— Eu?!

— Foi você quem me meteu nisso.

— Meti porque você pediu.

— A gente precisa fazer a coisa juntos. Você também corre perigo.

— Fazer o quê? Matar o corno antes que ele nos mate?

— Não sei. A gente tem que pensar em alguma coisa. Não dá é pra ficar esperando.

— Espere um momento.

Passei o telefone para a garota.

— Alô, aqui é a prima de Adriana...

Peguei o telefone de volta.

— Ainda quer tomar alguma providência?

— Seu filho da puta! Quer me matar? Eu quase tive um enfarte!

— Ensaio de crise, Camarada. Tente ver desta maneira.

\* \* \*

— Gaspar, o marido de Adriana descobriu tudo, deu uma surra nela e a expulsou de casa. Ela se refugiou na casa do Comandante — contou Belquior.

— Não me diga! Eu sabia que essa história ia dar em merda. Espere aí... isso deve ser brincadeira de vocês.

— Ligue pra lá — sugeriu Baltazar, oferecendo-lhe o telefone móvel.

Ele telefonou e perguntou por mim, sendo informado de que eu saíra com uns amigos para comemorar o aniversário de Belquior.

— Viu? A situação tá complicada.

— Como é que você bota essa mulher dentro de casa? — criticou Gaspar.

— E eu ia fazer o quê? Deixá-la na rua?

— E agora?

— E agora, seja o que Deus quiser.

— Puta que pariu, jogaram merda no ventilador. Eu avisei.

\* \* \*

— Gaspar, vamos levá-lo à minha casa para transar com Adriana.

— Não, nada disso. Eu já transei ontem.

— Se não quer transar, venha só conhecê-la.

— Não! Eu não quero entrar nesse rolo.

— Eu vou lhe dizer a verdade: o marido dela não descobriu nada nem ela foi expulsa de casa. Ele foi passar o sábado fora da cidade e ela está lá em casa hoje à tarde, só isso.

— Ele pode não ter descoberto ainda. Eu quero distância dessa confusão.

\* \* \*

— Vá chamá-la — mandou Belquior.

Fui ao quarto e voltei.

— Ela está dormindo.

— Ótimo — aliviou-se Gaspar. — Ela está dormindo. Vamos embora.

— Vá acordá-la — insistiu o Camarada Stálin.

— Não — resolvi, para alívio do Camarada Trótski. — Vou deixá-la dormir.

\* \* \*

Baltazar levou Gaspar para casa.

— Ele não levou em conta o seu desmentido — disse-me depois.

— Não levou em conta o desmentido?

— Não. Ele reclamou de Belquior: “A moça cheia de problemas, toda marcada, e Belquior querendo que ela aparecesse na sala”.

— Toda marcada?

— Por causa da surra!

— Ele ficou muito impressionado com essa história.

\* \* \*

— Comandante, ligaram pra Belquior. Uma voz de homem. A moça ainda está aí?

— Não, foi para a casa de uma amiga. A voz dizia o quê?

— “Você é daquela turminha que andou saindo com Adriana, não é? Cuidado!” E o pior é que botaram meu nome no meio da história. Eu nem comi!

— Tá vendo? Devia ter comido. Pelo menos morreria feliz.

— Rapaz, isso é sério. Se eu fosse você, não dormiria em casa hoje.

— Vou pensar nessa possibilidade.

\* \* \*

Gaspar me ligou novamente, cada vez mais aflito.

— Ligaram pra cá e ficaram soprando o telefone. Belquior me disse que ela mexeu na sua agenda naquele tempo que passou aí sozinha.

Sabe os telefones de todo mundo. O chifrudo pode ter arrancado a informação, ou ela é sacana e passou tudo pra ele porque quis.

— É...

— Belquior quer fazer uma reunião amanhã pra discutir o problema.

— É uma boa idéia.

\* \* \*

— O comandante é inconseqüente — criticou Gaspar ao conversar com Belquior num dos muitos telefonemas daqueles três dias. — Botou a mulher dentro de casa, a deixou sozinha por várias horas e ainda deixou a agenda desprotegida. É muita irresponsabilidade. Ele finge que não está com medo, mas deve estar apavorado.

\* \* \*

— É melhor a gente desmarcar essa reunião — ponderou Gaspar, outra vez por telefone. — O cara pode seguir um de nós e pegar os quatro juntos.

— Não, não. Vamos manter a reunião. Não exagere.

O objetivo da reunião era desfazer a história em grande estilo.

\* \* \*

— Camarada, eles estão sem coragem de dizer, então digo eu. Foi uma brincadeira. — confessou Baltazar.

Gaspar olhou perplexo para cada um de nós.

— São uns atores — resumiu constrangido.

— É difícil acreditar — admiti. — Mas não foi premeditado.

— Sei...

— Não foi mesmo. Um disse uma coisa, você acreditou, outro disse outra coisa... foi virando uma avalanche. Eu cheguei a desmentir parcialmente a história, não se lembra?

— Não.

— Você ignorou o desmentido, tão excitado que estava com a aparente confirmação de suas expectativas.

— Vá ter medo de corno assim... — riu com gosto o Camarada Stálin.

\* \* \*

— Eu tive uma idéia diabólica — anunciei. — Nós poderíamos armar um encontro de Gaspar com Adriana sem ele saber que era ela. Depois, com o fato consumado, faríamos a apresentação: “Esta é Adriana, a mulher de...”, como é o nome do marido?

— Sei lá.

— Eu imagino o desespero dele: “Vocês me fizeram comer a mulher do corno!”  
Gargalhadas.

— É diabólico demais — recuei. — Ele já ficou meio chateado com a outra história. Mas seria fantástico.

\* \* \*

— Você não saiu mais com Adriana?

Após algumas risadas, o Anão retornava ao métier.

— Perdi o tesão por ela. Não a vi mais, foi-se embora a vontade de vê-la.

— Está tudo anotado para o julgamento.

\* \* \*

— Eu conversei com Adriana por telefone. Ela me contou dois sonhos que teve após o nosso último encontro. Um sonho bom e um ruim. No primeiro, toda a sua família estava reunida numa granja. Ela passeou de mãos dadas comigo na frente de todo mundo, corremos e rolamos na grama. O marido estava lá, mas não pareceu importar-se.

— E o pesadelo?

— É nojento. Fomos os dois visitar um doente. Deitado de bruços, ele tinha um buraco enorme nas costas, de onde saíam minhocas graúdas, que pularam para os nossos pescoços e começaram a nos estrangular. Ela disse que ficou tão agoniada que bateu com o pulso no espelho da cama várias vezes e quase quebrou o relógio. Foi acordada pelo marido.

\* \* \*

— Lá vem nosso amigo Valdir — aponte.

Ainda um pouco distante, diante de nós, caminhava em nossa direção o ex-colega de primário e ginásio, que víamos esporadicamente. Muito branco, cabelo preto, óculos, rosto retangular comprido com ar circunspecto e feições meio duras, um tanto marciais, Valdir tinha estatura entre média e alta, era esgizado como um soldado em posição de sentido. Mas pisava macio. O contraste entre a postura retíssima e a maciez do andar criava a impressão de um rebolado, dando a alguns a falsa idéia de que Valdir desmunhecava. Ele era, na verdade, obcecado por mulheres (“aquelas vozes maravilhosas!”, dizia ao explicar por que às vezes se masturbava ao conversar por telefone com suas amigas), assim como fora, na infância, fascinado pela figura do Zorro, cuja espada representava com lápis, canetas, guarda-chuvas e compassos de desenho geométrico. Tímido, ingênuo e visivelmente esquisito, pessoa de habilidades sociais limitadas, Valdir sofria intensamente com seu acesso precário aos seres que tanto o atraíam. Sempre que se encontrava conosco, seus quatro ex-colegas de escola, falava de seus padecimentos.

Valdir também era amigo do excêntrico Alfredo, que me apresentara Adriana e tentara ajudá-lo a ter uma namorada:

— Eu arranjei uma namorada pra Valdir, uma moça magrinha. Eu não gosto de mulher magra, você sabe, mas ele gosta. Não deu certo: o homem é doido demais, estragou tudo.

— De que maneira?

— Não conversava direito com a menina, ia logo atacando, era desconfiado demais, enrolou-se todo. É muita loucura, tava me afetando, eu tive que me afastar dele um pouco, tive que me afastar. A minha mulher ficou preocupada: “Alfredo, esse rapaz vai enlouquecê-lo se você se envolver demais com os problemas dele”.

Figura já distante dos padrões, Alfredo tinha medo de ser enlouquecido pelos problemas de Valdir. Este, ao nos encontrar por acaso na caminhada, não perdeu a chance de espalhar suas queixas:

— Alfredo me apresentou outra moça. Eu saí com ela uma vez, achei bom, mas tive azar de novo: ela agora tá grávida. O que é bom dura pouco.

— Mas não é de você que ela está grávida, é?

— Não, eu usei camisinha. Se fosse meu, até que não seria ruim, ela poderia

ficar comigo.

— Como se chama essa moça?

— Adriana.

— Adriana?! — assustou-se Belquior. — Ela é casada?

— Não. Se é, Alfredo não me disse.

— Você tem medo de sair com mulher casada?

Eu queria saber se Alfredo omitira o estado civil de Adriana para que ele não tivesse medo de sair com ela.

— Tenho, né. Pode dar problema se o marido desconfiar ou descobrir.

— Como é a moça?

— Morena clara, alta, cabelo preto comprido...

— Ela tem problema de horário?

— Só pode ficar no motel até umas oito e meia. Por causa da família, parece.

— Você deu dinheiro a ela?

— Deixei um dinheiro em cima da mesa, pra ela pegar — respondeu acanhado.

— Foi Alfredo quem lhe disse a quantia, não foi?

— Foi. Por que essas perguntas todas?

— Responda mais uma. Trinta reais?

— É, foi isso mesmo, trinta reais. Como é que você sabe?

— É ela mesmo, Belquior. Está grávida!

— Puta merda!

— “É ela”? Vocês conhecem Adriana, já saíram com ela? — lamentou-se Valdir.

— Eu pensei que era uma exclusividade, mas era de todo mundo.

— De todo mundo não — corrigi. — Só dos amigos de Alfredo.

Tentei consolá-lo:

— Você estava lamentando a gravidez de Adriana porque pensou que ela poderia ser sua namorada, não é? Não era bem este o espírito da coisa: ela é casada.

— Casada?!

— Por isso tinha que chegar em casa cedo, só podia ficar até as oito e meia.

Tão desconsolado quanto Valdir ficou Belquior:

— Adriana grávida, puta merda. O sonho acabou.

— Que sonho, rapaz? — riu Baltazar.

— Eu sabia que ela não era exclusiva, mas pensei que fosse uma coisa mais restrita. Fiquei decepcionado com isso também.

— Disso você não pode reclamar. Alfredo é a primeira geração. Eu e Valdir – amigos dele – somos da segunda. Você é da terceira geração: amigo de um amigo de Alfredo.

— Eu não posso abandoná-la num momento como este — dramatizou o romântico Camarada Stálin. — Vou telefonar pra ela.

As risadas – minhas, de Gaspar e Baltazar – chamaram a atenção dos passantes. Valdir assistia com expressão de esfinge.

— Ela está grávida do único homem com quem transava sem camisinha: o marido. Somente ele pode conjugar na primeira pessoa o verbo abandonar —

concluí.

— É fogo — lamuriou-se Valdir, enquanto o olhar do Camarada Stálin passeava sem rumo sobre as ondas.

---

## 22º INTERVALO

— Muitas das histórias são recentes, algumas aconteceram depois que nós havíamos iniciado o processo. Muitas coisas aconteciam enquanto você as contava. Você tomou decisões com o objetivo de me narrar os seus efeitos?

— Sim — confessei. — Tenho transcendido, em vários momentos, a dicotomia entre ficção e memórias. Tenho criado histórias e as vivido na prática. É como se eu dirigisse filmes que não são simplesmente a narrativa de histórias reais. São as próprias histórias reais. Mas a realidade não é passiva, a realidade é minha parceira. Ela interfere, me obriga a mudar planos, a reescrever histórias. E depois reage às mudanças que ela própria me levou a fazer. E novas mudanças são feitas. É uma interação. Tese, antítese, síntese... é dialético. E fascinante.

— Materialismo dialético — divertiu-se o Anão.



## CAPÍTULO 19

### LOVE

#### CAPÍTULO 19-A

#### A ESTRÉIA

— Tudo bem?

Olhei surpreso para o formoso rosto quadrado, para os cabelos castanhos claros, para os olhos castanhos escuros. A pequena garota branca, aparentando pouco mais de 20 anos, naquele momento era só sorrisos.

— Você se lembra de mim? A gente saiu uma vez faz mais de um ano, quase dois, eu acho.

Sim, eu me lembrava muito bem. Por isso mesmo estava surpreso. Atraído por sua aparência, eu saíra com ela. Irritado com seu jeito frio e arrogante, sacudira sua cabeça pelos cabelos no momento do (meu) orgasmo. Natália tinha chorado, sentada na borda da cama. Eu tentara consolá-la, mas meu consolo fora rechaçado. Diante de tudo isso, como entender a simpatia da pequena figura que me abordara entre as mesas e cadeiras ao ar livre daquele bar de programas?

— Quer sair comigo? — arrisquei.



— Quero.  
— Você sabe como é o programa comigo, não sabe?  
— Sei, completo. Tudo bem. Vamos?  
— Vamos.

\* \* \*

Acaricieei longamente as costas alvas de Natália, depois de um sexo que nada teve a ver com os desencontros da primeira tentativa.

— Quer dormir aqui? — sussurrei.  
— Quero. Foi tão bom hoje, tão diferente da outra vez.  
— Por que você veio?  
— Não sei, eu te vi, achei que ia ser diferente. Não sei por quê.  
— Você mudou muito. É inacreditável como você mudou.  
— Você também.  
— Eu não mudei. Se você tivesse tido o mesmo comportamento, o resultado não teria sido muito diferente.  
— Eu era abusada mesmo. Ainda sou. Não é com todo mundo que eu fico assim como estou agora. É muito raro.

Adormecemos abraçados, a cabeça de Natália – que eu sacudira com fúria da outra vez – pousada em paz no meu ombro.

\* \* \*

Na manhã seguinte, pedi-lhe que falasse ao telefone com Belquior, fingindo ser a prima preocupada de Adriana.

\* \* \*

Na noite do encontro malsucedido com Adriana, uma semana mais tarde, voltei ao bar. Natália correu risonha ao meu encontro e me deu um abraço entusiástico:

— Tá fazendo uma semana hoje, não é? Eu achei que você vinha. Tô morrendo de saudade. Teve saudade de mim?  
— Tive.  
— Teve mesmo?  
— Tive.  
— Veio me ver?  
— Vim aqui para vê-la.  
— Vamos sair?  
— Vamos.

\* \* \*

Frustrado pelo fracasso com Adriana, extenuado pelos esforços vãos que fizera, eu buscara Natália não por sexo, mas por carinho recíproco. Ela estava acesa, estimulada pelas cálidas lembranças da outra noite. Fui obrigado a

desapontá-la:

- Hoje não dá. Estou cansado, muito cansado.
- Por causa do trabalho?
- Trabalho, problemas... Amanhã. Tá certo?
- Que jeito? — sorriu o formoso rosto quadrado de Natália.
- Amanhã, com certeza.

\* \* \*

— Eu estou gostando de você, quero ser sua namorada... Você pensa que eu tô curtindo com a sua cara, não é? Eu tô falando sério.

— Eu só estou surpreso. Já fiz amizades nesse mundo de prostituição...

— Prostituição soa pesado. Por que você não diz “nesse mundo de programas”?

— Como queira. Se prefere um eufemismo...

— O que é “eufemismo”?

— Depois eu explico. Como eu estava dizendo, eu não estou duvidando de sua palavra, só fiquei surpreso. Amizades eu já tinha feito, mas um namoro é novidade.

— Você não quer?

— Quero. No mínimo vai ser interessante.

— E no máximo?

— O máximo é sempre um mistério, um campo obscuro de possibilidades desconhecidas.

— Você às vezes diz umas coisas esquisitas.

\* \* \*

— Eu quero passar um dia inteiro com você.

— Pode ser no próximo sábado. Mas você vai ter que ficar sozinha na minha casa por algumas horas, à tarde, por causa do aniversário de um amigo meu. Aquele pra quem você passou um trote.

Foi Natália quem atendeu o telefonema em que um assustado Gaspar pensou estar falando com Adriana, supostamente escorraçada pelo marido enganado. Ela apenas informou que eu saíra com amigos para comemorar o aniversário de Belquior. Não tinha, nem teve, nenhum conhecimento do pânico que começava a ser montado em torno do cômico pavor do Camarada Trótski pela quase mitológica figura do corno.

\* \* \*

Na mesma tarde, quando eu estava saindo para encontrar os amigos, ela tentou determinar:

— Não demore.

— “Não demore”! — ecoaram os camaradas quando souberam, às gargalhadas, como quase sempre. — É uma pequena amostra do que você vai encontrar se algum dia cair no laço do casamento. Comandante, você está proibido de se casar.

— Se eu me casasse, faltaria assunto nos banhos de mar e caminhadas.

\* \* \*

— Vem cá, Paizinho. Posso chamar você de “Paizinho”?

— Pode. Por quê?

— Eu gosto.

Natália, como Diana, perdera contato freqüente com o pai aos 4 anos. Estava com 21, dezessete anos mais nova do que o seu “paizinho”.

— Fique à vontade, princesa.

\* \* \*

Levei Natália para assistir ao filme Evita:

— Ela termina com quem?

— Com ninguém.

— Acaba sozinha?!

— Acaba morta.

— Morta?! Assim não tem graça.

— É uma história real.

— Ah é? Então tá.

\* \* \*

— Faça devagar, desça abrindo a boca, vá o mais fundo que conseguir. Depois suba fechando a boca, lentamente.

Ela sorriu:

— Quer ensinar Pai-Nosso a vigário, uma garota de programa a fazer sexo oral?

(Natália não gostava de palavras “chulas”, preferia fazer sexo oral a chupar.)

— Quero. Nem todas sabem fazer da melhor maneira. Além disso, as preferências variam.

— Diga de novo, pra eu não esquecer.

\* \* \*

— Eu tinha 12 anos, andava com um short bem curtinho entrando na bunda, os peitinhos bem duros saltando pra fora da blusa, o umbigo aparecendo. Os homens da vizinhança ficavam doidos.

— Imagino. E você tinha consciência disso.

— Tinha, claro.

— E adorava, não é? Fazia de propósito.

— Fazia. Minha mãe ficava doidinha. Eu dei muito trabalho a minha mãe. Ainda dou. Ela é crente.

— De que igreja?

— Adventista.

— Adventista do Sétimo Dia?! Essa é muito rigorosa. Ela sabe que você faz

programas?

— Sabe.

— E aí?

— Acha ruim, mas aceita. Sem briga. Só de vez em quando, é normal, toda família tem suas brigas, não é? Mesmo sem a filha ser de programa e sem a mãe ser crente.

— Claro. Você ajuda em casa, naturalmente.

— Ajudo, ajudo. E minha mãe cria minha filha. Quando eu não tô morando em casa, a menina continua lá.

Ela tinha uma filha de 5 anos.

— Quando foi que você deixou de ser virgem?

— Com 14 anos. Tinha um rapaz de 30, Alex, um locutor de rádio. Era apaixonado por mim, mas morria de medo. Um dia eu fui com ele olhar um apartamento que tinha sido entregue pelo inquilino. Ele entrou num quarto, eu fiquei na sala. Quando ele voltou, eu tinha tirado a blusa, tava com os peitinhos de fora, apontando. Ele ficou apavorado: “Menina, vista essa blusa!” Eu me recusei a vestir e disse que queria transar com ele.

— E ele transou, apesar do medo.

— Não consegui resistir. Mas passou uma semana pra conseguir tirar completamente minha virgindade. Tinha o maior cuidado comigo, a maior delicadeza. A gente passou dois anos namorando.

— Como acabou?

— Com 15 anos eu comecei a fazer programa sem ele saber. Aí conheci o japonês, professor da universidade.

— Japonês ou descendente?

— Descendente, daquele povo de São Paulo, a família dele é de Santos. Mas pra mim é japonês. A gente se conheceu lá no bar. Eu tava saindo com os dois... fiquei grávida. Não sabia de quem era o filho. Alex, sem saber de nada, ficou todo animado, comprou o enxoval completo. Quando viu a menina na maternidade, ficou em estado de choque. “Como é que você fez uma coisa dessas comigo?”, ele disse. Foi embora. Nunca mais eu vi esse homem.

— Também pudera. É japonesa a menina...

— É. É linda minha filha, esperta. Branca de dar nojo.

— O japonês não quis assumir a filha?

— Quis. Mas queria ficar com a menina. Eu não deixei nem quis que ele assumisse.

— Pode ter sido uma jogada, uma esperteza. Ele fez você ficar com medo de que ele assumisse a criança e a tomasse. Com medo disso, você não pensou em processá-lo.

— Pode ser, mas eu acho que não. Ele é solteiro, não tem filhos, já tá perto dos cinqüenta... Eu acho que ele queria mesmo a menina.

— E agora? Você pensa em processá-lo?

— Penso. Talvez eu procure um advogado.

\* \* \*

— É verdade que japonês tem pênis pequeno?

— Eu já transei com dois japoneses e dois chineses, chineses mesmo,

daquela ilha...

— Taiwan.

— É, Taiwan. Com todos eles parecia que eu tava transando com um pirralhinho.

— E os negros?

— Não sei, não transo com negros.

— Não os aceita como clientes?

— Não, não gosto.

\* \* \*

O auto-retrato de seus dotes físicos quando adolescente, bastante verossímil, deixou-me com inveja de quem a conheceu naquele tempo. A gravidez e o parto lhe haviam roubado grande parte da beleza descrita.

\* \* \*

Eu às vezes saía de graça com Natália, outras vezes pagava voluntariamente. De vez em quando, ela me pedia pequenas quantias, muito inferiores ao preço de um programa, para atender a objetivos específicos, como pagar uma conta de mercearia.

Uma de suas amigas, colega de profissão, revoltava-se:

— Vá ganhar dinheiro, mulher, pra pagar suas contas — gritou certa vez enquanto a outra se aproximava do meu carro em frente ao bar. Natália achava graça:

— Essas meninas são muito interesseiras, só pensam em dinheiro. É bom, mas não é tudo. Tem outras coisas importantes na vida.

\* \* \*

— Você conhece aquela garota?

Olhei para a moça miúda de rosto fino e cabelo comprido:

— Conheço.

— Já saiu com ela.

— Saí.

— Você bateu nela?

— Não. Ela disse isso?

— Disse.

— É mentira.

\* \* \*

Natália queria que eu não saísse com outras mulheres. Ela podia sair com outros homens, desde que fosse remunerada. No código de honra das garotas de programa, transar por dinheiro não é traição.

\* \* \*

— Ao isentar-me do pagamento em dinheiro, ela passou a me cobrar de outras formas. Sempre há um preço.

— Sempre há um preço — concordou o Anão.

— E o preço que se paga em dinheiro pode ser o mais baixo.

— Pode ser o mais baixo.

— O ciúme, a cobrança... são preços mais altos. Natália passou a jogar sobre os meus ombros, por exemplo, a responsabilidade pelo seu bem-estar nas noites de sábado. Ela foi advertida: “Não me veja como uma solução para a sua vida. Eu não sou solução pra ninguém, nem pra mim mesmo”. Não adiantou. Sufocado, eu queria a liberdade. O instrumento da libertação caiu do céu. Ou melhor, veio pelo correio.

\* \* \*

A conta telefônica me informou: na tarde em que ficou sozinha em minha casa, quando Gaspar falou com ela pensando estar falando com Adriana, Natália fizera algumas ligações para dois números, um em Natal, o outro em Brasília.

— Fui traído por telefone — comuniquei aos camaradas.

— É um novo tipo de corno: o corno telefônico — definiu Gaspar.

— Telefônico e feliz — acrescentou Belquior.

— Essa conta telefônica é a minha carta de alforria.

\* \* \*

— Que explicação ela deu para os telefonemas traiçoeiros? — inquiriu o Anão.

— Disse que ficou chateada por eu tê-la deixado sozinha.

— Cobranças, cobranças — aborreceu-se.

\* \* \*

— Cadê Natália?

A moça miúda de rosto fino e cabelo comprido me surpreendeu ao tomar a iniciativa de falar comigo.

— Ela deve estar em Natal, foi fazer uns programas por lá.

— Ela sumiu, você também. Pensei que estavam morando juntos.

— Você é a terceira pessoa que me pergunta por ela hoje, aqui.

— Ela lhe disse que eu disse a ela que você me bateu?

— Disse.

— Eu não falei isso. Eu só disse que você segurou e sacudiu a minha cabeça com força.

— Não tem problema. Ela não acreditou, não levou em conta ou não achou importante.

— Eu sei. Você é tão bonito, sabia? Eu dizia a Natália: “Seu namorado é muito bonito”.

O elogio súbito me comoveu, afagou minha alma insegura e carente. Ao seu valor intrínseco acrescentou-se a condição da autora: uma mulher que eu pensava me detestar.

— Fico feliz em ouvir isso. Pensei que você me odiasse.

— Para eu odiar alguém é preciso muito.

— O mundo fica mais leve com pessoas assim. Eu não sou assim, infelizmente. Como é o nome daquela loura de franja na mesa ao lado?

— Margarida.

Era ela mesmo. Belquior saíra com Margarida e, empolgado, tentara apresentá-la a mim duas vezes. Compromissos de trabalho me haviam impedido de conhecê-la. Ela sumira em seguida. Agora reaparecia, ao meu alcance. Eu a reconheci pela descrição que ele fizera.

— Você me dá licença? Muito obrigado pelo que disse, foi muito importante.

— De nada, boa sorte.

\* \* \*

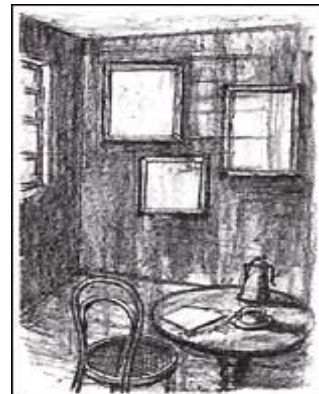
— Belquior, adivinha quem eu encontrei ontem à noite.

E assim a vida seguia, em seu curso normal. Normalidade que seria bruscamente interrompida por um par de olhos que espalhava labaredas, semeava vento e colhia tempestades: os olhos de furacão.

---

## 23º INTERVALO

Retratos na parede do meu quarto.  
Ninguém os vê,  
mas eu os vejo muito bem.  
Sorriem,  
acusam,  
às vezes perdoam.  
Imagens do que foi, mas sobretudo  
lembranças que poderiam ter sido.



## CAPÍTULO 19-B

### OLHOS DE TEMPESTADE

— Belquior, você precisa conhecer a prostituta ideal. Eu a conheci ontem à noite.

— Descreva, por favor.

— 23 anos, sem filhos, não fuma, bebe pouco, limpíssima, 2º grau completo, conversa aprumada, com poucos erros de português; simpática, risonha, bonita. Muito bonita.

— Que tipo de beleza?

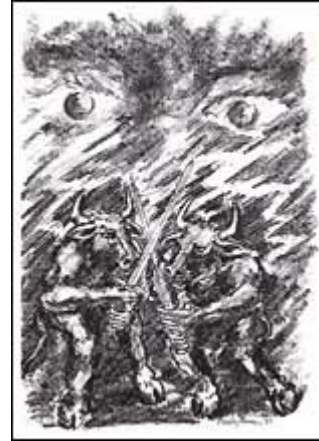
— Loura, olhos verdes, rosto rosado, um pouquinho sardento, mãos e dentes perfeitos.

— E o corpo?

— Seios firmes de tamanho médio, bundinha redonda, quantidade e qualidade.

— As pernas?

— Não são tão bonitas quanto o resto do corpo e o rosto, mas não fazem vergonha, longe disso. Os pés são o ponto fraco, o calcanhar de Aquiles, mas nós não cultivamos esse tipo de fetichismo. O conjunto me deslumbrou.



— E o comportamento?

— Quente, muito quente. Se era fingimento, é uma grande atriz, o que não deixa de ser uma virtude.

— Algumas gostam do que fazem, pelo menos às vezes.

— É verdade. Alguns professores gostam de dar aulas, pelo menos a algumas turmas.

— Eu gostaria muito de conhecê-la, mas estou sem dinheiro.

— Eu posso emprestar. Você anda meio desanimado, precisa de uma injeção de ânimo.

— Muito obrigado, Comandante. Eu vou aceitar. Estou realmente precisando. Se for como você disse...

— Você vai ver.

— Vamos lá no fim da tarde, começo da noite.

— Combinado.

\* \* \*

Embaixo, uma piscina e uma pequena área livre, com mesas e cadeiras; no plano superior, um terraço estreito e comprido, com três conjuntos de sofás e poltronas. Sentei-me na amurada, observando a varanda e seus ocupantes. Um rosto se virou para mim:

— Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigado.

— Quer conversar?

— Conversar eu quero.

Ela se levantou e aproximou-se, atraindo meu olhar aos seus olhos flamejantes.

— Esta música, além de ser brega, está alta demais — reclamei. — É impossível conversar aqui, vamos lá fora.

Fomos para outro terraço, na frente da casa, e nos sentamos lado a lado, em outra amurada.

— Como é seu nome?

— Todo mundo me chama de Lucinha.

Lucinha me contou, entre outras coisas, que fizera programas durante um ano, mas tinha parado por alguns meses, envolvida com um caminhoneiro gaúcho.

Abandonada pelo sujeito, que foi embora e parou de dar notícias, levava quase três meses para voltar. Era sua segunda noite após o retorno.

\* \* \*

— Como é o seu programa?

— O que você quer fazer?

— Tudo.

— Tudo?!

— Tudo ao mesmo tempo agora.

Ela riu.

— É o nome de um disco. — expliquei.

— De quem?

— Titãs.

— É um nome ambicioso. E você, pelo jeito, é tão ambicioso quanto o nome do disco.

— Ambições de curto prazo. E aí?

— Eu não sou acostumada a fazer sexo anal, mas pode ser, depende do clima. Eu gosto de fazer love.

Não seria nenhum sacrifício fazer love com a garota dos olhos verdes agitados — Já estamos fazendo. Vamos?

Vimos.

\* \* \*

— Bote uma música, alguma coisa romântica.

“Time is always on the run / we’ve only just begun / lovers in the wind.”

“O tempo está sempre correndo / nós apenas começamos / amantes ao vento.”

\* \* \*

Lucinha jogou para trás o longo cabelo louro, mostrando que queria senti-lo transformado numa rédea. Desejo atendido, respondeu com um amplo sorriso de olhos fechados, beijada no pescoço, na orelha e no rosto.

Surpreendeu-me ainda mais ao pedir explicitamente que eu lhe batesse com força na face rosada, chegando ao gozo ao ser atendida outra vez.

\* \* \*

— Eu não quero você só por hoje — declarei. — Quero por muito mais tempo.

\* \* \*

— Hoje eu não posso dormir com você. Tem uma amiga minha me esperando lá, nós vamos juntas pra casa.

— Sexta-feira, então. Depois de amanhã.

— Tá certo.

— Leve o número do meu telefone e me ligue na sexta, entre uma e três da tarde.

\* \* \*

— Belquior, tem uma coisa que eu não lhe disse ao telefone: ela gosta de umas pancadinhas, de um jogo meio bruto.

Ele balançou vigorosamente a cabeça, para os dois lados, como querendo afastar imagens perturbadoras:

— Isso não! Eu não gosto disso, você sabe.

— Sei. Mas ela adora.

— Esse tipo de coisa eu não faço de jeito nenhum.

— Vai decepcionar a menina — brinquei, divertindo-me com o horror do Camarada Stálin.

— Eu não consigo fazer essas coisas, não gosto nem de pensar a respeito. São contra a minha natureza.

— Mas não são contra a dela — insisti.

— Vamos mudar de assunto.

— Não precisa apavorar-se: ela também gosta de uns dengos.

\* \* \*

— Ela não está por aqui. Ainda é cedo, não deve ter chegado. Mas está a outra lourinha, a baixinha de olhos azuis com quem saí outro dia. Também é legal, em todos os aspectos.

Chamei a garota e me afastei, deixando-a a sós com Belquior, em nosso tradicional revezamento na função de mestre de cerimônias. Eles começavam a conversar quando Lucinha surgiu de dentro da casa, com o cabelo ainda molhado: acabara de tomar banho para o começo da noite. Vestindo uma miniblusa que destacava os seios e uma calça jeans apertada, que realçava o traseiro, exibindo a pele macia do ventre e de parte das costas, causou no Camarada Stálin uma impressão das mais fortes. Ele pediu licença à outra e, imitando Lucinha, aproximou-se de mim. Feitas as apresentações, solicitou:

— Posso conversar com você em particular um instante?

Estava agitado:

— Rapaz, eu preciso sair com essa mulher!

— É demais ou não é?

— Rapaz!

— Mas você já estava conversando com a outra. Aconteceu isso há poucos dias: ficou uma meia hora com ela e acabou não saindo com ninguém. Agora vai ser pior ainda, porque vai sair com outra. Fica chato, não é? Pega mal. Você poderia sair com a lourinha hoje e com Lucinha outro dia.

— Não tem sentido sair com outra mulher hoje, depois de vê-la. Diga à outra que eu esqueci o dinheiro e que Lucinha tá saindo com você.

— Não vai colar.

— Então diga que eu tô doente, com disenteria.

Sua expressão mostrou que ele falava sério. Respondi com uma gargalhada.

— Tá bom, eu vou dizer à moça: “Meu amigo não pode sair com você porque está se acabando pelo fundo, feito rede velha”. É melhor não dizer nada.

Na estrada, antes de deixar-me onde estava o meu carro, ele comentou com Lucinha:

— Nós ficamos preocupados com a outra menina. É que já tinha acontecido outro dia de eu conversar com ela e não sair, agora de novo. É meio desagradável.

— Vocês estão preocupados à toa. Ela pode até ter se chateado um pouco, porque perdeu o programa, ou ter ficado um pouquinho ferida no amor próprio, mas o importante é que vocês são clientes, ela tem todo o interesse em ficar bem com vocês. Acontecem coisas muito piores num lugar como aquele. Isso é bobagem.

— Sai na urina — resumi.

— Com certeza.

\* \* \*

Mais tarde, na mesma noite, eu assistia em casa a um jogo de futebol, com Baltazar e outro amigo, quando chegou um Belquior eufórico, que me abraçou efusivamente:

— Comandante, renasci!

Baltazar riu. O outro, que não sabia da história (e das histórias), olhou espantado. Mas logo entendeu o que se passava. E advertiu:

— Se torcer pelo time errado, nós vamos ligar para a sua casa. Depois da felação, a delação.

\* \* \*

Naquela noite, deprimido por um mau resultado no futebol, um campeonato perdido num detalhe, mergulhei em elucubrações de possíveis desfechos da nossa história com Lucinha. Imaginei-a, entre outras hipóteses, partindo alegremente com o caminhoneiro pródigo. Até fiz um poema de despedida:

Olhos verdes luminosos,  
olhos densos de paixão,  
buscam-me ávidos porque dou prazer...  
mas isso outros também dão.

Olhos verdes foram embora...  
só ficou a solidão.

— Você começa um relacionamento já pensando em terminá-lo — diria depois a dona dos olhos, muito antes de qualquer desfecho e sem nenhum conhecimento de minhas especulações pós-futebolísticas.

\* \* \*

— Eu lhe disse anteontem que não sou acostumada a fazer sexo anal, mas na verdade eu gosto muito.

— E eu não percebi?

\* \* \*

No final do terceiro encontro tivemos a primeira briga:

— Conversando com Belquior, eu mencionei sua idade, falei em 33 anos. Ele riu e perguntou se você tinha me dito isso.

— Eu lhe disse a idade certa: 38 — retruquei, já meio irritado.

— Devia ter dito mais, porque parece.

— Você sabe que isso não é verdade, disse só pra me chatear.

Joguei no chão o sapato que ia calçar:

— Que merda!

Ela ficou uns vinte minutos em silêncio, desprezando minhas duas ou três tentativas de quebrar o gelo:

— Por que me provocar desse jeito?

Finalmente encostou a cabeça no meu ombro, agora manhosa, sem o olhar faiscante, lágrimas caindo dos olhos vulcânicos:

— Quer dizer que eu não posso mais vir aqui?

— É claro que pode, mas não faça mais isso. Por que você ficou calada?

— Se alguém errou, vai dizer o quê?

— Pede desculpas. Você admite que errou?

— Admito, mas não precisava tanto.

— Precisava, foi uma provocação gratuita. Posso considerar sua admissão um pedido de desculpas?

— Pode.

Desculpas a fórceps.

\* \* \*

— Achei lindo vê-la chorando, o monumento em lágrimas.

— Vai ter esse prazer muitas vezes. Eu sou manteiga derretida.

\* \* \*

No encontro seguinte, o quarto em dez dias, ela decretou:

— Você não precisa mais me dar dinheiro.

— Mas posso ajudá-la de vez em quando?

— Pode, claro. Mas não tem a obrigação de me pagar.

O love fora levado às penúltimas conseqüências.

\* \* \*

Aos poucos, Lucinha passou a me chamar de “Painho”, um passo adiante, na encenação incestuosa, em relação ao “Paizinho” de Natália. Com outro reforço: a primeira chamava-me assim às vezes, enquanto a nova filha só se dirigia a mim pelo nome quando era inibida pela presença de pessoas com quem fazia alguma cerimônia ou quando estava aborrecida comigo. A fantasia filial se tornou importante no sexo: “Coma sua filhinha, coma”; “judia de mim, Painho, da sua filhinha”.

\* \* \*

— Painho, você é forte, poderoso, inabalável.  
— Eu não sou nada disso.  
— Ô Painho, deixe eu pensar que é.  
— Tá bom. Eu sou forte, poderoso, inabalável.

\* \* \*

Ela às vezes tinha a necessidade de irritar seu parceiro “forte, poderoso, inabalável”. A arma mais eficaz eram referências a outros homens – clientes ou ex-namorados. Quando ameacei reagir às provocações com mais veemência, pediu:

— Deixa eu te irritar, vai, Painho. Faz parte de mim.  
— Irrite, se precisa tanto. Mas não irrite demais.  
— É tão bom irritar de vez em quando um homem como você, por cima de tudo.

\* \* \*

Tentar assustar-me era outro hobby eventual:

— Cuidado comigo, Painho, eu não sou boa da cabeça. Você já viu que eu sou capaz de rir e chorar ao mesmo tempo. É um sintoma.  
— Sintoma de quê?  
— De que tem alguma coisa meio solta.

\* \* \*

— Painho, eu me sinto tão bem com você. Eu posso ser eu mesma.  
— Eu tenho a mesma sensação.

Tive com frequência a impressão de que eu e Lucinha éramos os dois lados de uma mesma moeda. Eu adorava, por exemplo, exhibir-me com sua beleza e sensualidade; ela tinha prazer em mostrar-se com o que chamava de “um homem de presença”, conceito que me soava mais social do que estético. Enaltecer o outro, brilhar com suas luzes e ao mesmo tempo afirmar-se sobre ele eram regras do nosso jogo, muitas vezes delícia, outras vezes tormenta. E tudo isso era aberto, assumido, consciente de parte a parte.

\* \* \*

Era ambígua a relação de Lucinha com a prostituição. Ela não era uma prostituta socialmente assumida: escondia-se de parentes, amigos e conhecidos, evitando os bares próximos da grande estrada, recolhendo-se numa granja-bordel cujo proprietário exigia a presença de suas meninas quase todas as noites e retinha suas carteiras de identidade, supostamente para provar à polícia que não abrigava menores (na verdade, para evitar que elas pudessem ir embora sem aviso). Na intimidade, ao contrário, sobretudo no sexo, enchia a boca com palavras como puta e rapariga:

— Sou rapariga, sou? Rapariga safada?  
— Sou sua putinha?  
Só não gostava de ser chamada de “puta velha”:  
— Ô Painho, eu sou puta nova.

— Ainda é. Mas nessa profissão a idade vem a cavalo, chega mais cedo do que para os jogadores de futebol. Se tiver filho, vem ainda mais depressa.

\* \* \*

Era estranho ver a mulher sensual, criatura cintilante da noite, varrer e arrumar minha casa, o que ela parecia gostar muito de fazer, representando, vez por outra, o papel malicioso da faxineira oferecida.

Outro papel encenado com gosto era o de menininha saliente:

— Painho, eu quero um chiclete, um picolé, uma pipoca e uma revista pornô.

\* \* \*

Fiz de improviso uma dramatização jocosa do nosso primeiro encontro, imitando uma voz do Repórter Esso, noticiário televisivo dos anos 60:

— O que você quer? — perguntou ela.

— Tudo — respondeu ele.

— Tudo o quê? — insistiu ela.

— Você sabe — devolveu ele.

— Eu não sou acostumada com sexo anal — mentiu ela.

Dobrando-se de rir, Lucinha pediu:

— Painho, você escreve essa história no computador e dá pra mim? Do jeito que você estava falando.

\* \* \*

— Você vai ter coragem de contar a nossa história em público algum dia, Painho?

\* \* \*

— Você conta as histórias da gente, Painho, aos seus amigos?

— Algumas coisas.

— Eu conto a Célia, ela morre de rir.

\* \* \*

— Você é a rainha das putas. Como estamos juntos, eu sou o rei das putas.

— Painho, você tá comigo por posição social.

Rimos com vontade da fina ironia de Lucinha.

\* \* \*

Além da ironia e da vocação histriônica, ela tinha boa capacidade de observação. Fazia imitações detalhadas de aspectos do meu comportamento:

— Eu quero dois ovos fritos mal passados, um pão assado, uma fatia de pé-de-moleque, uma xícara de leite, queijo de manteiga assado, um suco de laranja com gelo, sem açúcar. E uma água, por favor.

E definia atitudes minhas com seu estilo particular:

— Você é econômico, Painho. Guarda as raivas, vai acumulando, acumulando...

\* \* \*

— Essa posição é a papai com mamãe — lembrou. — No caso, papai com filhinha.

\* \* \*

Lucinha gostava de contar histórias da profissão: um protético se propôs a levar um saco de dentaduras para as meninas escolherem; uma colega chorou como criança ao ver o pênis do parceiro, fino demais; um homem transava ensinando técnicas de boxe; um candidato a cliente, dono de uma peixaria, tinha o cheiro do produto que vendia. Era constante o humor negro:

— Em que posição você prefere transar? — perguntou o homem.

— De quatro, com o cara ajoelhado atrás de mim — respondeu a moça.

— Nessa posição eu não transo.

— Por que não? Que bobagem.

— É que eu só tenho uma perna. A outra é mecânica, não se ajoelha.

\* \* \*

— O Mineiro, sabe Painho, tem também uma criação de porcos. Ele deixou o celular em cima de uma cerca, um porco comeu o celular dele!

— Bem feito. É um filho da puta explorador. Vocês todas deveriam abandoná-lo, deixá-lo só com os porcos comedores de celular.

\* \* \*

— Os clientes têm inveja quando sabem que eu tenho um namorado. Perguntam o que você faz pra merecer tanto. Eu respondo que não é só o que você faz, mas como faz. Eles ficam com ciúme.

— É uma regra do jogo: eles têm inveja do escolhido, e este se sente estranho ao saber que outros comem a mocinha. Mas há o outro lado: os clientes têm prazer em comer a mulher de alguém; o namorado se sente vitorioso por receber de graça, e com mais qualidade, o que os outros têm de alugar.

\* \* \*

— Eu contei a Célia, Painho, aquilo que você me disse: “Somente uma puta conseguiu me tirar dos cabarés”. Ela morreu de rir.

Ciumenta, ela me exigia fidelidade e tinha um ciúme especial das outras garotas de programa. Sua rede de amigas e conhecidas em vários pontos me obrigara a reduzir drasticamente minhas atividades nessa área. O que fora válvula de escape se havia convertido no próprio centro dos problemas.

\* \* \*

— As garotas de programa — teorizou Gaspar — são mais ciumentas do que as mulheres comuns. Porque elas têm ciúme das outras e do dinheiro que você dá às outras.

— Vou pedir um guardanapo de papel ao garçom pra anotar isso.

— Esse cara tá ficando doido.

— Eu sou como a polícia americana: “Você tem o direito de ficar calado. Tudo o que disser poderá ser usado contra você”. Ou a favor. O importante é que poderá ser usado.

\* \* \*

— Daqui a dez anos você vai estar sozinho e eu serei uma jovem senhora.

— É este o seu grande projeto?

Ela parecia querer levar o love, não necessariamente comigo, das penúltimas às últimas conseqüências.

\* \* \*

— Eu tomei conhecimento de umas coisas, Camarada Stálin. Você precisa saber que eu sei.

— Que coisas?

— Eu sei, por exemplo, que o Ursinho Belquior agora tem um irmão: o Coelhoinho Belquior.

Ele sorriu amarelo:

— Isso é um filho da puta.

— Ela foi me contando aos poucos. Primeiro, contou que tinha recebido um coelhinho de presente. Eu reconheci o modus operandi, perguntei se você era o autor da gentileza, ela confirmou, aos poucos foi falando. E me disse outra coisa muito interessante: “Painho, Belquior me levou pra conhecer o colégio onde vocês estudaram juntos”.

Gaspar e Baltazar explodiram em risos:

— Até o velho colégio entrou na dança.

— Eu sei das rosas vermelhas, da carta com quatro corações, também vermelhos, feitos em computador...

— A gente saiu umas três ou quatro vezes, mas ela começou a ficar fria, disse que tá apaixonada por você, eu resolvi ficar na minha, só como amigo.

— Transar sem love não tem graça — divertiu-se Baltazar.

— Ela me falou da carta. Não entrou em detalhes, mas disse que você deu conselhos, se dispôs a ajudá-la a conseguir um emprego, sem nenhum interesse, ressaltou o potencial dela como pessoa... Ela disse que chorou quando leu.

— Eu fico feliz em saber que ela se sensibilizou com o meu texto.

Gaspar não se conteve:

— É demais ouvir esses dois cornos apaixonados!

— Apaixonados, não — objetei. — Enlovecidos. Esta palavra fantástica que Baltazar criou. Ela se diz apaixonada por mim, mas apaixonada mesmo eu acho que ela é pelo caminhoneiro gaúcho que a deixou.

— Deve ser, é uma pessoa do meio dela, há um entrosamento mais completo. Mas, de qualquer maneira, está em love com você, eu preferi ficar na minha,

ajudando no que eu puder. Eu só queria lhe pedir uma coisa: não bata na bichinha.

— Mas rapaz, ela gosta, pede. Exige. E goza.

— Eu sei, mas pelo menos bata devagar.

Baltazar, o Camarada Lênin, e Gaspar, o Camarada Trótski, buscaram forças para novas risadas, enquanto Belquior sorria com olhar sonhador.

\* \* \*

— O final da história — cobrou-me o Anão.

— Não há um final, há vários finais. Por um motivo bem simples: ainda não terminou. Lucinha não é um fantasma neste momento, mas vários projetos de fantasma, diversos fantasmas virtuais. Eu poderei deixá-la por outra ou por estar insatisfeito. Ou ela poderá fazer isso. A relação poderá desmoronar, sob o peso de suas tensões e conflitos, ou transformar-se em algo que a desfigure, se comparada aos primórdios, ao tempo das descobertas mútuas. Talvez ela vá embora, se torne uma jandira; talvez continue uma luz nas noites da cidade. Para cada situação possível há uma hipótese fantasmagórica.

— Mas nós teremos que julgar sobre o presente e o passado.

— E assim faremos.

— Comentários a respeito de Lucinha e Natália, personagens do love, logo mais no julgamento — determinou.

\* \* \*

Dois dias depois da conversa com o Anão, três dias antes do julgamento, na exata passagem de uma quarta para uma quinta-feira, a campainha tocou. Eu soube quem era no instante do toque.

— Por onde o senhor andou ontem? Passeando em todos os cabarés?

— Em alguns. O que é que tem?

— O que é que tem? Eu vim só olhar pro seu rostinho.

— Já olhou.

— Cuide-se, tá?

Passou a mão com suavidade em meu rosto. Mas seus olhos eram de tempestade. Foi embora tão de repente quanto chegara.

Já não me parecia tão bonita como dois meses antes.

\* \* \*

O Anão ficou curioso:

— Como ela chegou aqui?

— Eu observei a única rota de fuga existente. Ela não passou a pé nem de táxi. Vi passando um carro particular.

— Ela pediu a um cliente para trazê-la. Inventou uma história qualquer e o otário ficou esperando.

— Com certeza.

— Veio lhe cobrar fidelidade trazida por um cliente. É quase inacreditável.

\* \* \*

Baltazar queria saber:

— E Lucinha, Comandante?

— Não me procurou mais nem eu a procurei. O caminho está livre para o Subcomandante.

— Eu não quero mais — cortou Belquior. — Ela foi dizer a Margarida que eu tô doído por ela.

— E não está? — provocou o Camarada Lênin.

— Com a mesma facilidade com que me envolvo, eu me desinteresso. Aliás, tomei abuso de Margarida também. Ela ficou apontando pra mim, lá no bar novo, e dizendo com aquela voz matuta estridente: “Olha só quem tá aqui!”. Depois veio dizer: “Lucinha disse que você tá doídiho por ela”. Não quero mais conversa com nenhuma das duas.

— Eu tenho uma novidade — anunciei. — Reencontrei uma velha amiga nossa.

— Quem?

— Poliana.

— Onde?

— Num posto de gasolina. Ela está vendendo extintores de incêndio. “Abandonei aquela profissão”, ela me disse com aquele sorriso maroto.

— Parece que estou vendo — lembrou-se risonho o Camarada Stálin.

— Antes ela causava incêndios. Agora se dedica a apagá-los — comparou Gaspar.

— Saiu com ela?

— Fiz a proposta. Ela respondeu: “Eu ainda não fiz essa sacanagem depois que me casei, há quase dois anos”. Percebi o ainda e fui em frente: “Mas sempre há um pequeno espaço para um velho amigo, não há? Para prestigiar uma velha amizade”.

— E ela?

— Uma vez Flamengo, sempre Flamengo.

— Quantos anos ela tem agora?

— 23.

— Há quanto tempo foi o poliano? — indagou Gaspar, autor da palavra que definira os meses marcados pela presença graciosa da morena Poliana.

— Três anos.

— Ela está em forma? — animou-se Belquior.

— Do mesmo jeito.

— Não teve filho.

— Não.

— Em que posto ela fica?

— Muda de posto todo dia. Ela trabalha para uma firma que vende extintores.

— Não há como entrar em contato, então.

— Só passivamente. Ela ficou com o número do meu telefone, combinou ligar qualquer dia. Tenho outra novidade.

— Qual?

— Arranjei um cabaré particular.

— Um bordel particular? Que maravilha! — vibrou o Camarada Trótski. —

Como encontrou isso?

— Conheci uma das meninas, Lígia. Ela me mostrou o caminho das pedras. Na casa moram cinco garotas, uma de 20, duas de 19, uma de 17, outra de 15. Entre elas, há dois pares de irmãs. E ainda existem as amigas e vizinhas. Ao todo, são umas dez.

— Que beleza! Elas formam uma república?

— Não. Moram na casa da mãe e do padrasto de duas delas.

Gaspar preocupou-se:

— Padrasto? Tem macho nessa história?

— Ele trabalha viajando, quase nunca tá em casa. A mãe sabe de tudo e não se importa.

— Deve gostar. É uma fonte de renda para a família e a casa.

— Querem conhecer?

— Vamos!

\* \* \*

— É aquela casa com uma churrasqueira na frente e onde tá escrito: “Vende-se galinha abatida na hora”.

Estacionamos um pouco à frente, do outro lado da rua. A casa, de muro baixo, era estreita e comprida, com um espaço lateral cimentado e coberto. Estava escuro, faltava energia no início da noite. Bati palmas, ninguém apareceu. Fui entrando. De repente um cachorro...

\* \* \*

— Cadê as meninas? — cobraram-me os outros.

— Fui recebido por um cachorro, de tamanho médio. Primeiro eu tive medo; depois, quando o vi de perto, fiquei tranquilo, percebi que não era perigoso. Aí veio a terceira etapa: o desgraçado se abraçou à minha perna e começou a tirar um sarro.

— Gozou? — zombou o Camarada Stálin.

— O cachorro?

— Sim.

— Não deu tempo, a menina chegou antes e me livrou desse atentado canino ao pudor.

— E as garotas?

— Estão vindo.

Lígia chegou primeiro.

— O cachorro da casa é meio tarado, não é? — comentei logo após as apresentações.

— É. E gosta de homens. Faz esse tipo de coisa com todo homem que chega aqui. Cheirava a bunda do meu namorado.

— Foi por isso que acabou o namoro?

— Lá vêm as meninas.

Era a normalidade, finalmente restaurada.

\* \* \*

— Lucinha me telefonou — comuniquei a Belquior.

— Huum! E disse o quê?

— Perguntou pelo emprego que você prometeu.

— Eu tô puto com o meu primo Júlio. É a terceira vez que ele faz isso: promete e depois sai escorregando. Eu tenho cobrado, mas ele tá tirando o corpo fora. Vou continuar cobrando, é o que eu posso fazer. O que mais ela falou?

— Pede pra você ir à casa dela. Disse que tem tentado falar com você aí no trabalho, mas não consegue.

— Conversa, eu tô quase sempre por aqui. Foi um pretexto pra lhe telefonar. Elas fazem isso, você sabe. Criam pretextos para entrar em contato. Foi o que Diana fez, por exemplo.

— Ela avisou que está sempre em casa durante o dia.

— Esse recado foi pra você.

— Foi para ambos.

— Você pretende ir lá?

— Não. E você?

— Eu não queria sumir sem ter resolvido essa história do emprego. Não vou me sentir bem se não resolver isso. Mesmo ela tendo feito aquela sacanagem comigo. A fofoca com Margarida.

— Boa sorte para os dois.

A normalidade reconquistada permanecia intacta.

— Tem mais uma coisa: ela disse ter temido que eu não atendesse ao ver o número. Eu respondi: “Não era desse número que você costumava ligar, só reconheci o prefixo. De qualquer modo eu teria atendido. Não tenho raiva de você, apesar de você ter vindo me cobrar fidelidade trazida por um cliente”.

— O que ela respondeu a isso?

— Nada. Ia responder o quê? Perguntou se eu estou bem e me mandou um abraço.

— Ela o chamou de “Painho”?

— Não. Me chamou pelo nome.

— Você se importa que eu vá lá?

— Eu não, faça bom proveito. Só não vou lhe emprestar o dinheiro desta vez.

A risada solta de Belquior ecoou pelas linhas. Nada poderia ter soado mais normal.

\* \* \*

— Lucinha está deprimida — comunicou-me Belquior. — Nós não teríamos culpa nisso?

— Temos, com certeza. Mas é uma culpa interativa. Se ela nos tivesse tratado de outro modo, teria sido tratada de outra maneira.

— Aquela história, por exemplo, de ela ficar falando de outros homens é um saco. Espanta qualquer um.

— É compulsivo. Ela cava suas próprias sepulturas. Conseguir-lhe um emprego não basta. A AAPC teria que lhe pagar anos de terapia.

AAPC – Associação de Apoio às Prostitutas Carentes – era a sigla que simbolizava as boas intenções do Camarada Stálin.

— AAPC em ação! — ironizava o Camarada Lênin.

Sem esperar resposta, completei:

— Neste caso, e em geral, a tarefa é superior aos meios e possibilidades da AAPC.

---

#### 24º INTERVALO

— Com quem você ouviu essa fita, Comandante?

Baltazar se referia a uma fita com canções românticas dos anos 70.

— Com Diana, ontem à noite.

— Eu sabia!

— Ela me convidou, eu acabei indo lá, o que não pretendia fazer. Ouvimos a fita, trocamos uns carinhos, mas eu não fiquei muito animado. São a mesma velha, a mesma conversa, o mesmo contexto... Aquilo não vai mudar nunca.

— Ele quer uma velha nova!

Mudei de assunto e logo depois começamos a falar sobre a importância da pontuação no sentido das frases.

— O slogan do Plano Cruzado era “tem que dar certo!” — lembrei. — Mas havia o Clube Gay do Sarney: “Tem que dar, certo?”.

Gaspar também tinha o seu exemplo:

— Tem o Chupa-Cabra, o ET que devora animais, e tem o “chupa, cabra!”.

Belquior passou a Gaspar uma biografia de Che Guevara. Ele observou atentamente a capa do livro e resolveu encaixá-lo no tema anterior, reagrupando as sílabas do nome do guerrilheiro, sem mudar a seqüência, e alterando a entonação:

— Chegue, vara!

— Iiih, rapaz — respondeu o coro.

— “Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás” — citei. — Gaspar, você é capaz de endurecer sem perder a ternura?

— Hay que endurecer, mesmo que se tenga que usar una prótese.

Enquanto ria junto com os outros, lembrei-me de algo bem menos festivo que não os incluía e estava prestes a começar.

### Amores Marginais – 3ª PARTE

**FIM**

**CAPÍTULO 20**

**O JULGAMENTO**

Uma palavra,  
um instante,  
um gesto, apenas.

Nas coisas pequenas pode estar a distância  
dos prazeres intensos à mais dura das penas.



\* \* \*

Estava tudo pronto para o julgamento, em que eu seria autor, testemunha, advogado de defesa, juiz e jurado. O Anão seria promotor, além de juiz e membro do júri. Os fatos narrados e emoções associadas – causas e conseqüências – formavam os autos do processo, instruído pelas conversas que eu já tivera com o meu sócio no empreendimento sinistro.

Faltava somente começar a chamada. Aquelas que fossem condenadas voltariam à pauta na etapa seguinte: a escolha final.

\* \* \*

— Sofia — chamei.

— Arrogante — acusou o Anão.

— Sua arrogância, como eu já disse, foi uma fonte de prazer — defendi. — Além do mais, ela mudou, embora nunca tenha se tornado uma garota carinhosa.

— Potencial não realizado?

— Não.

— Pendências?

— Nenhuma.

— Veredito?

— Absolvida.

— Confirmado.

\* \* \*

— Sandra — continuei.

— Acusação: inexpressiva.

— Defesa: inexpressiva. Seria um desperdício transformá-la em personagem central do segredo terrível que pretendemos construir.

— Acatado. Absolvida.

\* \* \*

— Cristiane — chamou.

— A bela e doce Cristiane.

— Ela foi embora.

— E me deixou uma grande lembrança. Quando entrei no banheiro e vi Sofia e Cristiane sob o chuveiro, preparando para mim seus corpos juvenis, pensei que morrera e chegara ao paraíso islâmico. Ela depois confirmou e reforçou essa impressão. E se mostrou uma figura leve, sem drama, mesmo atingida pelo peso de uma situação dramática.

— Será esta a verdadeira Cristiane?

— É a única que nós conhecemos.

— Devemos, portanto, preservar essa imagem, eliminando a possibilidade de vê-la destruída ou danificada.

— Você quer condená-la por causa de uma hipótese.

— Tanta leveza não existe.  
— Existiu naquela noite.  
— Então vamos preservá-la. Aquela noite, quero dizer.  
— Vamos preservar Cristiane. Não há provas a favor de sua tese de que conhecemos uma Cristiane falsa ou efêmera.  
— Absolvida — rendeu-se o Anão. — Por falta de provas.

\* \* \*

— Daline — prosseguiu o promotor.  
— Que decepção! Foi horrível tê-la encontrado tão decadente depois de tão pouco tempo.  
— Então...  
— Devemos levar em conta as condições sociais.  
— As condições sociais não a obrigaram a ter quatro filhos em seis ou sete anos. Irresponsável! Além disso, nenhum julgamento pode prescindir da responsabilidade individual.  
— Sua defesa é frágil, admito.  
— Condenada! — exultou o Anão.

\* \* \*

— Gabriela, a surpreendente. Retirou-se antes da hora, deixou muitas coisas por fazer. Potencial não realizado, pendências...  
— Ter sido seduzido por uma mulher adolescente, que eu queria seduzir e não sabia como, foi uma das grandes emoções da minha vida. O que eu recebi neste caso foi muito mais importante do que aquilo que faltou. Absolvida! — concluí com um sorriso largo.  
Ele teve que aceitar.

\* \* \*

— Boneca, a pequena ladra.  
— Boneca, a exuberante mulher em crescimento que durante algumas semanas encantou com suas visitas minhas manhãs de terça-feira, transformando as noites de segunda na mais gostosa das expectativas.  
— Ela o roubou.  
— Eu já lhe disse que o roubo não foi decisivo. Foi a intromissão do pai dela, o sinal amarelo exibido por ele, que nos impediu de ir em frente, não me deixou realizar plenamente minha fantasia.  
— Sendo assim, o pai dela deve ser condenado.  
— Não vale, ele tem a ver com os meios e não com os fins, não é fundamental. Está aqui apenas na categoria de obstáculo, não é candidato. Só existem candidatas.  
— Descartado o pai, resta-nos a filha.  
— As circunstâncias de Boneca me obrigaram a afastá-la de mim. Não há base para condená-la.  
— Absolvida — resignou-se o Anão.

\* \* \*

— Aninha, Goldwater. Vou repetir a pergunta: o que foi mais importante neste caso, as portas fechadas ou a janela aberta?

— Eu já posso responder: as portas fechadas foram mais importantes.

Ela não me deixou transgredir na proporção que eu queria. E exigiu: “Eu quero um homem que me assuma”. Naquela idade!

— Condenada!

\* \* \*

— Laura, cabelos e pêlos de fogo. Duas perguntas ainda não respondidas. Nº 1: a apoteose final foi vitória ou consolo?

— Consolo.

— Nº 2: foi mais importante ter conseguido ou ter sido obrigado a pedir?

— Ter sido obrigado a pedir.

— Condenada.

\* \* \*

— Catarina, a princesa.

— Ela me deu o que me negara, e eu não tive que pedir nem procurar. Sua arrogância me trouxe prazer. Dominei cada recanto do castelo da princesa.

— Mas não pôde realizar a fantasia inicial, que foi reprimida mas ficou latente até o fim: um caso de amor com a princesinha do bordel.

— Frustração, pendências, potencial não realizado — murmurei.

— Razões para condenar.

Não contestei.

\* \* \*

— Glória.

— A que se assustou ao ser excitada.

— Por você.

— Por mim.

— Ela disse que não tinha frescuras, mas isto foi uma frescura.

— Tentou ser fiel ao namorado. Não conseguiu.

— Mas levantou uma barreira entre ela e você.

— De certa forma.

— Merece uma punição, por conseguinte.

— Não necessariamente. Ela não queria excitar-se, e mesmo assim a excitei. Isto foi uma vitória, uma grande vitória. Além disso, sua resistência foi passiva, mais passiva não seria possível. Uma resistência entre aspas: o gesto de me dar o que eu mais queria.

— É um modo de ver este episódio. Você o expôs com eloquência.

— Absolvida, então?

— Absolvida.

\* \* \*

— Clarice. Gordinha, bunduda e fofinha. Deve ser condenada por ser uma jandira.

— Uma jandira anunciada, como você mesmo definiu. Ela abriu para mim uma brecha em seu destino. Deve ser absolvida por este motivo. E por causa de seu olhar alegre e sorridente ao me fazer a mais íntima das carícias.

Ele não contestou.

\* \* \*

— Teresa.

— Além de ser uma jandira, deixou coisas pendentes, potencial desperdiçado, frustrações. Largou o jogo antes da metade do primeiro tempo. Ela o pôs lá em cima e tirou a escada. O prazer foi efêmero e a queda foi brusca. Motivos de sobra para condená-la.

— Ela passou, deixou de existir como a conheci.

— Isso não elimina a culpa. Está justamente aí a culpa das jandiras.

— “Eu nunca me senti tão mulher.” Esta frase poderia absolvê-la.

— Não pode, porque ela traiu sua própria afirmação quando deu ao passado uma nova chance.

— Condenada, portanto.

— Condenada!

\* \* \*

— Luiza.

— A terceira jandira, a mais inesperada de todas elas. Tomou impulso em você para mudar, mas foi muito além do que você queria. Ela o transformou num Gorbatchov.

— Mas não deixou nada pendente. Quando ela mudou de caminho, sua estrada comigo já terminara, já esgotara suas possibilidades.

— A metamorfose de Luiza foi a morte de um rico personagem. Não devemos deixá-la impune.

— Um rico personagem de quem eu não tinha mais nada a receber. Não há contas a ajustar.

— Absolvida — conformou-se.

\* \* \*

— Virgínia, desenvolta e curiosa.

— Empolgante fusão de menina e mulher num belo corpo em formação.

— O contraste que o encantou deve ser preservado. Mas só pode ser conservado na memória.

— Eu não aceito que Virgínia sofra por suas virtudes, que ela seja punida pelo bem que me fez.

Absolvida.

\* \* \*

— Diana.

— Infantilidade arrogante, exigências excessivas, cumplicidade invasiva com a mãe, territorialidade castradora... Acusações graves.

— Graves mas insuficientes para condená-la.

— Por quê?

— A salvação vem de quatro frases inesquecíveis:

“Fizemos uma travessura”;

“Eu achei tão bonitinho... não resisti”;

“Obrigada pelo carinho”;

“Você teve coisas que ninguém mais terá. Em todos os aspectos”.

A defesa triunfou.

\* \* \*

— Camila.

— Olhos Tristes. Grandes, escuros, falantes e bonitos.

— Repulsa aparente ao sexo, ideologia virginal, incapacidade de evoluir para uma “postura masoquista clássica”.

— As coisas que me encantaram em Camila – seus modos ingênuos, sua docilidade, sua maneira própria de falar, seu jeito de passarinho molhado – têm as mesmas origens dos defeitos que você apontou. São inseparáveis. Se Camila não fosse tão reprimida, não teria dito, por exemplo, “ai meu Jesus, que agonia” ao receber carícias orais. Se ela não dissesse essas coisas absurdas, não seria tão fascinante. Os motivos do encantamento não podem ser separados das razões do cansaço.

— A ilusão de poder, lembra-se?

— Meu poder sobre ela manifestou-se em fragmentos, como você disse, mas foi real. Limitado, é certo, mas verdadeiro. Eu não consegui levá-la na direção desejada, mas tive Camila na palma da mão inúmeras vezes.

— Os olhos tristes o venceram.

— Naquele momento, talvez, mas não em outros, também importantes. Eu não sei se eles me venceram ou simplesmente tocaram em algo meu que não agrada a você, Sr. Implacável.

— Você não conseguiu levá-la na direção desejada e sua vontade foi anulada no momento mais importante, aquele em que você poderia ter triturado completamente a ideologia virginal de Camila.

Ele estava levando vantagem no debate. Usei o argumento final:

— “Ai meu Jesus, que agonia.” Quem mais diria isso num momento como aquele? Você quer destruir uma figura rara, sui generis, preciosa. Não devemos tornar o mundo mais pobre.

O Anão concordou em preservar Camila.

\* \* \*

— Denilma, A Bela Adormecida.  
— Denilma nos abandonou por migalhas. Está treinando para ser uma jandira.  
— Talvez ela volte.  
— Pode ser que retorne já adulta.  
— Ou pode ser que volte ainda adolescente. Haveria, neste caso, um desperdício parcial de sua adolescência.  
— O retorno é uma hipótese, o abandono é um fato. Temos que decidir agora. E sobre fatos.  
Vitória da acusação.

\* \* \*

— Adriana, a sonhadora, autora e protagonista de bizarros pesadelos.  
— Deixou uma pendência.  
— Uma pendência contextualmente pequena, um detalhe de um quadro multicolorido. Ela deixou imagens fantásticas, foi pivô de episódios pitorescos, proporcionou integrações e cumplicidades difíceis de obter. Foi um raro elemento catalisador. Uma razão para condenar, várias para absolver.  
— Tudo bem, absolvida.

\* \* \*

— Natália e Lucinha, personagens do love.  
— Cobranças, cobranças... Ciúmes, controles, preços mais altos.  
— Eu nunca me senti tão vigiado.  
— Se é você mesmo quem diz...  
— Não se anime. Natália e Lucinha, paradoxalmente, foram libertadoras. Durante anos cultivei a fantasia do love alçado ao patamar das penúltimas conseqüências. Elas não só realizaram a fantasia como me livraram dela. Depois delas, o meu mundo paralelo ficou mais contente em ser paralelo. Natália e Lucinha me libertaram da necessidade da confluência. Isto é o essencial. E isto as absolve.

\* \* \*

Estava concluída a etapa semifinal do julgamento, com catorze absolvições:

Sofia  
Sandra  
Cristiane  
Gabriela  
Boneca  
Glória  
Clarice  
Luiza  
Virgínia  
Diana  
Camila  
Adriana

Natália  
Lucinha

E seis condenações:

Daline  
Aninha  
Laura  
Catarina  
Teresa  
Denilma

Tínhamos a nossa lista sêxtupla, como nas antigas nomeações de reitores das universidades federais brasileiras. Só nos restava escolher e executar, produzir finalmente o segredo terrível.

---

## 25° INTERVALO

Surpreendeu-me o sossego da agência bancária. Mesmo nas horas de almoço dos dias de menor movimento, havia sempre uma fila, com pelo menos duas ou três pessoas. Mas naquele momento não havia ninguém. Quando me aproximei, os dois caixas olharam para mim. Eram, por coincidência, os dois que me atendiam melhor. “E agora?”, pensei. “Vou ter que escolher um e excluir o outro”.

“Bobagem. Quem vai se importar com isso?”

— Vou para quem está mais perto — expliquei.

Terminado o atendimento, o escolhido agradeceu:

— Obrigado pela preferência.

## CAPÍTULO 21

### A ESCOLHA

— Vamos reduzir o número de finalistas para cinco. Assim teremos cinco finalistas, como num concurso de miss — ironizou o Anão. — Qual das seis merece menos a sentença?

— Daline.

— Por quê?

— Ela não nos fez nenhum mal diretamente. Fez um grande mal a si mesma e nos atingiu de forma indireta.

— Proponho a execução das cinco restantes.

— De modo algum. Além de ser contra as regras do



jogo, esta decisão significaria não exercer até o fim a arte da escolha, que você mesmo exaltou ao propor que escolhêssemos um único alvo.

— Neste caso — rendeu-se — vamos trabalhar por eliminação. Qual seria a próxima a sair da lista?

— Denilma. Eu não me senti tolhido por ela no único encontro que tivemos. E a sua retirada – motivo da condenação – pode não ser irreversível. Entre razões definitivas e uma razão possivelmente provisória, não faz sentido escolher a última.

— A quarta colocada:

— Catarina. Eu não tive o caso de amor com a princesa do bordel, mas tive meus momentos de vitória e de glória.

— “Instalado confortavelmente no recanto mais íntimo e protegido do castelo da princesa” — lembrou, com um leve sorriso e um brilho intenso nos olhos. — A próxima:

— Aninha.

— Goldwater. A que abriu uma janela mas fechou duas portas. Por que ela?

— Passamos juntos três ou quatro horas. Se o retorno foi pequeno, o investimento também o foi. E, tão jovem, não é de espantar que ela me tenha negado o que negou.

— Temos, portanto, as duas grandes finalistas.

— Teresa e Laura.

Senti um frio na espinha, de alto a baixo. Que cara teria o nosso segredo? O rosto branco, risonho e alheio de Laura, com seu nariz arrebitado e cabelos de fogo? Ou as feições ensolaradas de Teresa, afiladas e compridas, atraentes e exóticas, enigmáticas?

\* \* \*

— Teresa me jogou para cima e logo depois para baixo. Tudo isso com muita força. Mas passei menos de dois meses com ela, e o que recebi naquele período não foi pouco, embora tenha sido muito, também, o que deixei de receber, naquelas sete semanas e depois. Com Laura — comparei — foram três anos de idas e vindas. Três anos! Com dois momentos importantes mas incompletos, arrancados a duras penas. E uma apoteose que foi, na verdade, uma compensação.

— Devo concluir, então...

— Laura — confirmei.

— Laura!

---

## 26º INTERVALO

A você relatei meus maiores segredos,  
pesadelos e sonhos  
e desejos e medos.

E agora que tudo acabou,

tudo aquilo morreu,  
se desfez e passou,  
você está longe mas não está só.

Pois com você se encontram meus desejos e medos,  
pesadelos e sonhos e aqueles que foram  
meus maiores segredos.

## CAPÍTULO 22

### DIVISÃO E FUGA

Tive uma noite agitada, assolada por fantasmas inquietos. Ter feito a escolha, em que tanto investira, me deu uma esquisita sensação de vazio.

No meio da madrugada, acordei sobressaltado. Foi quando vi, espremida contra a parede, a imensa figura: alto como um pivô de basquete, largo e forte como um boxeador peso-pesado.

O Gigante, muito maior do que eu, tinha uma semelhança absurda comigo. Estarrecido, não tive tempo de pensar sobre isso. Os fantasmas o assustaram, ele correu para a sala, onde foi cercado. Eles ficaram imóveis, na imobilidade apavorante de quem pode atacar de repente.

Em pânico, o Gigante olhou para mim com olhos de súplica. Mas eu nada podia fazer, além de assistir petrificado ao show de horrores. O socorro veio, porém. Chegou com o Anão, por quem os fantasmas demonstraram, instantaneamente, respeito e temor. Ele passou pelo círculo, segurou uma das mãos do Gigante e abriu caminho.

Desapareceram juntos na escuridão.

\* \* \*

Sem o Anão será impossível concluir o processo. Eu não conseguiria sozinho. Estou à espera dele, mas não sei se voltará.

A fuga aconteceu há três meses. Desde aquela noite os fantasmas não vieram mais.

Sinto-me estranhamente tranqüilo, apesar de tamanha pendência. Mas estou curioso. Onde estará o Anão? E para onde terá ele conduzido o Gigante?



“O inferno são os outros”,  
que são também o paraíso.

São as árvores na beira da estrada  
e as pedras  
no meio do caminho.

Tudo isso eles são,  
são apenas humanos.

Por este motivo eles são o inferno.  
Por esta razão,  
o paraíso.

## CAPÍTULO 23

### PERIGO!

“Assistente social morre atropelada”, dizia a manchete policial, cinco meses após a fuga. Ao lado da notícia, um retrato da vítima: rosto branco, nariz arrebitado, vasta cabeleira rubra. Alívio. Teria sido o Anão?

O jogo estava encerrado, com vitória do meu time. E os fantasmas continuavam ausentes.

\* \* \*

Dois meses depois, a surpresa: “Psicóloga morre ao cair do 8º andar”. Sob a manchete, a fotografia: feições morenas afiladas, compridas, atraentes e exóticas. A número 2 também morrerá!

O jornal de ontem me deu a certeza: o Anão está fora de controle.

E os fantasmas não me visitam mais.

\* \* \*

Não tenho dúvida de que eles matarão as seis que foram condenadas. Desconfio de que matarão as vinte: o Anão viu motivos para condenar todas elas.

Talvez não parem por aí. O Anão conhece muitas outras histórias. Ele conhece, na verdade, todas as minhas histórias. E sempre vê razões para condenar, a despeito de alguns raros acessos iniciais de generosidade.

O Anão está à solta, com o Gigante a seu lado, sob sua proteção e influência.

E não há nada que eu possa fazer.



---

## INTERVALO FINAL

“O tempo passa e a vida vai, em suas várias formas de expressão. Mas te digo, com todo o carinho do mundo: tudo que é sincero tem o seu modo de sempre ser lembrado.”

(M. R. A., setembro de 1986)

\* \* \*

— Grandes palavras — comovera-se o Anão, num gesto raríssimo. — Palavras que absolvem.

Agora, com o Anão fora de controle, até mesmo a autora dessas palavras corre perigo.

E não há nada que eu possa fazer.

## EPÍLOGO

### ANJOS DO PURGATÓRIO / TATUAGENS

#### E CICATRIZES

— Não há nada que ele possa fazer — ecoou a primeira voz, feminina.

— Não há nada que ele queira fazer — corrigiu a segunda, idem.

— A vontade não basta, mas é o começo — condensou a terceira. — Nós não podemos agir materialmente, mas podemos falar, tentar conduzi-lo a outros caminhos.

— Eu estou ouvindo — interrompi. — Não conversem entre si, falem comigo!

— É o que nós queremos — disse-me a terceira voz, também feminina (somente ela e eu falaríamos daquele momento em diante). — Você precisa fazê-los parar.

— Eu não tenho mais contato com eles.

— Você pode recuperar o contato, trazê-los para cá e prendê-los, talvez destruí-los. É a única forma de fazê-los parar.

— Por que eu deveria fazer isso? Para defender as regras do jogo que ele quebrou ao executar a nº 2?

— Não, não por isso, mas por motivos muito mais básicos. As condenações



pretendidas por ele – duas já executadas – e as absolvições que você defendeu são as duas faces de um mesmo animal. As razões para absolver são tão questionáveis quanto os motivos para condenar. Sofia, por exemplo, escapou da condenação porque você se sentiu vitorioso sobre ela; Sandra, absolvida porque desprezada; Diana, por causa de frases que o lisonjearam; Luiza, porque nada mais tinha a lhe dar quando o deixou; Camila, por ser um personagem pitoresco, algo semelhante a um animal raro. Outras foram absolvidas ou condenadas porque realizaram ou deixaram de realizar fantasias. Suas, é claro. Não há razões para condenar ou absolver, não há razões para julgar.

— Capturar o Anão e destruí-lo em decorrência do que acabou de ser dito ou por terem eles quebrado as regras do jogo, que diferença pode fazer? O efeito seria o mesmo.

— O efeito seria o mesmo se fosse possível conter o Anão sem atacar a própria idéia do processo. O Anão é filho do Julgamento. Ele tornou-se o Julgamento levado às últimas conseqüências. As acusações e as defesas, as condenações e as absolvições, os juízes, o promotor, o advogado – o próprio processo – precisam desmoronar para que o Anão também desmorone, e com ele o Gigante.

— E só restar-me a solidão?

— Outros caminhos existem.

— Agora eu preciso dormir, estou com sono, muito sono. Depois...

Enquanto adormecia, as palavras me vieram à cabeça:

Tudo passa.

Mas tudo fica.

E deixa marcas que não consigo apagar.

Eu nem mesmo quero apagá-las.

Não consigo querer apagá-las,  
tatuagens que amo e odeio,  
cicatrices que me fazem pensar.